

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

As imagens do silêncio:
Uma análise sócio-antropológica das interações entre surdos de
Belo Horizonte

Camila Barcelos Lisboa

Belo Horizonte
2007

Camila Barcelos Lisboa

As imagens do silêncio:
Uma análise sócio-antropológica das interações entre surdos de
Belo Horizonte

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Juliana Gonzaga Jayme

Belo Horizonte
2007

Camila Barcelos Lisboa

As imagens do silêncio: Uma análise das interações entre surdos de Belo Horizonte

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Belo Horizonte, 2007.

Juliana Gonzaga Jayme (Orientadora) – PUC Minas

Ana Lúcia Modesto – UFMG

Luciana Teixeira de Andrade – PUC Minas

Magda de Almeida Neves – PUC Minas

*À minha mãe,
pelo amor incondicional.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – pela bolsa a mim concedida, indispensável para a realização desse trabalho.

À Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais agradeço o apoio institucional.

O meu muito obrigado aos professores, funcionários e colegas do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC Minas, pela atenção, acolhimento, auxílio e incentivos contínuos.

Em especial agradeço à minha orientadora Juliana Jayme pela seriedade com que conduziu meus estudos, pelo carinho e acolhimento nos momentos difíceis, pela oportunidade de compartilhar dúvidas e incertezas, por ter acreditado em mim e neste trabalho.

À professora Luciana Andrade e à professora Magda Neves, pelas valiosas observações e contribuições, eu agradeço com carinho.

À professora Lucília Neves agradeço o apoio e incentivos necessários para ingressar no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC Minas.

Agradeço a Renato Calixto, por ter me auxiliado nas primeiras incursões no “mundo” dos surdos.

Aos surdos, meu agradecimento especial, por terem depositado sua confiança em mim e por tornarem possível este trabalho.

Agradeço a minha mãe, pelo apoio, pelo suporte, pela paciência, pelo amor sem limites, enfim, por existir em minha vida de maneira tão especial.

Agradeço ao meu irmão, por tudo o que representa em minha vida.

As minhas queridas tias e tios, meus queridos primos e minha avó Luiza, muito obrigada por tudo, por serem tão especiais.

Aos meus amigos, muito obrigado pelo apoio e paciência com minhas ausências.

Com amor agradeço a Rogério, por estar ao meu lado.

Escutem-me

*Hoje eu acordei muito feliz, mas ninguém me notou.
Tentei me comunicar com alguém, chamar a atenção,
mas todos me ignoraram.
Sempre é assim: tento, tento,
mas nunca sou notado ou sou alvo de atenção.
Será que sou deficiente?
O café da manhã na lanchonete da esquina foi impressionante.
Eu pedia o que tinha vontade de comer,
mas ninguém me entendia
e fui naturalmente rejeitado e ignorado.
Mais uma manhã com fome.
Na escola, os colegas e professores fingiam me notar
e eu timidamente fingia que estava sendo notado,
e em nada era compreendido ou podia compreender.
Mais um dia de aula em que nada pude aprender.
Emprego. Essa seria a saída para eu ser uma pessoa útil.
Mas as entrevistas e testes sempre foram frustrantes.
Ninguém conseguia comunicar comigo.
Tratavam-me como se eu fosse um estrangeiro muito inferior.
Mais uma tarde em que me comporto como inútil.
Talvez chegar em casa fosse minha salvação.
Encontrar a família reunida e poder contar como foi meu dia,
desabafar, contar meus anseios e sonhos.
Mas já encontrei todos muito animados
e não tive oportunidade de participar.
E pensando bem,
nem sei se conseguiriam entender o que se passa comigo.
Restam-me apenas a minha cama e meu travesseiro
para enxugar minhas lágrimas.
Só eles me suportam, acalentam-me e
me proporcionam uma noite em que posso me comunicar
através dos sonhos.
E sonhar. Sonhar com um próximo dia,
em que as pessoas me dêem a oportunidade
para fazer parte da sociedade.
E enquanto isso não acontece,
continuo sobrevivendo
em meus dias incomunicáveis e inúteis.
Tudo isso só porque sou surdo!*

Wolney Gomes

RESUMO

A proposta desta dissertação é elaborar uma reflexão sobre a construção da identidade a partir das interações sociais dos surdos da cidade de Belo Horizonte. O objeto de estudo são os surdos freqüentadores da Praça Sete de Setembro e os surdos participantes da rede virtual de relacionamentos, denominada Orkut. A hipótese principal é que o convívio dos surdos com outros surdos e mesmo com ouvintes pode sugerir que identidades diferenciadas vão sendo geradas no interior dessas experiências. Os procedimentos metodológicos compreendem a pesquisa de campo (na Praça Sete e no ambiente virtual) e a realização de entrevistas, dado que a proposta deste estudo é uma análise qualitativa das interações dos surdos investigados. O que se pretende demonstrar é que diferentes formas de identificação são adotadas pelos surdos, formuladas pelo ambiente social que freqüentam. Tanto um espaço público como a Praça Sete quanto um espaço virtual como a rede Orkut, podem influenciar na formação/conflito de identidades.

Palavras-chave: interações sociais, identidade, surdez.

ABSTRACT

The proposal of this dissertation is to elaborate a reflection on the construction of the identity from the social interactions of the deaf people of the city of Belo Horizonte. The study object is the deaf people of the Sete de Setembro Square and participant deaf people of the virtual net of relationships, called Orkut. The main hypothesis is that the conviviality of the deaf people with other deaf people and same with listeners can suggest that differentiated identities go being generated in the interior of these experiences. The methodological procedures understand the research of field (in Sete de Setembro Square and the virtual environment) and the accomplishment of interviews, that the proposal of this study are a qualitative analysis of the interactions of the investigated deaf people. What if it intends to demonstrate is that different forms of identification are adopted by the deaf people, formulated for the social environment whom they frequent. As much a public space as the Sete de Setembro Square how much virtual space as the Orkut net, can influence in the formation/conflict of identities.

Key-words: social relations, identity, deafness.

LISTA DE SIGLAS

ASL – American Sign Language

ASMG – Associação de Surdos de Minas Gerais

CAS – Centro de Capacitação de Profissionais de Educação e Atendimento às Pessoas com Surdez

CEEL – Centro de Educação e Estudos em Libras

CMC – Comunicação Mediada por Computador

CODABE – Congregação dos Deficientes Auditivos de Belo Horizonte

FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração do Surdo

FONO – Centro Médico Psicológico de Diagnóstico e Tratamento Ltda.

ISI – Instituto Santa Inês

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

NAI – Núcleo de Apoio à Inclusão da PUC Minas

NUPPES – Núcleo de Pesquisas em Políticas Educacionais para Surdos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
1.1 Metodologia de pesquisa e estrutura dos capítulos.....	14
2 PENSANDO A SURDEZ E A SUA RELAÇÃO COM IDENTIDADE, ESTIGMA E SOCIABILIDADE.....	17
2.1 Debates em torno da surdez.....	17
2.2 Interação e sociabilidade.....	21
2.3 Estigma.....	26
2.4 Identidade.....	32
2.5 Ciberespaço.....	38
3 AS INTERAÇÕES DOS SURDOS NA CIDADE REAL E NO MUNDO VIRTUAL.....	44
3.1 O fazer etnográfico em contextos urbanos.....	44
3.1.1 <i>Porque os surdos?</i>.....	46
3.1.2 <i>As entidades que atuam junto ao surdo na cidade</i>.....	49
3.1.3 <i>Os surdos da Praça Sete: Primeira fase do trabalho de campo</i>.....	51
3.1.4 <i>O divisor de águas: O curso de Libras e a segunda fase do trabalho de campo</i>.....	55
3.2 A pesquisa de campo em meio virtual.....	71
3.2.1 <i>Os surdos do Orkut</i>.....	76
4 UMA REFLEXÃO SOBRE AS (POSSÍVEIS) IDENTIDADES SURDAS.....	84
4.1 Relações identitárias entre Libras e Surdez.....	86
4.2 Sociabilidade e Identidade.....	103
4.2.1 <i>As práticas de sociabilidade dos surdos na Praça Sete</i>.....	103
4.2.2 <i>A Sociabilidade entre os surdos no Orkut</i>.....	109
4.3 O estigma e os constrangimentos nas interações sociais dos surdos.....	118
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
REFERÊNCIAS.....	126
APÊNDICE A.....	131
APÊNDICE B.....	132

1 INTRODUÇÃO

Somos notavelmente ignorantes a respeito da surdez [...] muito mais ignorantes do que um homem instruído teria sido em 1886 ou 1786. Ignorantes e indiferentes. Nos últimos meses, mencionei o assunto a inúmeras pessoas e quase sempre obtive respostas como: “Surdez? Não conheço nenhuma pessoa surda. Nunca pensei muito sobre isso. Não há nada de interessante na surdez, há?”. (SACKS, 1998. p. 15)

A preocupação com questões relativas à inclusão/integração das pessoas portadoras de necessidades especiais tem crescido ao longo das últimas décadas. Setores da sociedade civil, bem como a academia, têm dedicado boa parte de seus debates para se pensar a respeito dos problemas advindos da necessidade de incluir essas pessoas, seja no mercado de trabalho, seja nos locais públicos, seja no universo escolar. De acordo com Godoy (2001), as décadas finais do século XX assistiram a uma mudança em relação aos direitos relativos à inclusão e essa transformação não se deu de maneira pontual, abarcou toda a conjuntura internacional. O grupo das pessoas com deficiência, excluído dos direitos que a autora identifica como pertencente a todos, integra esse movimento e a concretização de algumas lutas se traduz na construção de uma legislação que atenda a essas demandas.

Para Sasaki (1999), o conceito de “inclusão” passou a ter uma delimitação mais precisa a partir dessa mudança na mentalidade internacional no que tange aos portadores de necessidades especiais. A década de oitenta é caracterizada por esse autor como um marco, pois foi a partir desse momento que países, seguindo a considerações da ONU acerca do “Ano Internacional das Pessoas Deficientes” – cujo lema é “Participação plena e Igualdade” –, passaram a aplicar os conceitos de empresa inclusiva, educação inclusiva e lazer inclusivo.

No Brasil, ecos dessa transformação no cenário internacional puderam ser notados pela criação da Comissão Nacional do Ano Internacional das Pessoas Deficientes (CARMO, 1991). Essa foi a solução encontrada pelo governo brasileiro para atender as exigências da ONU em relação à equiparação de oportunidades para pessoas com algum grau de deficiência.

Paralelo a isso, alguns setores da academia voltaram suas atenções para as questões relativas aos portadores de deficiências. A grande maioria dos trabalhos estava ligada à educação, cuja preocupação principal era dar visualidade e

proporcionar entendimento a respeito das questões relativas aos direitos dos então “deficientes” no Brasil. Nessa linha foram elaborados estudos sobre a surdez, preconizando a educação dos surdos como meio de emancipação desses indivíduos, uma educação que valorizasse a diferença ao invés da deficiência. Seguindo essa linha, um movimento de resgate e afirmação de identidades e culturas surdas foi aos poucos se estabelecendo entre as instituições que de alguma maneira prestam atendimento aos surdos (KLEIN; LUNARDI, 2006).

A legitimação de expressões como cultura e identidade surdas se deu – tanto nos debates acadêmicos quando entre as instituições ligadas aos surdos – principalmente pela defesa de uma língua que seria natural ao surdo: a língua de sinais. Santana e Bergamo (2005) entendem que essa luta política pela inclusão dos surdos, entendidos como uma minoria social – luta baseada na afirmação de uma identidade e cultura surda –, é uma maneira que esses movimentos encontraram para garantir o afastamento da “anormalidade”, ou seja, a surdez deixa de ser apreendida como uma patologia e passa a ser vista como fenômeno social.

A compreensão da problemática dos surdos e o significado social da surdez são temas atuais e importantes e, portanto, justifica a proposta deste estudo que é elaborar uma reflexão sobre a construção da identidade e das interações sociais dos surdos da cidade de Belo Horizonte. Essa reflexão é fio condutor desta dissertação, cujo objeto de estudo são os surdos freqüentadores da Praça Sete e os surdos participantes da rede virtual de relacionamentos, denominada Orkut.

Inicialmente, a delimitação do objeto de estudo se fez em torno de dois tipos de surdo, quais sejam, os oralizados e os sinalizados. Faz-se necessário, aqui, distingui-los. Em primeiro lugar, é importante destacar que surdos e deficientes auditivos não são “surdos-mudos” conforme informa o senso comum. A ausência ou perda da audição nada tem a ver com a integridade do aparelho fono-articulatório, que muitas vezes permanece intacto nos surdos. Portanto, surdos não são mudos. Não são muitos os surdos que apresentam uma fala articulada, o que pode ser explicado pela dificuldade que muitos deles apresentam em adquirir uma língua cuja base se dá na categoria oral auditiva. No entanto, avanços tecnológicos e científicos no campo da fonoaudiologia têm possibilitado tratamentos de recuperação verbo-tonal, o que possibilita ao surdo o desenvolvimento da fala por meio de treinamento intensivo. (MOURA, 2000; QUADROS, 1997; FONSECA, 2001).

Neste trabalho a análise recai principalmente em dois tipos de surdos: os sinalizados – aqueles que se comunicam preferencialmente através da modalidade visual/gestual, ou seja, a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) – e os surdos denominados oralizados, que se comunicam por meio da leitura labial e às vezes apresentam fala articulada graças aos tratamentos fonoaudiológicos. A Praça Sete foi escolhida como local de observação em razão da grande concentração de surdos sinalizados. Já os surdos oralizados foram encontrados em maior número no campo virtual, especificamente na rede de relacionamentos Orkut. Entretanto, homogeneizar os indivíduos pertencentes a esses grupos é arriscado, podendo levar a uma concepção errônea da sua realidade. Assim, apesar dessa divisão inicial em dois grupos, não se descarta a possibilidade de existirem outras formas de se vivenciar a surdez. Como será discutido mais adiante, os atuais debates sobre identidade colocam que elas são fluídas, múltiplas, transitórias, flutuantes (HALL, 1997, SILVA, 2000, WOODWARD, 2000, entre outros), podendo assim o indivíduo surdo ser interpelado de maneiras diferenciadas de acordo com a situação social em que se encontra. Nesse sentido, indaga-se sobre a possibilidade de existência de uma ou mais identidades surdas e, se sim, como ela(s) se constrói (em). É possível dizer que há um conflito entre surdos sinalizados e surdos oralizados? Ou, perguntando de outra forma, a identidade surda se constrói em relação aos oralizados, em relação aos ouvintes ou em relação a ambos? Os surdos e os surdos oralizados podem se juntar em uma identidade em oposição ao ouvinte?

A fim de se iluminar as questões que serão trabalhadas ao longo da dissertação, cabe aqui explicitar os objetivos propostos e os conceitos principais que embasaram esta pesquisa. O objetivo principal foi investigar a possibilidade de se pensar em uma (ou mais) identidade (s) surda (s) e, se sim, como elas seriam formuladas e se seriam conflituosas entre si e em relação aos ouvintes. Dos objetivos específicos, pode-se destacar o esforço de se compreender as práticas de sociabilidade e interação dos surdos da Praça Sete e dos surdos participantes do Orkut, a fim de se apreender a existência de uma ou mais identidades surdas e se elas estabelecem algum confronto entre si.

Buscou-se também avaliar em que medida a Praça Sete possui um potencial identitário para o grupo dos surdos que a frequenta, que tipo de sociabilidade esses sujeitos encontram naquele espaço e de que maneira isso pode contribuir para a formação de uma possível identidade surda. Investigar o posicionamento dos surdos

em relação a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), a fim de se averiguar alguma relação identitária entre LIBRAS e surdez, indagando sobre as implicações do uso dessa modalidade lingüística para a sociabilidade dos surdos entre si e com a sociedade em geral constituiu-se também em outro objetivo desta pesquisa. Por fim, objetivou-se ainda avaliar em que medida o estigma constrange o sujeito surdo em suas interações sociais e de que maneira isso pode contribuir para a construção da identidade desses indivíduos.

Sociabilidade, estigma e identidade são os conceitos principais que dão embasamento teórico a esta dissertação. Simmel (1983) é a referência para o entendimento do conceito de sociabilidade. Sabe-se que o autor elabora um tipo ideal ao definir sociabilidade como uma interação que está isenta de qualquer outra motivação que não seja a interação em si mesma. Contudo, não se busca utilizar o conceito aqui de maneira estrita. No que tange à problemática da vida cotidiana, ao se estudar a maneira como os surdos se relacionam, seu dia-a-dia, a forma como estabelecem suas conversas, suas regras de aproximação ou evitação, em suma, suas interações, o uso de uma forma mais abrangente do conceito é fundamental. Em outras palavras, busca-se aqui um uso do conceito de maneira que não se ignore as motivações que orientam as interações dos surdos, já que é pouco provável que se encontre na realidade um tipo puro de sociabilidade tal qual aquela preconizada por Simmel.

Paralelo ao conceito de sociabilidade, tem-se o de estigma, dado por Goffman (1988). Entende-se estigma como uma “marca”, algo que ao ser percebido (geralmente o é imediatamente) imputa ao portador uma série de características (às vezes depreciativas). Essas características são elaboradas a partir de um modelo normativo do que é aceitável ou não. Nesse sentido, ao se captar as características estigmatizantes do indivíduo, suas outras características acabam por ser ofuscadas. Dessa maneira, se processam as atitudes de isolamento, discriminações e outras do gênero. No estudo das interações sociais dos surdos, entre si e com os ouvintes, o conceito de estigma tem correlação com o de interação, já que o primeiro se revela quando se estabelece o segundo. A surdez é o estigma do surdo nas interações com os ouvintes, e ela se revela claramente no território da sociabilidade desses indivíduos.

Merece destaque ainda o conceito de interação, também baseado em Simmel, que vem completar o sentido do uso dos conceitos explicitados acima. Procura-se no conceito de interação o entendimento da ação recíproca estimulada para determinados

fins. No caso dos surdos, este estudo usa esse conceito para entender questões várias, como por exemplo, os objetivos das reuniões desses indivíduos na Praça Sete ou mesmo a aglutinação em torno de comunidades virtuais tal como a “Surdos Oralizados - BH”. A interação deve ser analisada aqui, na medida em que se coaduna com as preposições de Simmel sobre o conceito de sociedade, realidade inter-humana, não estática e em constante mudança.

Por fim, o conceito de identidade. Sabe-se que esta noção é polissêmica, mas um aspecto consensual ao conceito refere-se ao fato de que a identidade é relacional. Além disso, a bibliografia mais contemporânea¹ trata a noção em sua fluidez e multiplicidade, além de destacar que ela é condicional à lógica da diferença, ou seja, é contrastiva, e é dessa forma que a identidade será pensada aqui.

1.1 Metodologia de pesquisa e estrutura dos capítulos

Para a pesquisa de campo na Praça Sete, o método escolhido foi a observação participante. Malinowski (1986) sistematiza esse método na introdução de obra *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. De acordo com o autor, nesse tipo de trabalho “captar o ponto de vista do nativo, sua relação com a vida, apreender a sua visão do seu mundo” (MALINOWSKI, 1986, p.48) deve ser a principal preocupação do etnógrafo. Aprender a língua do nativo é também uma das exigências indicadas por Malinowski. Desse modo, para se tornar viável a minha observação, freqüentei um curso de língua de sinais, a fim de entender e me comunicar com os surdos. A partir da pesquisa preliminar e da constatação de que o horário de maior concentração de surdos na Praça Sete é ao fim da tarde, quando a maioria está chegando do trabalho ou da escola, optou-se por freqüentar a Praça em momentos de maior aglomeração de surdos.

O recurso a entrevistas semi-estruturadas foi utilizado na pesquisa de campo na Praça Sete, entretanto, alguns percalços foram inevitáveis. Para a maioria dos surdos, especialmente aqueles que só se comunicam pela Libras, o português é um outro idioma, extremamente difícil de ser compreendido. É importante ressaltar que a Libras, como toda língua de sinais, é uma língua de modalidade gestual-visual que utiliza, como canal ou meio de comunicação, movimentos gestuais e expressões faciais que são percebidos pela visão. Logo, é distinta da língua portuguesa, uma vez que essa é

¹ Por exemplo, Hall (1997) e Woodward (2000), entre outros.

uma língua de modalidade oral-auditiva, cujo canal ou meio de comunicação são os sons articulados percebidos pelos ouvidos. Portanto, a Libras é uma língua diversa ao português, apresentando uma estrutura gramatical completamente diferente (GÓES, 1996; MOURA, 2000; QUADROS, 1997; SKLIAR, 1998; SÁ, 2002).

As entrevistas na Praça Sete foram peculiares, uma vez que foi necessária a minha tradução do português para Libras e da Libras para o português, o que tomou muito tempo, cada entrevista durava mais de uma hora e meia entre traduções e anotações. Os surdos se cansavam facilmente, várias entrevistas foram interrompidas e algumas nem mesmo concluídas. Contudo, buscou-se fazer uma etnografia considerando os surdos que freqüentam a Praça Sete como atores sociais que agem e interagem no espaço urbano. Assim, além das entrevistas, procurei observá-los, no local de interação, além de tentar conversar informalmente com eles. O esforço para a compreensão do “horizonte cultural” desses sujeitos é de fundamental importância para se entender sua realidade. Posto isso, ressalta-se que a pesquisa de campo realizada para este trabalho, bem como a transcrição da experiência de campo, tem como base as considerações metodológicas apresentadas acima.

Em relação a uma metodologia específica para o trabalho de campo na Internet, tem-se o artigo de Rita Amaral, disponível no site do Núcleo de Antropologia Urbana da USP – NAU, que informa os caminhos e as peculiaridades de como realizar uma pesquisa de campo em meio virtual. A autora descreve o “campo virtual” e chama atenção para as discussões e reelaborações que são inerentes ao uso desse recurso como meio de investigação: conceitos antropológicos como “familiaridade com o grupo”, “deixar o campo” e mesmo a atitude de interação entre pesquisador e pesquisado merecem ser repensadas. Nas palavras da autora *“parece claro que o conceito de cultura se aplica a estes grupos que se reúnem e mantém uma vida comum através da comunicação via Internet.”* (AMARAL, p.4). Igualmente importantes são as contribuições de Vianna (1997), que realiza um estudo de caso sobre a maneira como as relações do chamado mundo virtual podem se concretizar na vida real. O autor investigou as relações sociais que diferentes jovens cariocas estabeleciam via novos recursos tecnológicos de comunicação.

O debate em torno do ciberespaço como meio de sociabilidade e a conseqüente afirmação da Comunicação Mediada por Computador – CMC – como campo novo de investigação e reflexão das para as ciências sociais foi extraído dos trabalhos de Guimarães Junior (1998, 1999), André Iemos (s/d), Pereira da Silva (2004a; 2004b),

Levy (1998). Para esses autores, as redes telemáticas como a Internet oferecem suporte a um espaço simbólico que abriga atividades de caráter societário. Mais do que um meio de comunicação são palco para representações e práticas dos grupos que a utilizam/habitam.

O Orkut foi escolhido para este trabalho como “campo virtual” de investigação porque se apresenta como uma rede *on-line* que conecta os indivíduos a fim de promover interações e relacionamentos. Além disso, no Orkut existem várias comunidades virtuais, geradas em torno de interesses comuns, que oferecem um rico campo de análise. O Orkut conta ainda com ferramentas próprias para propiciar a interação de seus membros, seja de maneira sincrônica, como o “*chat*”, seja de modo assíncrono, como os tópicos de discussão das comunidades. Investigar as interações dos surdos nesse espaço virtual e analisar a participação deles em determinadas comunidades virtuais do Orkut pode incitar algumas reflexões no campo das identidades.

Apresenta-se agora estrutura de cada capítulo desta dissertação. No primeiro capítulo estará presente uma reflexão sobre a surdez, acompanhada de uma discussão conceitual sobre identidade, estigma, interação e sociabilidade, além de apresentar uma contextualização dos conceitos necessários para estudos realizados no ciberespaço.

A reflexão sobre a pesquisa empírica estará presente no segundo capítulo, em que se elaborará uma sistematização das observações de campo a fim de se caracterizar as interações dos surdos na ‘cidade real’ e no mundo virtual. O terceiro capítulo dedicar-se-á à discussão do processo de formação da identidade dos surdos face às interações que estabelecem entre si e com os ouvintes, relacionando essas problemáticas com o espaço em que ela se desenrola, seja ele real ou virtual. O estigma e os constrangimentos que ele acarreta nas interações dos surdos também será discutido nesse capítulo. Nas considerações finais, elaborar-se-á reflexões sobre o objeto e a hipótese da pesquisa, reflexões apoiadas em questões que surgiram durante o processo de investigação e que se tornaram relevantes para o debate em torno do tema da pesquisa.

2 PENSANDO A SURDEZ E A SUA RELAÇÃO COM IDENTIDADE, ESTIGMA E SOCIABILIDADE

2.1 Debates em torno da surdez

A compreensão da problemática dos surdos e o significado social da surdez são temas atuais e importantes, uma vez que se percebe nas ultimas décadas um crescente e expressivo interesse por questões relativas à inclusão/integração das pessoas portadoras de necessidades especiais, tanto nas reflexões acadêmicas quanto de outros setores da sociedade.

Muito se discute sobre sociedade inclusiva a partir dos anos oitenta, debate que é fruto de uma mudança na conjuntura internacional. Andréia Godoy (2001), que realiza um estudo sobre as idéias e direitos relativos à inclusão, percebe os anos oitenta como um momento histórico importante na medida em que vários segmentos da sociedade estão se organizando em torno de uma luta por esses direitos. O grupo das pessoas com deficiência, excluído dos direitos que a autora identifica como pertencente a todos (educação, locomoção, cultura, lazer, esporte, saúde, trabalho e transporte), faz parte desse movimento, sendo que algumas lutas são concretizadas na criação de legislação que atenda a essas demandas.

Segundo Romeu Kazumi Sassaki (1999) a análise sobre inclusão e educação se tornou mais precisa a partir de uma mudança na mentalidade social internacional em relação às pessoas portadoras de necessidades especiais:

Inspirada no lema do Ano Internacional das Pessoas Deficientes (“Participação Plena e Igualdade”), tão disseminado em 1981, uma pequena parte da sociedade em muitos países começou a tomar algum conhecimento da necessidade de mudar o enfoque de seus esforços. Para que as pessoas com deficiência realmente pudessem ter participação plena e igualdade de oportunidades, seria necessário que não se pensasse tanto em adaptar as pessoas à sociedade e sim a sociedade às pessoas (Jönsson, 1994,p.63). Isto deu início ao surgimento do conceito de inclusão. (SASSAKI,1999, p.113)

O “Ano Internacional das Pessoas Deficientes” também aparece nos estudos de Apolônio Abadio do Carmo (CARMO, 1991). O autor realiza uma pesquisa sobre a marginalização e a discriminação dos “deficientes” nas relações entre os homens no

modo de produção capitalista, argumenta que as questões relativas aos deficientes são históricas e culturais e, por isso, estão em constante mudança. Em relação à transformação da década de oitenta no cenário internacional, o autor informa sobre os reflexos desse movimento no Brasil, com a criação da Comissão Nacional do Ano Internacional das Pessoas Deficientes, solução encontrada pelo governo brasileiro para atender as exigências da ONU (CARMO, 1991). E é nessa conjuntura que vários estudos foram elaborados, a maioria deles na área da educação, objetivando dar maior visibilidade e entendimento a respeito das questões relativas aos direitos dos então “deficientes” no Brasil.

Em relação aos estudos sobre surdez, o enfoque principal estava na educação dos surdos como meio de emancipação desses indivíduos, uma educação que valorizasse a diferença ao invés da deficiência². A grande maioria dos trabalhos preconizava uma mudança de paradigma no que se entendia por educação de surdo. Questionava-se o método oralista, que em linhas gerais visava a ensinar o surdo um modo de comunicação oral-auditivo, através do treinamento da leitura orofacial e tratamentos fonoaudiológicos. A ênfase na oralidade se justificava na necessidade de se ensinar o surdo a falar e mais do que isso, a falar bem e de forma compreensível. Segundo Botelho (1998) “*o valor reside fundamentalmente na estética do falar*” (BOTELHO, 1998. p. 24). No entanto, essa metodologia não era totalmente eficaz, especialmente para aqueles que apresentavam um quadro de surdez profunda³. De acordo com Pfeifer (2003) nem mesmo os surdos oralizados são capazes de desenvolver uma fala tal qual a dos ouvintes. A insistência na aprendizagem do português, em detrimento da língua de sinais, gerava em algumas ocasiões o sentimento de frustração tanto da família quanto do surdo, além do profissional que prestava o atendimento (MOURA, 2000).

A maneira como os discursos educacionais adeptos da metodologia oralista representavam o surdo, bem como a restrição do uso de sinais na educação, eram os pontos mais criticados dessa vertente educacional. Os críticos dessa vertente baseavam seus questionamentos em uma concepção de inclusão diferenciada, que preconizava a integração do surdo na sociedade a partir de um ajustamento dessa última para com a realidade do surdo. Esses trabalhos explicitavam a importância do uso da Língua

² Um histórico completo da educação de surdos no Brasil e no mundo pode ser encontrado em MOURA, 2000.

³ A definição dos graus de surdez será apresentada adiante. No momento basta dizer que a surdez profunda é a situação em que o indivíduo não possui nenhuma sensação auditiva.

Brasileira de Sinais – ainda não reconhecida oficialmente pelo estado brasileiro⁴ – para o processo de aprendizagem do surdo, inaugurando as discussões que relacionam a cultura e a identidade surda ao uso de sinais para a comunicação⁵.

No fim dos anos 1990 esses estudos crescem de maneira vertiginosa, especialmente a partir do surgimento de vários centros acadêmicos de estudos voltados para a educação especial. Dentre esses centros, destaca-se o NUPPES, Núcleo de Pesquisas em Políticas Educacionais para Surdos, criado por professores e alunos do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Esses estudiosos criaram um espaço acadêmico denominado *Estudos Surdos em Educação*⁶. Priorizando a situação lingüística, cultural e identitária dos surdos, numa perspectiva denominada “sócio-cultural da surdez”, a distinção entre *Surdo* e *Deficiente Auditivo* surge para esses estudiosos como demarcação fundamental para se abordar o indivíduo surdo.

O termo Deficiente Auditivo, largamente utilizado por profissionais da área médica, bem como por profissionais ligados à educação de surdos tem sua classificação apresentada da seguinte maneira⁷: *DA leve*, com perda de 20 a 40 dB, caracteriza-se pela desatenção e distração, especialmente porque o portador não percebe todos os sons das palavras, especialmente a voz fraca e distante. *DA média ou moderada* é aquela que se localiza entre 40 a 70 dB de perda, a pessoa geralmente precisa de apoio visual para entender a mensagem, sendo a prótese necessária. Já a *DA severa* implica em perda de 70 a 90 dB, o apoio visual e a prótese também são necessários, pois só sons fortes e familiares são percebidos. A *DA profunda* caracterizada pela perda auditiva superior a 90 dB não permite as informações auditivas, o que impede o desenvolvimento da fala graças à falta de um modelo. Essas delimitações, sintetizadas a partir da leitura do estudo de Dorziat (s/d), contemplam a visão clínica de padrões classificatórios acerca da surdez. O Ministério da Educação e Desporto (MEC), entretanto, conceitua a deficiência auditiva como:

Perda total ou parcial, congênita ou adquirida, da capacidade de compreender a fala através do ouvido. Manifesta-se como surdez leve ou moderada,

⁴ A LIBRAS foi reconhecida oficialmente pela Federação Brasileira em 2002, através da lei 10.436, publicada em abril do mesmo ano. Pelo Estado de Minas Gerais, a LIBRAS é considerada oficial desde a publicação da lei 10379, em 10 de janeiro de 1991.

⁵ Ver BOTELHO, 1998; FERREIRA-BRITO, 1993; GÓES, 1996; QUADROS, 1997; SOARES, 1999; SKLIAR, 1998; MOURA, 2000.

⁶ Maiores explicações sobre esse programa de pesquisa em educação, ver SKLIAR, 1998.

⁷ Ver COUTO, 1985; apud DORZIAT, s/d.

que é a perda de até 70 decibéis e surdez severa ou profunda que é a perda auditiva acima de 70 decibéis. (BRASIL, 1994 p.14).

Dentro dessa concepção, na surdez moderada, o indivíduo consegue se expressar oralmente e possui a sensibilidade de perceber a voz humana, com ou sem a utilização de aparelhos auditivos, sendo que na surdez severa, o indivíduo não consegue perceber a voz humana e, por isso, apresenta sérias dificuldades em adquirir, naturalmente, o código da linguagem oral⁸.

Para os estudiosos da surdez, do ponto de vista sócio-cultural, o que vem a ser surdo difere de maneira muito clara do que se entende por deficiente auditivo, extrapolando o conceito de surdez para além das categorizações médicas. Deficiência, para eles implica impossibilidade, incapacidade, o que não poderia designar o surdo, já que eles apresentam outras potencialidades. Assim, seria mais conveniente, segundo esses autores, pensar em diferenças ao invés de deficiências, sendo ‘surdo’ o termo adequado. Nessa abordagem, o surdo se difere do ouvinte não só porque não ouve, mas porque possui suas próprias potencialidades psicoculturais⁹. Dessa forma, o uso do termo “surdo” ao invés de “deficiente auditivo” contribuiria para minimizar os efeitos de descrédito social atribuídos ao indivíduo surdo. A denominação “surdo” favoreceria a identificação antes pela diferença do que pelo estigma. Empregar o termo “deficiente auditivo” coincidiria com os procedimentos de padronização dos surdos em uma “cultura ouvinte”. Essa concepção de surdez, no entanto, não nega que a limitação auditiva seja um fator de identificação, da mesma forma que a necessidade da língua de sinais cria conseqüências de ordem social que ultrapassam a perda auditiva. A forma particular de comunicação desses indivíduos implica na sua designação como um grupo, além do seu reconhecimento como uma minoria cultural, com o “*direito de ter sua cidadania plenamente desenvolvida e sua diferença amplamente considerada*” (SÁ, 2002, p. 7).

De que maneira se entende a surdez nesta dissertação? A opção aqui se faz em não enquadrar os indivíduos, que por diversas razões não ouvem, em categorias rígidas, uma vez que as situações em que a surdez se apresenta são as mais variadas possíveis. Na realidade empírica se verifica vários tipos de indivíduos surdos, que se identificam de maneiras diversas e que apresentam situações socioeconômicas

⁸ BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. *Política Nacional de educação especial*. Brasília: MEC, SEESP, 1994.

⁹ SÁ, 2002; SKLIAR, 1998; QUADROS, 1997; FERREIRA-BRITO, 1993; MOURA, 2000; dentre outros são autores que coadunam com esse posicionamento.

diferenciadas, como se verá no capítulo que se segue. Categorizar e dividir a realidade social entre uma “cultura majoritária ouvinte” e uma “cultura minoritária surda” não contribui muito para o debate em torno do tema, pelo contrário, acaba por homogeneizar o que é heterogêneo. Considerar aqueles que não ouvem como pessoas incapazes, tampouco vem a ser uma boa alternativa. Dessa maneira, busca-se aqui uma posição intermediária, que não desconsidera as limitações e constrangimentos do indivíduo surdo em suas interações, na mesma medida em que entende as potencialidades e especificidades culturais desses indivíduos nos diversos contextos da sociedade.

Encara-se a surdez aqui como uma “*condição intrinsecamente adversa*” (BUENO, 1998, p.11), que implica em restrições, mas que não elimina as condições sociais determinadas por gênero, classe e raça no entendimento das interações dos indivíduos surdos. Não se nega, entretanto, o elemento de integração dessa condição na análise dos dados recolhidos. Em muitas situações se percebe a união dos indivíduos surdos em um determinado espaço, como a Praça Sete, por exemplo, graças a essa característica em comum, que é a surdez. Vários surdos relatavam que ali estavam porque gostavam de estar entre surdos.

2.2 Interação e sociabilidade.

Primeiramente, faz-se necessário ressaltar que o conceito de sociedade a ser adotado neste trabalho vai ao encontro das noções ditadas pela sociologia de Georg Simmel (1983). O nome “social” não se refere a tudo o que acontece na sociedade, essa não pode explicar ou mesmo compreender tudo o que se passa, logo, Simmel (1983) não concebe a sociedade como algo acabado, estático. A sociologia como ciência empírica deve ter, para o autor, por objeto ou campo de estudo, as múltiplas interações. Em relação ao grupo de surdos escolhidos neste trabalho, busca-se compreender as interações múltiplas que esses indivíduos estabelecem entre si e com os outros. O domínio da sociologia de Simmel são as formas que tomam os grupos de homens, unidos para viver uns com os outros, uns contra os outros ou mesmo uns ao lado dos outros. Nesse sentido, as formas que tomam o grupo de indivíduos surdos

merecem ser estudadas e esclarecidas, na medida em que apresentam algumas peculiaridades que serão apresentadas mais adiante.

O conceito de interação utilizado nesta dissertação pode ser entendido a partir de uma ação recíproca estimulada para determinados fins, ou mesmo por instintos, que podem ser sociais, religiosos, eróticos entre outros. De acordo com Simmel (1983), sociedade só é possível onde existam indivíduos que estabeleçam interação e esses fins e instintos são os responsáveis pela convivência dos homens entre si, sendo que uma série de circunstâncias correlatas é percebida pelas ações, sejam estas a favor, contra ou em conjunto deles, os homens. Dito de outra maneira, esses fins e instintos exercem e recebem influência sobre os/dos homens, e as interações resultam dessa influência, os indivíduos se unem e se convertem numa sociedade. Essa unidade é entendida por Simmel (1983), em seu sentido empírico, como interação de elementos¹⁰.

A sociologia empírica de Simmel tem como objeto fundamental os processos sociais originados nas múltiplas interações entre os indivíduos e a sociedade, constituída como a realidade inter-humana, em constante mudança, não estática. A esses processos fundamentais, a unidade baseada nas interações, Simmel dá o nome de sociação¹¹ (*Vergesellschaftung*) (SIMMEL, 1983).

Se a sociedade existe onde indivíduos estabelecem relações entre si e essas interações possuem efeitos recíprocos, a ação social produzida aí cria uma unidade que se distingue de outras similares a partir de específicas relações de reciprocidade. O objeto da pesquisa sociológica se revela então nas formas sociais de sociação, presentes no agir e na convivência social, sendo as ações recíprocas sua base.

Designo como conteúdo ou matéria da sociação tudo quanto exista nos indivíduos (...), tudo enfim capaz de originar ação sobre ou a recepção de suas influências.(...) A sociação só começa a existir quando a coexistência isolada dos indivíduos adota formas determinadas de cooperação e de colaboração, que caem sob o conceito geral de interação. A sociação é, assim, a forma, realizada de diversas maneiras, na qual os indivíduos constituem uma unidade dentro da qual se realizam seus interesses. E é na base desses interesses – tangíveis ou ideais, momentâneos ou duradouros, conscientes ou inconscientes, impulsionados casualmente ou induzidos teleologicamente – que os indivíduos constituem tais unidades. (SIMMEL, 1983, p. 60).

¹⁰ Ver “O problema da Sociologia” In: SIMMEL, 1983.

¹¹ Evaristo Moraes Filho (1983) informa que *vergesellschaftung* ao pé da letra significa “socialificação”. Entretanto, o autor decide por adotar a tradução “sociação” a fim de se fugir de equívocos, uma vez que sociação difere de “socialização” e também de “associação”. Já Dahme e Rammstedt (1998) entendem *vergesellschaftung* como “socialização”, formas sociais de integração. Optou-se nesse estudo o conceito “sociação”, seguindo as orientações de Moraes Filho.

É importante ressaltar, no conceito de sociação, a base de interesses que sustenta as relações de reciprocidade, origem da unidade na qual se realizam esses mesmos interesses. De acordo com Moraes Filho (1983), o processo de sociação seria composto pelas motivações dos indivíduos, seja em forma de impulsos, interesses ou mesmo objetivos. Relacionando ao grupo de surdos, quais seriam as bases de interesses que orientam as relações de reciprocidade? Percebe-se que ao se unirem na Praça Sete ou mesmo nas associações, o interesse lúdico em estabelecer uma conversa ou mesmo para praticar determinado esporte origina a unidade desses indivíduos. Esse ponto será retomado e melhor discutido no quarto capítulo.

A sociologia formal de Simmel pondera que a forma é o objeto próprio da sociologia, é o invariante, enquanto os conteúdos concretos cabem às outras ciências sociais. Forma e conteúdo, porém, são inseparáveis. Cabe à ciência sociológica o trabalho de abstração, construtor imprescindível da forma. As formas puras funcionam como “tipos-ideais”, embora na vida social real estejam dispostas em fragmentos¹². Em outras palavras, compreende-se o conteúdo concreto como o indivíduo real e tudo o que está presente nele, tudo¹³ que motive as influências a serem dadas ou recebidas; enquanto a forma estaria ligada às interações, às modalidades e às formas de sociação. De acordo com Simmel (1983), ao se unir conteúdo e forma, se tem a sociedade real, no sentido amplo e costumeiro do termo. A separação entre eles, possível unicamente pela abstração científica, a sistematização das formas de sociação e interação (que dão aos conteúdos o caráter de social) é para Simmel (1983) o fundamento de uma ciência especial da sociedade.

E é exatamente nessa separação entre conteúdo e forma da vida societária que se esclarece o conceito de sociabilidade. Segundo Simmel (1983)¹⁴, as formas resultantes do processo de desenvolvimento e formação dos interesses e conteúdos individuais ou materiais, a partir das interações, quando liberadas dos conteúdos, ou seja, quando passam a existir por si só e também pelo deslumbramento oriundo da libertação mesma desses vínculos, se tornam sociabilidade.

“O ‘impulso de sociabilidade’ extrai das realidades da vida social o puro processo da sociação como um valor apreciado, e através disso constitui a sociabilidade no sentido estrito da palavra” (SIMMEL, 1983. p. 169). Para a

¹² De acordo com as proposições de MORAES FILHO (1983).

¹³ De acordo com Simmel (1983) aqui estão contidos os propósitos, os interesses, o estado psíquico, o impulso, o movimento.

¹⁴ Ver “Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal”. In: SIMMEL, 1983.

sociabilidade, as motivações verdadeiras da sociação, propiciadas pela vida, não apresentam nenhuma importância. A relação da sociabilidade com a realidade é meramente formal, sem atritos. Por essa razão Simmel entende a sociabilidade, categoria sociológica, como *a forma lúdica da sociação*. Essa relação soluciona o que o autor considera o maior impasse da sociedade: a distinção entre as dimensões de peso e importância da esfera social por um lado e do indivíduo propriamente por outro na sua vida total.

Não se ignora aqui que Simmel elabora “um tipo ideal” ao definir sociabilidade como uma interação que está isenta de qualquer outra motivação que não seja a interação em si mesma. Não é dessa maneira estrita que se busca utilizar o conceito aqui. Ao se estudar o dia-a-dia dos surdos, a maneira como se relacionam e estabelecem suas conversas, suas regras de aproximação ou evitação, ou seja, suas interações, o uso de uma forma mais abrangente do conceito é fundamental. Em outras palavras, busca-se aqui um uso do conceito de maneira que não se ignore as motivações que orientam as interações dos surdos. Na sociabilidade, a forma social determinada é a reunião. Os atributos objetivos pertencentes aos integrantes da reunião, e que não dizem respeito a ela, não podem dela participar. Para a sociabilidade, atributos como cultura, fama, posição social e outras capacidades excepcionais não representam qualquer papel. Da mesma maneira, os traços mais pessoais, como o caráter, não devem participar da sociabilidade (SIMMEL, 1983). De maneira similar se percebeu entre os surdos de Praça Sete essa forma social de reunião. Os surdos se encontravam e se reuniam em grupos, cuja composição não dependia dos atributos objetivos dos membros. Notou-se que dentre os principais objetivos para o encontro na praça estavam às interações baseadas na conversação em língua de sinais. Para os surdos da Praça Sete, a sociabilidade que eles desenvolvem na praça é significativa, portanto, razão para o encontro. É importante ressaltar que a sociabilidade se constitui em uma ‘forma pura’ de sociação, ou seja, não encontra correspondência perfeita na realidade empírica.

Da mesma maneira, o homem sociável não é possível em nenhum lugar senão nas relações sociáveis, uma vez que perde todas as qualificações objetivas de sua personalidade. Os limites da sociabilidade para Simmel podem então ser compreendidos em duas instâncias: superiores, quando o indivíduo interage visando propósitos objetivos; e inferiores, quando os indivíduos são movidos por elementos

subjetivos, pessoais. Quando esses limites são transpostos, a sociabilidade se torna antes um contato formalista e superficial do que o princípio central da sociação.

Um momento importante para se entender a sociabilidade, e cuja compreensão também é cara a este estudo, é o momento da conversação. Para Simmel (1983), as pessoas direcionam as suas conversas a determinados conteúdos que desejam comunicar ou mesmo se entender, graças à seriedade da vida. Já o conversar por conversar só é possível em uma reunião social, o que se verificou entre os surdos da Praça. A importância das formas pelas quais se realiza a troca de palavras (no caso aqui, a troca de sinais) é derivada delas mesmas, ou seja, nenhum conteúdo tem importância por si mesmo para que a conversação se satisfaça como mera forma. Segundo o autor, tal constatação não implica em estabelecer uma conversação de conteúdo indiferente. Esse pode ser importante, atraente ou mesmo interessante, desde que não seja o propósito da conversação e que não busque resultado objetivo. O assunto deve encontrar seu direito e propósito no jogo da própria conversação. Logo, a rapidez e a facilidade com que o assunto é mudado em uma conversação social é uma constante. O assunto é um meio e como tal, comparado aos estabelecidos fins, é caracterizado pela permutabilidade e casualidade. Na Praça Sete, os assuntos que permeiam as conversações dos surdos possuem as características apontadas acima, não são o propósito e sim o meio para a conversa. Os surdos não se reúnem para discutir o que foi publicado em determinado jornal, mas discutem uma matéria do jornal do dia porque estão conversando na Praça.

Simmel considera ainda a conversa como “caminho de ida e volta”, “*a forma mais pura e elevada de reciprocidade*”. (SIMMEL, 1983, p. 177). Ela realiza uma relação que não pretende ser nada além dela mesma, ou seja, torna-se conteúdo auto-suficiente aquilo que costuma ser uma simples forma de interação. Aqui, o tato que revela os elementos da sociabilidade é sutil, a objetividade cultivada tem seu interesse principal na própria sociabilidade. No ‘conversar’ a consciência comum de reunião transparece na possibilidade de todos poderem contribuir sem que essa contribuição esteja vinculada a este ou aquele indivíduo: aquele que contribui não apresenta nenhuma notoriedade no grupo. Tal é exemplificado por Simmel através das anedotas, ouvir e contar histórias, piadas. A partir do exposto, é possível dizer que nas reuniões de surdos na Praça Sete há esse tipo de conversa.

2.3 Estigma

Goffman é a referência principal no entendimento do conceito de estigma. Para o autor, essa noção pode ser entendida a partir da idéia de uma “marca” que um determinado indivíduo possui e é imediatamente perceptível nas relações sociais de maneira tão marcante que impede os indivíduos que cercam o estigmatizado perceberem outras características desse mesmo indivíduo.

Segundo Goffman (1988), nas categorias sociais alguns atributos são tidos como naturais e comuns para seus membros e, de acordo com o ambiente social, há probabilidade de se encontrar pessoas de uma dada categoria. Essas concepções são transformadas em expectativas normativas e quando um estranho se apresenta, surgem impressões sobre a categoria e os atributos desse indivíduo e indaga-se sobre sua “identidade social”. As impressões, ou melhor, o caráter que é imputado àquele indivíduo “estranho” em uma dada categoria social, baseado naquilo que se espera que ele seja, constitui o que o autor chama de “*identidade social virtual*” (GOFFMAN, 1988, p.12). Os atributos que ele possui, bem como a categoria que ele pertence na realidade é denominada de “*identidade social real*” (GOFFMAN, 1988, p. 12).

Em algumas situações ocorre uma discrepância entre aquilo que o indivíduo é realmente (identidade social real) e aquilo que se espera que ele seja (identidade social virtual). Quando isso ocorre – um atributo diferencia um indivíduo de outros pertencentes a uma categoria que se esperava que ele pertencesse – o estigma se revela. Percebe-se que o estigma implica em uma série de atributos, muitas vezes depreciativos, que são associados ao seu portador de forma automática, e o estigmatizado passa a sofrer as conseqüências de tais atributos mesmo sem os ter.

Os atributos que estigmatizam, então, são aqueles que não condizem com uma determinada imagem que se cria de certo tipo de indivíduo. Em outras palavras, um indivíduo é estigmatizado quando se percebe nele algo que foge àquilo que se espera como “normal”. As formas com que o estigmatizado é tratado, isolamentos e discriminações, derivam desse conjunto de valores associados ao estigma. O “*termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos*” (GOFFMAN, 1988, p.13). O estigma, então, é um fenômeno relacional, percebido no momento da interação. Nas relações entre surdos e ouvintes é comum

que os últimos mudem a maneira como tratam os surdos quando percebem a surdez. A incapacidade de escutar vai de encontro à expectativa normativa de ser ouvinte, ocasionando então o estigma de ser surdo, o afastamento, a evitação.

Goffman (1988) menciona três tipos de estigma: abominações e deformidades do corpo; culpas de caráter (alcoolismo, homossexualidade e outros); estigmas de raça, nação e religião. Para esses três tipos permanecem as mesmas particularidades sociológicas: a atenção a outros atributos de um indivíduo é ofuscada na relação social por um traço distintivo que afasta outros indivíduos, ou seja, o indivíduo possui uma característica que é diferente daquilo que foi previsto para ele. Assim, o indivíduo pode assumir que a sua característica distintiva é evidente, imediatamente perceptível, o que explica a condição do *desacreditado*¹⁵, citada por Goffman (1988). Já a condição de *desacreditável* implica na possibilidade do estigma ser dissimulado, ou seja, não ser percebido de maneira imediata na interação. O autor pondera ainda que um indivíduo estigmatizado pode vir a experimentar ambas as situações. Entretanto, para Goffman (1988), a categoria na qual se encaixa o estigmatizado determina sua personalidade, a forma como age em relação ao estigma e à sociedade ao seu redor.

Aqueles que não se afastam das expectativas normativas, ou seja, não apresentam a discrepância entre a identidade social real e a identidade social virtual são definidos por Goffman (1988) como *normais*. As relações entre normais e estigmatizados tendem a ser tensas. Atitudes de discriminação, inferência de imperfeições conseqüentes de uma imperfeição original, atribuições de características desejáveis, mas não desejadas (aspecto sobrenatural)¹⁶, ocasionam nos estigmatizados uma resposta defensiva. Essa resposta defensiva pode ser entendida pelos normais como mais uma expressão do defeito, o que também justifica o tratamento dispensado pelos normais com os estigmatizados (GOFFMAN, 1988). Isso pode ser notado claramente nas relações entre surdos e ouvintes. De acordo com o que se percebeu nesta pesquisa – a partir de conversas informais com alguns ouvintes e também a partir dos depoimentos dos surdos investigados – muitos ouvintes acreditam que o surdo é também mudo e, por isso, incapaz de elaborar pensamento. Logo, inferem o mutismo e o retardamento mental à imperfeição original, a surdez. Uma das respostas defensivas do surdo, notada especialmente nas situações observadas nesta pesquisa, é

¹⁵ Aquele indivíduo cujo estigma é imediatamente perceptível na relação social (GOFFMAN, 1988).

¹⁶ Um exemplo disso pode ser encontrado quando se atribui a um indivíduo cego um “super olfato” e um “super tato”, graças à ausência do sentido da visão. Da mesma maneira se percebe características desejáveis embora não desejadas atribuídas ao surdo, como a “super visão” ou “super percepção”.

o retraimento. Um bom exemplo é Thaís, que foi minha aluna na Pastoral dos Surdos. Em situações cuja maioria dos presentes era surda, Thaís falava comigo sem maiores embaraços, pois possuía uma fala bem articulada. Já em outra situação, em que a maioria era ouvinte, Thaís se recusou a falar. Ao indagar sobre sua recusa, ela me respondeu (em sinais) que tinha vergonha de sua voz.

Na relação entre estigmatizados e normais outras tensões são pontuadas por Goffman (1988) ainda no que diz respeito aos normais. Quando esses agem de maneira bem intencionada, podem ocorrer algumas dificuldades em localizar a tênue linha que separa o comportamento solícito do "superprotetor/ofensivo", o tratamento "como a um igual", do desdém (GOFFMAN, 1988). Essa linha tênue foi percebida em alguns momentos da pesquisa no comportamento solícito de alguns ouvintes. Em certa aula de Libras do NAI – Núcleo de Apoio à Inclusão da PUC Minas, a professora surda se ausentou, sendo substituída por um estagiário surdo da mesma entidade, Rogério. No entanto, uma intérprete (também do NAI) estava presente e se prontificou a ajudar Rogério na condução da aula, e o que seria uma ajuda acabou se revelando um comportamento ofensivo, de superproteção. O surdo ficou visivelmente chateado com a situação, uma vez que a intérprete não permitiu que ele assumisse aquela designada função de regente. Em outra situação, a sutil diferença entre desdém e “tratamento como igual” foi percebida no relato de uma surda. Ela se sentia excluída em conversas com ouvintes, especialmente quando perguntava o que eles estavam falando e eles respondiam em uma só palavra. Por mais que ela pudesse estabelecer uma conversa graças à leitura orofacial e a capacidade de falar, ela se sentia perdida¹⁷ quando a conversa possuía mais de dois interlocutores. O resultado, segundo Goffman (1988), costuma ser desagradável para ambas as partes, daí que a tendência natural seja a de todos evitarem as relações mistas, imperando o desconforto quando essas são inevitáveis. Tal pode ser evidenciado nas respostas de alguns surdos quando inquiridos sobre as suas companhias, especialmente os da Praça Sete. A maioria informa que prefere estar com surdos a interagir com ouvintes e que quando isso acontece se sentem excluídos.

Existem ainda outros "tipos ideais" de indivíduos que estabelecem as relações normais – estigmatizados. Os normais que simpatizam com a vida do estigmatizado,

¹⁷ Para que a leitura orofacial seja bem sucedida, o interlocutor tem que falar com a face virada para o surdo. Qualquer movimento que interrompa o ângulo de visão dos movimentos dos lábios prejudica o entendimento do surdo da frase que foi dita.

que são aceitos e pertinentes ao grupo de desacreditados encontram-se definidos por Goffman (1988) como “informados”. *“Os informados são os homens marginais diante dos quais o indivíduo que tem um defeito não precisa se envergonhar nem se autocontrolar, porque sabe que será considerado como uma pessoa comum”* (GOFFMAN, 1988, p. 37). Ainda de acordo com o autor, a condição para o normal ingressar no grupo dos estigmatizados é a experiência pessoal de arrependimento, embora a aceitação do novo membro não dependa do seu oferecimento, ou seja, são os que possuem o estigma que validarão a pertinência do possível membro.

O primeiro tipo de “informado” descrito por Goffman (1988) é aquele que trabalha diretamente com o estigmatizado, tanto no que diz respeito aos cuidados de necessidades particulares quanto em ações da sociedade em vinculação a ele, por exemplo, enfermeiros. Outro tipo de “informado” é aquele que compartilha a mesma estrutura social do estigmatizado, os familiares, que são de alguma maneira obrigados a compartilhar o estigma, herdando o descrédito daquele indivíduo. Goffman (1988) pondera, no entanto, que o contato próximo com o estigmatizado não deixa de ser tenso, uma vez que o indivíduo estigmatizado pode sentir um retorno ao estado de desconforto em relação ao normal na proporção em que a dependência aumenta e as defesas diminuem.

Em relação aos comportamentos do indivíduo portador do estigma, as relações são igualmente tensas, na medida em que ele percebe que *“não importa o que os outros admitam, eles na verdade não o aceitam e não estão dispostos a manter com ele um contato em ‘bases iguais’”* (GOFFMAN, 1988, p. 17). Ainda de acordo com o autor, o estigmatizado tende a incorporar padrões da sociedade maior, o que o torna suscetível à visão dos outros sobre a sua marca, o que em algumas ocasiões o leva a concordar que ele não correspondeu ao que ele deveria ser. Nesse sentido, a questão que se coloca para o indivíduo com um atributo diferencial vergonhoso é a manipulação da situação de tensão inerente aos contatos sociais, já que a sua aceitação perpassa o fato de que os aspectos não contaminados de sua identidade social não serem devidamente considerados e respeitados. As respostas a essa situação dadas pelo indivíduo estigmatizado correspondem tanto a uma tentativa de corrigir a base do defeito (como no caso das cirurgias plásticas) quanto a um esforço para a correção de maneira indireta (empenho individual em tarefas negadas ao tipo do defeito em questão). Outra resposta é a possibilidade do portador de estigma criar uma nova interpretação da realidade, que foge ao convencional no que tange ao caráter de sua

identidade social (GOFFMAN, 1988), por exemplo, o surdo que alcança alto grau de estudo acadêmico. Nessa linha, as limitações dos normais são por ele reafirmadas, da mesma maneira como alguns entendem sua privação como uma dádiva divina.

Ao tratar especificamente das interações, dos momentos em que normais e estigmatizados compartilham uma mesma situação social, Goffman (1988) diz que tanto os portadores de estigma quanto os que não o possuem tendem a elaborar esquemas para evitar tal contato, o que se dá de maneira especial para o estigmatizado. O isolamento premeditado pelo portador da marca depreciativa pode torná-lo, de acordo com Goffman (1988), desconfiado, hostil, deprimido, confuso e ansioso. Ele pode descobrir-se inseguro, incerto em relação a qual categoria os normais o encaixarão, dado que pode ser definido pelos outros em termos do seu estigma, *“surge no estigmatizado a sensação de não saber aquilo que os outros estão ‘realmente’ pensando dele.”* (GOFFMAN, 1988, p. 23).

A idéia de estar “em exibição” também é um sentimento comum do o estigmatizado. Segundo Goffman (1988), nos contatos mistos, pensar que os atos simples podem ser avaliados como uma extraordinária capacidade, bem como os menores erros podem ser evidências do atributo estigmatizante, é uma possibilidade que acompanha o indivíduo portador do estigma. *“Quando o defeito da pessoa estigmatizada pode ser percebido só ao se lhe dirigir a atenção (geralmente visual) – quando, em resumo, é uma pessoa desacreditada, e não desacreditável – é provável que ela sinta que estar presente entre normais a expõe cruamente a invasões de privacidade [...]”* (GOFFMAN, 1988, p. 25). Logo, percebe-se que o indivíduo estigmatizado necessita de meios estratégicos para enfrentar a situação social mista, o que acaba muitas vezes em adoção de posturas defensivas, como o retraimento ou a agressividade, essa última gerando uma série de respostas desagradáveis. O portador do estigma pode sentir, de acordo com o autor, que as interações com os normais são angustiantes, uma vez que ele percebe na interação as fontes potenciais de mal estar e sabe que os normais também as percebem e não ignoram que ele também o faz. Em suma,

É provável que, em situações sociais onde há um indivíduo cujo estigma conhecemos ou percebemos, empregemos categorizações inadequadas e que tanto nós como ele nos sintamos pouco à vontade. Há, é claro, freqüentemente, mudanças significativas a partir dessa situação inicial. E, como a pessoa estigmatizada tem mais probabilidades do que nós de se defrontar com tais situações é provável que ela tenha mais habilidade para lidar com elas. (GOFFMAN, 1988, p. 28).

Há ainda a relação entre “iguais”, ou seja, estigmatizados com estigmatizados. Segundo Goffman (1988), a desvantagem do indivíduo pode ser usada como uma base para organizar, entre seus iguais, sua vida, mesmo que em um mundo incompleto. O tipo de vida em coletividade que esses indivíduos podem ter, em uma dada categoria, é relevante para os estudos sociológicos sobre o assunto, de acordo com Goffman (1988). O conceito de “categoria” é delimitado pelo autor como algo que favorece a formação de grupos, sem que, no entanto, todos os membros venham a formar um grupo homogêneo. Pequenos grupos sociais dentro de uma categoria de estigmatizados tendem a se formar, sendo que uma organização maior engloba esses grupos de maneiras diferenciadas.

Dentre as formas que esses grupos podem formar destacam-se as agências que os apresentem, ou grupos de ação, que mesmo quando servem a uma mesma categoria podem apresentar rivalidades entre si (GOFFMAN, 1988). Essas oposições podem se dar, segundo o autor, graças às diferenças entre aqueles grupos liderados por normais e aqueles guiados por um indivíduo pertencente à categoria. Em relação aos líderes, “nativos” ou normais, Goffman (1988) diz que suas tarefas vão desde a divulgação de um rótulo social mais flexível até o desempenhar de uma função de orador, servindo também como exemplo de realização/adaptação, no caso dos representantes nativos. Em relação a esses últimos, o autor explica que eles geralmente são indivíduos estigmatizados que têm melhores possibilidades para se expressar, são mais bem relacionados e se dedicam quase integralmente ao “movimento”, assim alcançam à qualidade de representante do grupo na medida em que sua situação política, financeira e ocupacional é superior aos outros da mesma categoria (GOFFMAN, 1988).

Passando da determinação dos grupos para a definição de identidade, Goffman (1988) considera aspectos relativos à imagem pessoal e aos valores associados a ela. Para se entender a identidade, dois aspectos merecem ser considerados: o primeiro é interno do indivíduo, “identidade do eu” (GOFFMAN, 1988), que é a imagem que o indivíduo tem de si. O segundo aspecto, relativo aos aspectos externos da identidade, compreende duas esferas: a “identidade social / pessoal” atribuída pela sociedade a partir do papel que o indivíduo representa; e a “identidade pessoal”, aquela que se estabelece no relacionamento direto com o indivíduo. Nesse sentido, Goffman (1988) classifica os "signos" que carregam as "informações sociais": os signos de estigma, que têm o efeito de descrédito; os signos "desidentificadores", cuja função é colocar em dúvida o significado de outro signo carregado pelo indivíduo estigmatizado; signos de

prestígio, que são os que afetam de maneira positiva a imagem de seu portador. Dessa maneira, os signos carregam informação social, criam nos indivíduos que os vêem impressões a respeito de seus portadores. Essas impressões, que nada mais são que a "identidade social virtual", geram expectativas de comportamento no contexto social que o indivíduo portador está inserido, que serão satisfeitas ou não, com consequências cruciais.

Em relação aos espaços públicos, local por excelência dos contatos entre estigmatizados e normais, Goffman (1988) aponta que naturalmente são preteridos em relação aos espaços privados. Entendidos como local de auto-confinamento para muitos desacreditados e também como "áreas reservadas", os espaços privados seriam para os estigmatizados local de liberdade. Isso não se verifica em relação aos surdos encontrados na Praça Sete. Grande parte desses indivíduos prefere a praça, onde encontram seus pares, ao espaço doméstico. A partir das entrevistas e dos depoimentos recolhidos, percebe-se que o espaço público, local privilegiado para contatos mistos, é também local de encontro para os iguais. Estar na praça permite a eles uma interação mais satisfatória do que aquela que se passa nos espaços privados, entendido como o espaço familiar, da moradia.

2.4 Identidade

Alguns conceitos largamente utilizados nas ciências sociais podem ser vistos como polissêmicos, mudando em função de vários aspectos, sendo identidade um deles. Mesmo assim, há certos traços que são consensuais e, no caso da identidade cultural, é possível definir os seguintes: ela é vista como construção cultural, relacional, um processo, uma construção em andamento constante, condicional à lógica da diferença, ou seja, contrastiva, não essencialista e política (HALL, 2000, JAYME, 2001, WOODWARD, 2000, SILVA, 2000, OLIVEIRA, 1976, entre outros).

Stuart Hall (1997) trabalha a emergência de novas identidades culturais, afirmando que as antigas, que estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo com que o sujeito moderno se fragmente. Essa "crise de identidade" se insere em um processo mais amplo de mudança, que desloca processos e estruturas centrais das sociedades contemporâneas, abalando dessa maneira os quadros de referência que

estabilizavam o mundo social dos indivíduos. Essa identidade mais contemporânea, de acordo com o autor, é “*formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam [...]. É definida historicamente e não biologicamente.*” (HALL, 1997, p.13). Assim, nessa concepção as identidades são vistas como várias, sendo que uma pessoa pode ser portadora de diferentes identidades culturais, que podem até ser contraditórias.

Segundo Hall (1997), as identidades são relacionadas mais ao “vir a ser”, à maneira como os indivíduos são representados e às implicações dessa para a auto-representação deles próprios, do que aquilo que “se é”. Este é um ponto importante destacado por Hall (1997) no entendimento da construção das identidades, processo que deve ser situado dentro de práticas discursivas específicas, locais institucionais e históricos determinados, a partir de iniciativas e estratégias particulares. E é por meio da diferença, e não fora dela, que as identidades são forjadas, a partir da relação com o “outro”, com aquilo que lhe falta (HALL, 1997).

Isto é, as identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora “sabendo” [...], sempre, que elas são representações, que a representação é sempre construída ao longo de uma “falta”, ao longo de uma divisão, a partir do lugar do Outro e que, assim, elas não podem, nunca, ser ajustadas – idênticas – aos processos de sujeito que nela são investidos. (HALL, 1997, p.112)

Ao discutir sobre identidade étnica¹⁸, Oliveira (1976) afirma que essa identidade é contrastiva, pois se afirma negando outra identidade, ou seja, emerge por oposição. Assim, diante dos “outros” é que se afirma o “nós”, o que segundo o autor não é possível de maneira isolada. Ou seja, a identidade é relacional e o contato é fundamental para a afirmação da diversidade, o que não ocorre em situações de isolamento. O confronto entre os grupos, o contraste é o elemento gerador da representação que esses grupos elaboram de si mesmos, além de que, ao afirmarem sua identidade perante os outros, conferem a ela realidade. Revela-se aqui o caráter social da identidade, já que é a partir das relações sociais que ela se constrói, e é aí também que o contraste “nós” e “outro” é possível. E ainda nesse contexto de relações, o contraste e a diferença contribuem sobremaneira para a constituição de sistemas

¹⁸ Embora Roberto Cardoso de Oliveira esteja tratando nesse livro da identidade étnica, é possível, como se verá, transcender suas reflexões acerca do conceito para quaisquer tipos de identidade social.

simbólicos, ideologias e representações, sendo essas duas últimas responsáveis pela possibilidade do indivíduo perceber a si mesmo e aos outros (ARAÚJO, 2004).

Oliveira (1976) relaciona identidade e ideologia ao pensar a identidade como um conjunto de ideais e idéias que determinado grupo elabora de si mesmo, ou seja, uma representação de si. O conceito de ideologia usado pelo autor é o de Poulantzas, que pode ser entendido de maneira simplificada como a consideração de uma relação imaginária presente na relação real que os homens estabelecem com suas condições de existência. A ideologia seria a responsável pela forma e sustentação que as representações têm na realidade vivida dos indivíduos. Poulantzas citado por Oliveira (1976) afirma que

A ideologia tem precisamente por função, ao contrario da ciência, ocultar as contradições reais, reconstruir em um plano imaginário um discurso relativamente coerente que sirva de horizonte ao “vivido” dos agentes, dando forma as suas representações segundo as relações reais e inserindo-as numa unidade das relações de uma formação. (POULANTZAS apud OLIVEIRA, 1976. p.40)

O autor ressalta a importância do contexto para os estudos de identidade, é nele que os indivíduos se localizam e conferem realidade as suas vivências, é aí o local da construção da identidade. Esse contexto é ainda determinado pelas interações entre os indivíduos que nele se situam. Logo, percebe-se que para se pensar a questão das identidades com referência às representações coletivas e à ideologia, se faz necessário a consideração das condições reais de existência onde essas foram produzidas.

Ainda dentro das discussões de Oliveira (1976), destacam-se aqui as questões relacionadas à manipulação de identidade. A possibilidade de manipulação de identidade se dá especialmente em situações de ambigüidade, na situação do contato, uma vez que é nesse momento que os valores e as representações se expressam, seja em termos de classificação do “próprio mundo”, seja em termos de identificação.

Jayne (2001) observa que as identidades concebidas pela modernidade como polarizadas e fixas, são interpretadas na contemporaneidade a partir de seu caráter múltiplo e inacabado. Podem ser entendidas como transitórias, múltiplas, contrastivas e fluidas. A autora chama atenção ainda para a complexidade do conceito de identidade, afirmando que o debate sobre o tema está longe de um consenso. Até mesmo as concepções que informam a transitoriedade e a multiplicidade das identidades não são unânimes, por essa razão a autora enfatiza o perigo de se trabalhar com conclusões fechadas a esse respeito.

É importante ressaltar que não se busca aqui uma revisão teórica mais apurada sobre identidade. A proposta de se discutir identidade neste texto se dá através da possibilidade de seleção de debates e conceitos acerca da questão. Procura-se pensar os indivíduos surdos escolhidos para esta pesquisa como exemplos desse sujeito descentrado e fragmentado, que se identificam através de interesses, fatores e gostos variados, às vezes contraditórios, processo que se desenha nas suas dinâmicas cotidianas, nas suas interações sociais e virtuais.

Nessa linha, há alguns autores que apontam para a existência de identidades surdas. Perlin (1998) se utiliza das concepções de identidade de Hall (1997) para elaborar sua tipologia de identidades surdas. A autora procura afastar-se, em sua representação de identidade, da idéia de corpo danificado, visando uma concepção que privilegie a alteridade cultural. *“A identidade surda sempre está em proximidade, em situação de necessidade com outro igual. O sujeito surdo nas suas múltiplas identidades sempre está em situação de necessidade diante da identidade surda.”* (PERLIN, 1998, p. 53). Para a autora, o encontro do surdo com seu igual é fundamental para a construção da identidade. Logo, os surdos são surdos, longe da experiência auditiva, graças à experiência visual. Em outras palavras, é dentro de uma cultura visual que se forja a identidade surda (PERLIN, 1998).

Sá (2002) corrobora com Perlin (1998) ao dizer que as identidades do surdo/de surdo se constroem no encontro com os pares e acrescenta ao debate a dimensão do confronto de ambientes discursivos. Ao se encontrar com outros surdos, segundo Sá (2002), surge uma nova narrativa dos surdos sobre si mesmos, que difere em forma daquela elaborada por ouvintes. Assim são geradas as identidades surdas, pautadas na diferença. Através dos contatos entre si, os surdos trocam diferentes representações sobre sua identidade, produzem significados e desenvolvem uma identidade surda (SÁ, 2002). A autora frisa que não é possível falar de uma identidade surda única, já que os grupos de surdos são plurais e as identidades são dinâmicas, transformadas continuamente.

Perlin (1998) por sua vez elabora uma categorização das identidades de surdos, afirmando que elas se apresentam de forma heterogênea. O primeiro tipo são as *Identidades Surdas*, pertencentes ao grupo de surdos que se comunicam por meio da experiência visual propriamente dita, a LIBRAS. Segundo a autora, essa identidade recria a cultura visual, reclamando a alteridade surda frente à História, ou seja, o direito de se comunicar a partir de uma maneira específica, uma linguagem peculiar.

“É a consciência surda de ser definitivamente diferente e de necessitar de implicações e recursos completamente visuais” (PERLIN, 1998, p.63).

O segundo tipo seriam as *Identidades Surdas Híbridas* que se referem aos indivíduos que nasceram ouvintes e que se tornaram surdos ao longo da vida. São os surdos que conhecem a estrutura falada do português e a utilizam como primeira língua. Outra categoria de identificação que a autora apresenta são as *Identidades Surdas de Transição*. Geralmente estão presentes entre filhos surdos de pais ouvintes que ao terem contato com outros surdos em comunidade, acabam por realizarem uma transição da representação ouvinte, natural do mundo ouvinte, a uma identidade surda, que prioriza a experiência visual.

A *Identidade Surda Incompleta* é aquela apresentada por surdos que negam a identidade surda graças ao seu envolvimento com uma “ideologia ouvintista”, que segundo a autora exerce um poder de dominação em relação ao surdo ao propor uma socialização compatível com a cultura dominante. Já as *Identidades Surdas Flutuantes* se manifestam em surdos que vivem e se representam a partir dos parâmetros dos ouvintes. São surdos que se encontram no limiar entre as culturas surda e ouvinte, tanto os surdos que desprezam a cultura surda e desejam ser “ouvintizados” (nos termos da autora), quanto aqueles que são forçados a viver tal situação.

Alguns autores¹⁹ informam a importância da língua de sinais, no sentido de ser uma modalidade de comunicação espaço-visual, para a cultura e identidades surdas. Esses autores tendem a considerar os surdos como uma minoria lingüística, cuja língua natural, criada e utilizada pela comunidade em particular, é repassada de geração a geração e se transforma com o tempo. Para Sá (2002), a identidade surda se constrói *através da e na* língua de sinais. De acordo com a autora, a experiência da surdez tem no uso da língua de sinais a característica identitária de maior relevância, mais importante até que a exigência de um “lugar” para a auto-identificação. “Os surdos, organizados em comunidades, consideram que o que é evidencia de que se pertence à comunidade surda é o uso da língua de sinais.” (SÁ, 2002. p. 105). O uso da língua de sinais importa mais que o grau de perda auditiva, o que para Sá (2002) confirma a minoria lingüística do grupo em questão.

Santana e Bergamo (2005) entendem a defesa e a proteção da língua de sinais como o amparo aos traços de humanidade, ou seja, uma vez que os surdos estão em

¹⁹ SÁ, 2002; SACKS, 1998; GUARINELLO, 2001; SKLIAR, 1998; PERLIN, 1998 e outros.

uma categoria diferente dos ouvintes e não conseguem ser aceitos como seres humanos plenos, a defesa da língua de sinais garante a linguagem, o que dá aos homens o caráter humano. De acordo com os autores, a luta pela inclusão dos surdos entre as minorias sociais se faz em termos de uma aproximação da diferença (minorias “normais”, como negros e índios) e de um distanciamento da “anormalidade”. A surdez, nesses termos, deixa de ser uma patologia para ser entendida como fenômeno social. Assim, para os seus defensores, a língua de sinais legitima o surdo, transforma a anormalidade em diferença (SANTANA; BERGAMO, 2005).

No entanto, Santana e Bergamo (2005) afirmam, a partir de Maher (2001), que a identidade deve ser pensada em relação a práticas sociais mais complexas do que a língua entendida como instrumento exclusivo de constituição e definição de identidades. A língua de sinais pode ser vista como o elemento que rompe o isolamento do surdo e inaugura para ele um universo social mais vasto. Para os autores, outras maneiras de romper o isolamento social são possíveis ao surdo, a linguagem oral é uma outra perspectiva e também pode constituir a identidade do surdo. Logo, os autores interpretam que a constituição da identidade pelo surdo está mais ligada à necessidade de uma língua para constituir o indivíduo como “falante”, do que a exigência de uma língua de sinais.

A identidade não pode ser vista como inerente às pessoas, mas sim como resultado de práticas discursivas e sociais em circunstâncias sócio-históricas particulares. O modo como a surdez é concebida socialmente também influencia a construção da identidade. O sujeito não pode ser visto dentro de um ‘vácuo social’. Ele afeta e é afetado pelos discursos e pelas práticas produzidos. (SANTANA & BERGAMO, 2005, p.51)

Santana e Bergamo (2005) criticam os estudos, relacionados à surdez, que estabelecem a existência da identidade a partir da distinção entre ouvintes e surdos, identidade dos que escutam e identidade dos que não escutam. Um obstáculo teórico é apontado pelos autores na distinção entre surdos e ouvintes, como se o grupo de surdos constituísse um contexto único no qual eles se inserem, resultando em uma redução da estrutura social. Para contestar essa visão, os autores resgatam o exemplo das comunidades religiosas brasileiras que têm se esforçado para incluir os surdos entre seus membros, oferecendo cursos de língua de sinais e traduções simultâneas em cerimônias transmitidas pela televisão. Nesse momento, não se distingue os fiéis entre surdos e ouvintes, mas como membros de uma dada religião que os identifica. Para os

autores, as práticas sociais e as interações discursivas diferenciadas²⁰ constituem a identidade do indivíduo mais do que uma determinada língua.

Uma vez que a proposta deste estudo é investigar se existe uma ou mais identidades surdas e, se sim, como ela(s) se constrói (em), através da coleta e análise dos dados, é possível se dizer, em consonância com Santana e Bergamo (2005), que os surdos constroem suas identidades de acordo com o ambiente social que frequentam. Ou seja, o surdo que trabalha em determinadas instituições, educacionais ou mesmo desportivas, quando ali se encontra, apresenta um discurso que coaduna com os anseios de um determinado grupo, composto tanto de ouvintes quanto de surdos, que “lideram” aquela instituição. No entanto, na pesquisa em meio virtual, pode-se encontrar aquele mesmo indivíduo pertencendo a uma comunidade que prega uma concepção de surdo que vai de encontro aos objetivos daquela instituição na qual ele trabalha. E ainda mais complexa se torna a questão quando se encontra esse surdo em um contexto neutro, onde ele se apresenta de maneira muito simples: sou surdo. A partir disso, podemos pensar o “ser surdo” como algo construído socialmente, ou seja, depende do ambiente social em que o indivíduo é interpelado. Nas suas interações cotidianas os surdos escolhem a maneira pela qual querem ser identificados, escolhas que são influenciadas, seja por outros indivíduos ou instituições, seja pelo ambiente “virtual” ou real no qual ele se situa.

Em outro momento, pergunta-se nesta pesquisa se há um conflito entre surdos e surdos oralizados, ou seja, se a identidade surda se constrói em relação aos oralizados, em relação aos ouvintes ou em relação a ambos. A pesquisa revelou que, no meio virtual, há um conflito entre surdos e surdos oralizados, explicitada de maneira clara tanto nos tópicos de discussão, como nas descrições das comunidades²¹. Entretanto, dentre os surdos entrevistados na cidade, especialmente entre os frequentadores da Praça Sete, não há oposição tão claramente definida como a encontrada no Orkut. Retomarei esse ponto com maior cuidado no capítulo 4.

2.5 Ciberespaço

²⁰ Situações discursivas em que o indivíduo interage ao longo de sua vida, como por exemplo, o ambiente de trabalho e a escola.

²¹ Uma descrição mais detalhada do “universo” virtual do Orkut será apresentada no capítulo seguinte.

Pesquisas recentes relacionadas ao ambiente virtual têm revelado a importância da informatização nas transformações culturais, especialmente no que diz respeito ao comportamento dos indivíduos, ocasionando uma nova forma de sociabilidade, a sociabilidade virtual. Para entendermos as questões relacionadas a essa sociabilidade, faz-se necessário a delimitação de conceitos relativos ao universo virtual, realidade possível graças ao avanço das tecnologias de comunicação e difusão de informações contemporâneas.

Guimarães Junior (1998, 1999), André lemos (s/d), Pereira da Silva (2004a; 2004b), Levy (1998) são alguns autores que discutem o ciberespaço como meio de sociabilidade, afirmando que com a disseminação das Comunicações Mediadas por Computador – CMC – um novo campo de investigação e reflexão surge para as ciências sociais, engendrando fenômenos que ultrapassam a comunicação em um sentido estrito. Para esses autores, as redes telemáticas como a Internet oferecem suporte a um espaço simbólico que abriga atividades de caráter societário. Mais do que um meio de comunicação, são palco para representações e práticas dos grupos que a utilizam / habitam.

O senso comum costuma atribuir à virtualidade um caráter de “não-realidade”, contudo, pensar em ciberespaço nestes termos não é uma concepção das mais adequadas segundo Guimarães Junior (1998), já que essa dimensão não se opõe ao real. Levy (1998) argumenta que o virtual transforma e complementa o real, não se opõe a ele, revoluciona as limitações espaço-temporais da dimensão do real. Nesse sentido, nota-se que o virtual deve ser entendido como uma esfera particular da realidade e não como uma dimensão oposta a ela, espaço onde categorias como espaço e tempo estão submetidos a um regime diferenciado. Para Guimarães Junior (1998), essa maneira de entender o virtual é fundamental para a distinção entre o “*on line*” e “*off line*”, categorias problemáticas dentro do que se entende por cibercultura.

Levy (1998) entende o ciberespaço como um novo meio de comunicação originado na interconexão de computadores em escala mundial, não limitado à infraestrutura digital da comunicação, abrangendo também os milhares de informações abrigadas nesse universo bem como os seres humanos que o utilizam e o alimentam. Para o autor, o ciberespaço é a representação de um avançado estágio de auto-organização do social, da inteligência coletiva, até então em desenvolvimento.

Guimarães Junior (1999) define o ciberespaço como o *locus* virtual, possível pela conjunção de tecnologias diferenciadas de telemática e telecomunicação, em especial as mediadas por computador. O autor chama atenção para o fato do ciberespaço não se circunscrever às redes de computadores, no entanto, a Internet é a instância mais presente de CMC, é ela que oferece maior suporte ao ciberespaço.

Duas perspectivas para o entendimento do ciberespaço são dadas por Pereira da Silva (2004b): o lugar onde se situa o indivíduo que entra em um ambiente simulado, que a autora chama de realidade virtual; a totalidade das redes de computadores em todo o planeta interligados à Internet. A autora considera o ciberespaço como uma entidade real, caracterizada pelo espaço que não é físico e pelo tempo real.

Percebe-se que a definição de ciberespaço aponta para uma heterogeneidade complexa de ambientes de sociabilidade, onde as mais diversas e variadas formas de interação se realizam, seja entre homens, entre máquinas, entre homens e máquinas (GUIMARÃES JUNIOR, 1999). Nesse sentido, o ciberespaço pode ser visto como o lugar privilegiado para o encontro entre informação, tecnologia e comunicação, o que Pereira da Silva (2004b) denomina de cibercultura. A autora chama atenção para o entendimento da cibercultura como uma *“manifestação da vitalidade social contemporânea. Não é uma sub-cultura particular ou a cultura de uma ou algumas “tribos”. Pelo contrário, é uma nova forma de cultura”* (PEREIRA DA SILVA, 2004b).

Para Guimarães Junior (1999), “cibercultura” deve ser entendido como o conceito que responde pela abrangência do conjunto de fenômenos sócio-culturais que se situam dentro desse ciberespaço ou que de alguma forma estão relacionados a ele. Pereira da Silva (2004a) especifica a cibercultura como o conjunto de técnicas intelectuais e materiais, modos de pensamento, atitudes, práticas e valores que se apuram em consonância à ampliação do ciberespaço. A cibercultura pode então ser compreendida como a junção entre o tecnológico e o social, uma vez que os produtos da ação e da cultura humana são projetados no ciberespaço e através dele são prontamente acessíveis. Pode-se conceber a cibercultura como apropriação social e simbólica da técnica, ou seja, ela revela o modo como as novas tecnologias estão sendo utilizadas para a convivialidade e formação comunitária (LEMOS, s/d).

Guimarães Junior (1999) compara o ciberespaço com o espaço social, já que é fragmentado e territorializado em diversos espaços simbólicos. Estes por sua vez são operacionalizados e compostos pelas práticas de sociabilidade que ocorrem no interior

do ciberespaço. O autor considera ainda que essas práticas formem culturas específicas e heterogêneas, cuja tarefa de interpretação e mapeamento cabe a Antropologia.

A compreensão do ciberespaço como um espaço freqüentado por *personas*²², que criam e recriam as localidades e territorialidades dentro dele implica em uma postura que considere as particularidades dos grupos que se constituem de maneira social em seu interior. Logo, considerando o ciberespaço como uma dimensão da realidade que é específica e diversa, pode-se apreender fenômenos característicos que ocorrem aí e que merecem um tratamento teórico adequado. Este é o intento aqui, demonstrar os conceitos que orientam a pesquisa em ambiente virtual, lançando luz sobre o trabalho desenvolvido com os surdos da rede de relacionamentos denominada Orkut.

A partir da caracterização de "ambiente de sociabilidade", ou seja, *“o espaço simbólico criado no Ciberespaço por programas específicos orientados à comunicação de dois ou mais usuários, povoado por personas que estabelecem uma atividade societária por um determinado tempo”* (GUIMARÃES JUNIOR, 1999) é que se tem o entendimento das comunidades virtuais, que se desenvolvem a partir dessa sociabilidade. Pereira da Silva (2004a) sugere que o termo “comunidade virtual” se refira a uma comunidade que tem sua existência limitada ao ciberespaço. Para a autora, esse tipo de comunidade revela um novo vínculo entre, ou no meio de comunidades que se realizam no espaço social real, vinculando-as e ampliando-as. Guimarães Junior (1998) por outro lado informa que não há um consenso entre os estudiosos sobre o conceito, embora empregue a expressão “comunidades virtuais” para nomear fenômenos societários ligados à comunicação mediada por computadores. A noção de tempo compartilhado de Hammam é citada por Guimarães Junior (1998) como um grande achado, que ao lado da idéia de vínculo e permanência dos membros constituem os principais critérios para a definição de comunidades virtuais.

Em linhas gerais, pode-se definir “comunidades virtuais” como aquelas cujas relações sociais estabelecidas se processem no ciberespaço, por meio de contatos (via computador) repetidos em um determinado local (no ciberespaço) graças a um tópico de interesse específico. Além disso, essas agregações sociais necessitam de certa regularidade de participação dos membros nas discussões públicas, elas corresponderiam às necessidades sociais dos indivíduos na medida em que são

²² O conceito de *persona* utilizado por Guimarães Junior (1999) foi extraído de MacKinnon (1995), que o emprega para designar as identidades construídas dentro do ciberespaço pelos seus freqüentadores.

baseadas na proximidade intelectual e emocional dos membros. No entanto, essas comunidades podem ser igualmente efêmeras, graças a natureza das relações em meio virtual, o conflito e a contradição constituem essas agregações do mesmo modo que os interesses compartilhados. Nas comunidades virtuais, demarcações e fronteiras territoriais fixas não são mais condições estritamente necessárias para os interesses que reúnem os indivíduos (LEMOS, s/d; GUIMARÃES JUNIOR, 1998; PEREIRA DA SILVA, 2004a).

Neste ponto a distinção entre ambiente de sociabilidade e comunidade virtuais, elaborada por Guimarães Junior (1998), parece fundamental, na medida em que o primeiro significa o *lócus* no ciberespaço criado a partir de programas próprios cujo objetivo é propiciar a interação dos usuários. Já as comunidades virtuais dependem desse ambiente de sociabilidade virtual para existirem, ou seja, é a partir dos recursos disponíveis que as comunidades virtuais veiculam a sociabilidade. É importante destacar que as comunidades virtuais estão mais ligadas às relações entre seus integrantes do que a um único ambiente. No caso escolhido para esse estudo, o Orkut é o ambiente de sociabilidade onde as comunidades virtuais se concretizam. No capítulo seguinte essas peculiaridades serão observadas com maior cautela, por enquanto vale dizer que dentre as diversas comunidades virtuais do Orkut optou-se por investigar aquelas que privilegiam os debates em torno da surdez, limitadas em número pela participação dos surdos belo horizontinos escolhidos para esta pesquisa.

A partir da caracterização de ciberespaço, cibercultura e comunidades virtuais, uma última questão emerge: as fronteiras entre o “*on-line*” e o “*off-line*”. Já foi dito aqui que não é correto se pensar em uma separação radical do mundo virtual e do mundo real, visto que ambos estão intercomunicados, ou seja, a dimensão virtual complementa a dimensão real, não sendo adequado pensá-las de maneira independente. O que nos interessa aqui é a interação.

Distinguir, contudo, *on-line* e *off-line* é uma tarefa importante na medida em que desta maneira é possível apreender que a prática social no ciberespaço é peculiar, graças tanto a possibilidade apresentada pela CMC de transpor os limites físicos e sociais quanto a uma nova escala de temporalidade. É importante ressaltar que mesmo que haja as diferenciações e peculiaridades, grande parte do que o ciberespaço concebe como práticas sociais pode ser uma forma adaptada e ressignificada daquelas que acontecem no “*off-line*” (GUIMARÃES JUNIOR, 1999).

Logo, ao se refletir sobre as práticas sociais “on-line”, mesmo que se use conceitos elaborados para explicar as práticas sociais “off-line”, é necessária a consideração das peculiaridades do ambiente virtual e as implicações disso para as práticas sociais que ali se desenham. Segundo Guimarães Junior (1999) o que se tem feito até agora é a compreensão e descrição do mundo *on-line* a partir de categorias de análise do *off-line*. Para o futuro, o autor espera que:

termos como "pessoa", "identidade", "comunidade", "gênero" e outros passarão a ser empregados com a especificidade da forma como são vividos on-line, e não como adaptações dos conceitos off-line. (GUIMARÃES JUNIOR, 1999).

3 AS INTERAÇÕES DOS SURDOS NA CIDADE REAL E NO MUNDO VIRTUAL

No capítulo 2 apresentou-se o referencial teórico que orienta esta pesquisa. As discussões sobre sociabilidade, identidade, interação e estigma são as balizas pelas quais se buscou pensar os surdos na cidade. Para a compreensão dos surdos no meio virtual, conceitos como “ciberespaço”, “comunidades virtuais”, “sociabilidade virtual” são de extrema importância. No entanto, faltou uma delimitação mais precisa sobre o universo dos surdos escolhidos, bem como as razões para essa escolha.

O objetivo do presente capítulo é justamente revelar essas escolhas e iluminar as questões relativas ao universo dos surdos escolhidos na cidade e na Internet. Para tal, elaborou-se inicialmente uma discussão metodológica sobre o fazer etnográfico, a fim de elucidar quais as diretrizes usadas para a apresentação do relato de campo e dos dados recolhidos. A seguir, tem-se um mapeamento do trabalho de campo realizado nesta pesquisa, desde sua etapa preliminar.

A sistematização das observações de campo, com o objetivo de se caracterizar o estilo de vida dos surdos estudados, suas interações com outros surdos e com os ouvintes, serão apresentados de maneira introdutória, de modo que facilite o desenvolvimento da reflexão sobre as identidades no capítulo seguinte.

3.1 O fazer etnográfico em contextos urbanos

O método antropológico de trabalho de campo, em que a coleta de dados se faz graças ao recurso da observação participante, é sistematizado no capítulo introdutório de *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, de Bronislaw Malinowski (1986). O autor afirma que o principal objetivo do etnógrafo é “*captar o ponto de vista do nativo, sua relação com a vida, apreender a sua visão do seu mundo. Temos que estudar o homem e devemos estudar o que lhe diz respeito mais intimamente, ou seja, a influência que a vida exerce sobre ele*” (MALINOWSKI, 1986, p.48).

Como afirma Eunice Durham (DURHAM, 1986), ao publicar seu texto em 1922, Malinowski foi pioneiro em fornecer para a Antropologia as diretrizes formais

para a realização do trabalho de campo, assim, marcou a história da antropologia moderna ao propor uma nova forma de etnografia, expressa em uma observação participante detalhada e atenta. Envolvido pela preocupação com o registro, a manipulação e maneiras especiais de coleta de evidências, Malinowski (1986) indica que as boas condições para o pesquisador realizar sua pesquisa empírica são dadas a partir da convivência com os nativos. Como se sabe, a antropologia estava voltada para o estudo em sociedades tribais, portanto, para se fazer a etnografia proposta por Malinowski seria fundamental o deslocamento geográfico, para que as condições adequadas à pesquisa etnográfica, a proximidade com o nativo e a distância dos “*outros homens brancos*” (MALINOWSKI, 1986.p. 23) se mantivesse.

Hoje em dia são comuns as pesquisas feitas por antropólogos — a partir do método do trabalho de campo com observação participante — em centros urbanos (VELHO, 1978; JAYME, 2001; MAGNANI 2002; entre outros). Ao explorar as possibilidades da etnografia no esforço de se compreender o fenômeno urbano, Magnani (2002) apresenta uma abordagem “*de perto e de dentro*”, em oposição a uma análise que ele chama de “*longe e de fora*”. Nessa abordagem, os atores sociais — que, segundo o autor, dão vida à metrópole, os moradores e suas múltiplas formas de sociabilidade, conflitos, redes e estilos de vida — estariam ausentes, aparecendo apenas como excluídos, espoliados do processo urbano. A proposta de Magnani é utilizar o método etnográfico a partir de uma perspectiva “*de perto e de dentro capaz de identificar, descrever e refletir sobre aspectos excluídos da perspectiva daqueles enfoques (...) de fora e de longe*” (MAGNANI, 2002. p.17). A visão dicotômica — indivíduo/estruturas urbanas — é superada a partir da perspectiva descrita acima. E, ainda segundo o autor, o que caracteriza o enfoque da antropologia urbana é a importância atribuída ao olhar *de perto e de dentro*, que parte dos arranjos que esses sujeitos criam e recriam cotidianamente.

Velho (1978) avalia que a observação do que é familiar é possível e também validada a partir da relativização das noções de distância e objetividade. Segundo o autor o que é familiar nem sempre é conhecido, o “mundo” do pesquisador possui vigorosa descontinuidade em relação a outros mundos, especialmente em grandes metrópoles. Para Velho (1978), o grau de familiaridade com cenários e situações sociais cotidianas não só varia como também não é igual a conhecimento, e pode até se transformar em obstáculo quando não relativizado. Os hábitos, a rotina e o estereótipo comprometem o entendimento da lógica das relações. Nesse sentido, o autor cita

Geertz para esclarecer o caráter aproximativo do conhecimento da vida social, já que esse processo envolve algum grau de subjetividade.

Velho (1978) afirma ainda que quando o antropólogo estuda a sua sociedade, ele expõe sua interpretação a confrontos, seja com os representantes do universo estudado ou mesmo com outros especialistas. Esses outros podem divergir das interpretações produzidas, o que para ele seria uma vantagem na observação do familiar, já que torna possível a revisão e enriquecimento da análise dos dados. “*O processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações.*” (VELHO, 1978. p.45).

Jayme (2001) também aponta para algumas particularidades da pesquisa empírica produzida em contextos urbanos. Para a autora, a fragmentação e amplitude do espaço, somadas à carência de tempo, impedem a observação contínua e diária na grande metrópole. No caso dos surdos, que se reúnem em eventos da “comunidade surda” – comemorações e festas organizadas geralmente pelas entidades de assistência —, nas associações e com maior frequência no espaço público (Praça Sete), buscou-se observá-los nesses momentos, a fim de captar a lógica das suas interações, priorizando o espaço da praça. Por meio das primeiras visitas à Praça Sete, em horários alternados, constatou-se que o momento de maior concentração de surdos é a partir das dezoito horas, quando eles estão chegando do trabalho ou da escola. Por isso optou-se por freqüentar a praça nesses horários, em que havia maior aglomeração de surdos.

Entende-se que os surdos que freqüentam a Praça Sete são atores sociais que agem e interagem no espaço urbano. Suas práticas, trocas e interações são pertinentes à dinâmica urbana. Relativizar o familiar a fim de se transpor as barreiras colocadas pelo hábito, pela rotina e pelo estereótipo ao entendimento da lógica das relações entre os surdos, constitui o esforço almejado aqui para abordar a população escolhida para este estudo.

3.1.1 Porque os surdos?

Os primeiros contatos com os surdos na cidade de Belo Horizonte aconteceram em 2004, quando fui convidada a dar aulas em um pré-vestibular comunitário²³, que atendia comunidades carentes, negros e surdos²⁴ na região metropolitana, cobrando preço simbólico dos alunos.

A princípio eu não sabia que iria lecionar História em uma turma de surdos, o que ocasionou um grande desconforto na primeira aula. Com ajuda do intérprete, fui me adequando ao trabalho com aqueles alunos e ao longo do ano, a realidade “do silêncio” passou a ser parte da minha realidade. No entanto, eu pouco socializava com os surdos, já que não sabia a Libras. A turma contava com poucos alunos, por volta de 20, a maioria homens. Os alunos aparentavam ter uma boa condição sócio-econômica, poucos eram os surdos que não trabalhavam.

Como se verá, foi devido a essa experiência que tive interesse em compreender o universo dos surdos a partir de um ponto de vista sociológico. De imediato percebi que aquela turma se relacionava de maneira diferenciada com os outros alunos, dadas as dificuldades de comunicação. O que chamou a atenção foi o fato da união daqueles alunos surdos, que sempre se organizavam para fazer o lanche de maneira coletiva, poucos saiam da sala de aula, quase não interagiam com os outros alunos do pré-vestibular.

Dado meu desconhecimento da Libras – Língua Brasileira de Sinais –, da forma espaço-visual em que essa língua se articula e se realiza, eu enxergava os surdos com certo assombro, os via como indivíduos nervosos, constantemente inquietos, graças ao agitar incessante das mãos, às expressões faciais marcadas de maneira exagerada e à empolgação na comunicação. Para conviver com eles tive que aprender algumas posturas diferentes, próprias para quem trabalha com pessoas surdas, instruções que me foram dadas pelo intérprete-coordenador logo no início do semestre letivo. Eu não deveria me vestir com roupas de cores fortes ou grandes estampas, deveria evitar movimentos bruscos com os braços e as mãos enquanto lecionava, tudo para que a atenção dos alunos não fosse desvirtuada, já que eles deveriam olhar para o interprete enquanto eu falava. Além disso, deveria falar de maneira mais lenta, esperar o interprete traduzir para em seguida continuar a explicação. Quando a palavra dita por

²³ O “Pré-vestibular Comunitário” era um projeto que tinha como parceiros a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, o Instituto Marista de Solidariedade e Ação Social Arquidiocesana de Belo Horizonte.

²⁴ O projeto também reunia esforços com a Pastoral dos Negros e a Pastoral dos Surdos, ambas pertencentes à arquidiocese de Belo Horizonte, para a manutenção de turmas especiais. Assim, havia uma turma composta só de alunos surdos e outra de alunos negros.

mim não tinha sinal correspondente em Libras, o interprete criava um sinal junto aos surdos para o entendimento do assunto. Como eu lecionava História, essa era uma situação freqüente, já que nem sempre existiam sinais para todos os conceitos²⁵ utilizados em sala de aula. A Libras é uma língua muito dinâmica, tema que pretendo discutir em outro momento.

No contato direto com o surdo, eu deveria falar sempre de frente, com calma, sem gritar, porque alguns deles faziam leitura labial. Virar de costas durante uma conversa era visto como ofensa, mesmo que eu não entendesse o que ele dizia, deveria manter a atenção nele. Alguns alunos possuíam aparelho auditivo, um possuía implante coclear²⁶, no entanto, a forma de comunicação predominante era a Libras. Falar em português naquela sala, sem traduzir para a Libras era uma atitude que desagradava os alunos.

Durante as aulas os estudantes conversavam muito entre si. Alguns alunos surdos se sentiam incomodados com tanta conversa durante a aula e “pediam silêncio”: acendiam e apagavam a luz por duas vezes para que os colegas parassem de conversar. O mais interessante é que se dois surdos sinalizavam entre si no canto esquerdo, ao fundo da sala, os surdos sentados no canto direito, á frente, se sentiam incomodados. Daí passei a perceber o quanto o campo visual é fundamental na comunicação dos surdos. Segundo Pfeifer (2003), aquilo que os surdos são capazes de captar pelos olhos faz mais sentido para eles do que os sons. Segundo a autora, é através da visão que eles percebem e recebem informações fundamentais para a sua compreensão do mundo.

Quando um ouvinte entra em contato com os surdos, ou seja, passa a conviver com eles, estabelecer relações mais freqüentes, recebe uma nova identificação. Um novo “nome” lhe é dado pelos surdos, não em português, mas em Língua de Sinais. Os surdos dizem que é o “batismo”, quando o ouvinte passa a ter um sinal próprio, que o identifica junto aos surdos. Assim, eu recebi um sinal²⁷ logo que entrei para o pré-vestibular. Fui informada que um sinal desse tipo só é válido quando dado por um surdo, e que geralmente esses sinais identificadores remetem a uma característica física da pessoa, algo que é muito evidente para o surdo no contato visual inicial. Esse é um

²⁵ O conceito de “trabalho”, por exemplo. O sinal de “trabalhador” não poderia ser utilizado para traduzir “servo”, uma vez que são dois conceitos de trabalho historicamente distintos.

²⁶ O implante coclear é uma prótese eletrônica que oferece informação sonora aos indivíduos com perda auditiva. Através de um procedimento cirúrgico a prótese é implantada no ouvido interno. O implante fornece estímulos elétricos ao nervo auditivo, substitui de forma parcial as funções da cóclea e possibilita a sensação auditiva. Maiores informações podem ser encontradas em <http://www.jonas.com.br/informacao.php?info=Implante1>.

²⁷ O meu sinal em libras era a letra “c” descendo da lateral da cabeça até o tronco, lembrando meu cabelo, longo e cacheado na época.

elemento muito importante da cultura surda e que eu começava a identificar: a visualidade, ou seja, a cultura visual.

A partir da percepção dessas peculiaridades do grupo de surdos decidi estudá-los, dada a escassa literatura sociológica dedicada a esse grupo em particular. Quem são esses indivíduos, quais as peculiaridades da sua cultura visual, quais seus hábitos, como se relacionam com os ouvintes são algumas das questões que me foram suscitadas a partir dessa experiência e que mais tarde contribuíram para a minha reflexão no campo das identidades.

3.1.2 As entidades que atuam junto ao surdo na cidade

Uma vez definido o objeto de estudo, uma pesquisa preliminar foi realizada a fim de delimitar melhor o universo que se pretendia estudar. Várias entidades foram visitadas e revisitadas, de acordo com as necessidades da pesquisa, dados sobre os surdos na cidade foram recolhidos.

Uma das primeiras entidades pesquisadas foi a Pastoral dos Surdos da Arquidiocese de Belo Horizonte. Fundada em 1988, essa entidade realiza um trabalho de catequese com os surdos, além de providenciar oficinas de português. Muitos surdos recorrem à Pastoral solicitando ajuda, desde a realização de um telefonema até a leitura de documentos e cartas, por exemplo. Alguns se reúnem ali, especialmente nas tardes de sextas e sábados. Há também excursões, por exemplo, ao Santuário de Aparecida, em São Paulo. Os surdos que a freqüentam são geralmente muito pobres e com pouca instrução. Alguns surdos que trabalham voluntariamente na Pastoral também se dedicam a outras entidades, que me foram indicadas, pelos intérpretes, para visita.

A partir dessas indicações, fui visitar a FONO – Centro Médico Psicológico de Diagnóstico e Tratamento Ltda, acompanhada de um intérprete da Pastoral dos Surdos, Renato Calixto. Ali presenciei algumas palestras — realizadas em parceria com a Pastoral dos Surdos — que visavam a orientar o surdo em assuntos ligados à saúde e ao portar-se socialmente. Os surdos que se reuniam ali para assistir às palestras eram em sua maioria os mesmos que freqüentavam a Pastoral.

Outra entidade visitada foi a FENEIS, Federação Nacional de Educação e Integração do Surdo. Ali tive acesso a uma série de publicações e documentos sobre as realizações da entidade, inclusive sobre as passeatas organizadas em Belo Horizonte no dia Nacional do Surdo. Não encontrei surdos reunidos, já que a função da FENEIS é encaminhar o surdo para o mercado de trabalho. Ali também funciona o CEEL: Centro de Educação e Estudos em Libras, que mantém um curso de Língua de Sinais, para pais de surdos, crianças surdas e interessados em Libras. Em conversa com as funcionárias, recolhi muitas informações sobre os lugares da “comunidade surda”²⁸, entidades esportivas e associações, além de ser informada sobre um grupo de surdos que se reunia diariamente na Praça Sete de Setembro, na região central de Belo Horizonte.

Ainda nessa etapa de visita às entidades, visitei o CAS, Centro de Capacitação de profissionais de Educação e de atendimento às pessoas com Surdez, órgão do governo do Estado de Minas Gerais. A função desse órgão é apoiar os profissionais da área de educação e do ensino especial da rede estadual, qualificar profissionais para a educação do surdo. Cursos de Libras são ministrados para esses profissionais e também para famílias de surdos. Voltarei a falar sobre o CAS em outro momento, quando relatar a minha experiência no curso de Libras.

A CODABE – Congregação dos Deficientes Auditivos de Belo Horizonte, também foi visitada. A instituição atua encaminhando o surdo para o mercado de trabalho, assim como a FENEIS. Não foram encontrados muitos surdos nessa instituição. Já na ASMG – Associação de Surdos de Minas Gerais, de caráter desportivo²⁹, é comum encontrar surdos nas noites de sexta feira, conversando, jogando sinuca ou assistindo televisão.

A partir desse mapeamento da presença de surdos na cidade, elaborado a partir de varias indicações de “indivíduos-chave”, foi possível a escolha de um grupo específico para se realizar este estudo.

A fim de organizar melhor a apresentação dos dados recolhidos ao longo do trabalho de campo, dividi o texto em dois momentos, uma fase que antecedeu o meu

²⁸ É importante ressaltar que não se usa nesta pesquisa o termo “comunidade surda” por se entender a imprecisão conceitual de se aplicar esse termo ao conjunto de surdos na cidade de Belo Horizonte. Entretanto, nas entidades de surdos e também em um núcleo que auxilia surdos na universidade, esse termo “comunidade surda” é usado de forma indiscriminada para se referir aos surdos, intérpretes e parentes que se comunicam em Libras. Logo, o uso de “comunidade surda” se faz em consonância à fala dos “nativos”, dada a importância desse termo para eles.

²⁹ A experiência na ASMG será relatada em outro momento.

aprendizado da Libras e a fase posterior ao curso. Por mais que eu não seja totalmente fluente em língua de sinais, a ausência da Libras foi um impedimento no que diz respeito à compreensão do universo do surdo, embora não tenha ofuscado a observação do comportamento manifesto dos indivíduos investigados.

3.1.3 Os surdos da Praça Sete: Primeira fase do trabalho de campo.

A partir da investigação preliminar do universo dos surdos na cidade, recebi uma informação de uma funcionária da FENEIS que chamou a atenção: alguns surdos se reuniam de maneira regular na Praça Sete de Setembro, localizada na região central de Belo Horizonte. As primeiras visitas à Praça, porém, não foram bem sucedidas, já que nenhum surdo foi encontrado. A informação que se tinha é que eles se reuniam no quarteirão fechado entre a Rua dos Tupinambás, Avenida Amazonas e Avenida Afonso Penna. O site da Associação de Surdos de Minas Gerais³⁰ informa que os surdos se reúnem na Praça Sete desde a década de 50. Conversando com outros freqüentadores da Praça, descobri que os surdos se concentravam ali sempre ao final da tarde. Perguntei sobre eles aos policiais na praça, que com desdém me responderam que “os surdos-mudos” estavam sempre por lá, não faziam nada, ficavam o dia todo “à toa” na praça. Da mesma maneira procedi com os jogadores de xadrez³¹, que me informaram de maneira mais precisa, dizendo que sempre havia surdos ali ao final do dia.

A partir das pistas recolhidas fui ao encontro desses surdos. Os primeiros contatos com eles não foram muito proveitosos, dada a resistência do grupo em me aceitar entre eles. Eu pouco sabia Libras, o que dificultava bastante a interação. Mesmo soletrando meu nome em Libras, eles não faziam muita questão e continuavam sempre conversando entre si. O constrangimento foi uma constante nos contatos iniciais.

Uma vez que eu não conseguia interagir de maneira a conseguir informações, já que eu nada sabia de Libras, passei a observá-los, sentada em um dos bancos da praça.

³⁰ www.asmg.org.br

³¹ No espaço da Praça Sete se encontram alguns grupos de pessoas que se reúnem para jogar damas e xadrez de maneira regular.

No quarteirão fechado da Rua Tupinambás, eles geralmente se posicionavam em pé, perto das árvores ou em frente às lojas, fora do lugar de intensa passagem de pedestres, e alguns também sentados nos bancos da praça. Os surdos formavam pequenos grupos, de sete a oito pessoas, todos utilizando a Libras.

A partir de uma maior frequência à praça, pude perceber que nos outros quarteirões fechados, que também fazem parte da Praça Sete, existiam outros surdos socializando entre si. Fui informada³² que havia um grupo que se reunia para andar de *skate*, mas nunca os encontrei. Vi também alguns surdos adolescentes, com uniformes de escola. No entanto, eles ficavam por pouco tempo e não eram frequentes. O grupo que escolhi para uma observação foi o que se reunia no quarteirão da Rua dos Tupinambás, porque era um grupo mais frequente.

Os primeiros contatos foram difíceis, como foi dito, eu não sabia me comunicar através da Libras e alguns surdos chegaram a dar as costas quando eu tentava me comunicar com eles em português. Aos poucos e com alguma insistência, o contato foi estabelecido, especialmente quando consegui dizer, através de um pedaço de papel e caneta, que eu havia sido professora de surdos. Esse foi meu “passaporte” para ingressar no grupo. Estar de alguma maneira ligada à “comunidade surda” foi fundamental, e posso dizer que foi essa condição de familiaridade que despertou a atenção do grupo. No entanto, escrever em pequenos pedaços de papel, que se revelou uma solução para o primeiro momento, tornou-se um complicador com o avançar da pesquisa. Alguns surdos entendiam o que estava escrito, mas a grande maioria encontrava dificuldade. A princípio pensei que eles fossem analfabetos, já que não sabia das dificuldades do surdo para a aprendizagem do português³³. Mas consegui um “intérprete”, Ricardo, que nessa fase foi meu principal informante.

³² Logo no início da pesquisa, eu costumava perguntar aos frequentadores da praça sobre os surdos. Poucas foram as informações recolhidas com esses indivíduos. Um dado interessante é que afora os jogadores de xadrez, os policiais e um dono de banca de revistas, ninguém mais “via” os surdos na praça.

³³ As aulas no curso de Libras do CAS – Centro de Capacitação de Profissionais da educação e atendimento às pessoas com surdez – abrangiam aspectos que ultrapassavam a estrutura da língua de sinais. Nesse curso, alguns temas básicos relativos à educação de surdos foram discutidos, dentre eles a peculiaridade do aprendizado do português pelo surdo. De uma forma resumida, pode-se dizer que o português funciona como uma segunda língua para o surdo. As crianças surdas que aprendem a língua de sinais antes de serem alfabetizadas em português, de acordo com os professores dos CAS, têm melhores chances de apresentar uma boa leitura e escrita nesse idioma. Já aquelas crianças que vão para a escola sem a Libras encontram grandes dificuldades com o português, uma vez que lhes falta uma língua primeira, “natural”, que seria a Libras na opinião dos professores que ministravam o curso. A maior parte dos entrevistados em meu trabalho de campo na Praça Sete aprendeu a Libras após concluírem as etapas iniciais da educação básica, ou seja, aprenderam a Libras após o português. E, de fato, apresentavam alguma dificuldade com o português. A experiência do curso de Libras no CAS será discutida adiante.

Ricardo, que não era surdo profundo e havia perdido a audição na adolescência, fazia muito bem a leitura labial³⁴, pronunciava as palavras de maneira correta e possuía boa dicção, embora o tom de sua voz fosse bem baixo. Ele dava aulas de Libras na região central e disse que ia para a praça para conversar, marcar encontros, “*bater papo*”. Sobre sua rotina, me informou que saía do serviço às treze horas, almoçava em casa onde “*ficava de bobeira*” até as dezessete horas, quando pegava o ônibus e ia para a praça conversar. Ele morava no bairro Gameleira e dizia não se importar em se deslocar para a Praça Sete³⁵, pois tinha passe livre.

Nos primeiros encontros, Ricardo traduzia as minhas perguntas aos surdos. Enquanto eu colhia informações com ele, vários surdos se aproximavam e interrompiam sua fala, às vezes tentando se comunicar comigo, às vezes para falar com ele, originando um grupo a minha volta. Ricardo se comunicava com os surdos somente em Libras. Ele dizia que “os surdos” não gostam de ler lábios e sim de Libras. Ricardo utilizava as duas modalidades de comunicação, porém se referia aos outros surdos (que se comunicavam preferencialmente em Libras) como “eles”. A relação com o intérprete é sempre problemática, mesmo em outros contextos como a sala de aula, dado que não se sabe a maneira como ele está traduzindo o que se está querendo dizer.

Das conversas iniciais, mediadas por Ricardo, pude constatar que parte deles nasceu apresentando surdez, de moderada a profunda. A maioria sabia se comunicar em Libras, poucos eram os que sabiam leitura labial. Grande parte deles participava de associações para surdos (Associação de Surdos de Minas Gerais, Sociedade de Surdos de Belo Horizonte, Associação de Surdos de Contagem). É interessante notar que a separação por grupos na praça segue a lógica de pertencimento a uma dada associação, ou seja, os surdos da Associação se reuniam regularmente perto dos bancos, os surdos da Sociedade de Surdos em frente às lojas.

A maioria dos surdos ia para a Praça Sete no fim da tarde, quando saía do serviço ou da escola, outros vinham de casa para conversar ou no dizer deles, “*bater papo*”. Existiam aqueles surdos mais desembaraçados, que transitavam entre os grupos não se fixando a nenhum. O fato de estar em um grupo não limitava o surdo a

³⁴ A leitura labial ou leitura orofacial é a capacidade que alguns surdos possuem (em alguns casos de indivíduos nascidos surdos por intermédio de tratamentos fonoaudiológicos) de entender o que o ouvinte está dizendo através da leitura dos movimentos dos lábios.

³⁵ O bairro Gameleira não é um bairro próximo à região central de Belo Horizonte, onde se localiza a Praça Sete. Para se deslocar até lá, é necessário pegar alguma condução, seja ônibus, seja metrô.

participar da conversa de outro: uma vez que a modalidade lingüística é espaço-visual, todos vêem o que todos estão falando. Logo, se um assunto interessava ao surdo, ele mudava de grupo e participava da conversa.

A faixa etária, aparentemente variava de 20 a 50 anos, sendo que a maioria dos surdos parecia ser de indivíduos de baixo poder aquisitivo e com pouca escolaridade. Das interações com os ouvintes, pode-se dizer que poucos socializavam com os surdos. Algumas vezes me deparei com alguns ouvintes que sabiam Libras, e estavam lá porque estavam esperando um filho ou amigo surdo. Uma vez presenciei um ouvinte fazendo mímicas, pedindo para que os surdos se retirassem, pois iria chover. Perguntei ao intérprete se ele conhecia aquele indivíduo, ele disse que não sabia quem era, mas sempre alguém fazia isso a fim de afastar os surdos da praça.

Percebe-se por esse acontecimento, somado à maneira como os policiais se referiram aos surdos, que para alguns indivíduos a presença deles na praça é algo incômodo. A esse respeito, o intérprete me informou que o local inicial de encontro dos surdos não era a Praça Sete e sim a Rua Curitiba. No entanto, com as constantes reclamações dos lojistas, que chamavam a polícia para afugentá-los da frente de suas lojas, eles resolveram “se mudar” para a Praça Sete, onde teriam maior liberdade para conversar. A praça, de acordo com o intérprete, seria o lugar onde os surdos teriam “liberdade” para “bater papo”. Essa “liberdade” apareceu em outra fala, quando perguntei a um rapaz por que ele vinha à praça, e ele respondeu que se sentia amarrado o dia todo, quando chegava à praça, estava livre para conversar com seus amigos.

A intensidade dos encontros variava de acordo com o dia da semana, sendo a sexta-feira o dia mais movimentado. Nesse dia eles combinavam de sair, ir a bares, às vezes realizavam viagens, ou seja, marcavam atividades de lazer em conjunto. As viagens, em geral, eram para eventos esportivos, realizados pelas associações, mas algumas vezes eles foram a festas em sítios, passando o fim de semana juntos. Além da conversa, a paquera e o namoro foram indicados como razões para o encontro dos surdos na praça. Muitos surdos me relataram que preferiam namorar outros surdos, devido à dificuldade na comunicação³⁶.

³⁶ Conheci somente um surdo freqüentador da praça que era casado com uma ouvinte/intérprete.

3.1.4 O divisor de águas: O curso de Libras e a segunda fase do trabalho de campo

Malinowski (1986) aponta que o antropólogo deve aprender a língua do nativo, logo, para tornar a minha observação mais eficaz, fiz um curso de língua de sinais, para entender a comunicação desses surdos. A aquisição da Libras, ainda que de forma básica, foi muito importante no sentido de iluminar os rumos da pesquisa. Se antes o contato com o surdo se dava através de “um crivo” – o intérprete, agora a comunicação seria direta. Além de facilitar a interação, aprender Libras me deixou mais próxima dos sujeitos pesquisados dada à compreensão daquela (nova) situação de comunicação.

Como sou professora da rede estadual de ensino, tive a oportunidade de fazer o meu curso de Libras no CAS – Centro de Capacitação de profissionais de Educação e de atendimento às pessoas com Surdez. Existem outros lugares na cidade onde se pode fazer o curso de Libras, como por exemplo, a Associação de Surdos de Minas Gerais e a FENEIS, embora não sejam gratuitos.

O CAS, fundado em julho de 2003, é um órgão subordinado à Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais. Ministra um curso básico de Libras gratuitamente para os profissionais da educação, pais e familiares de surdos. Outras pessoas interessadas em aprender a Libras têm que esperar por disponibilidade de vagas, uma vez que a prioridade da instituição é capacitar os profissionais da educação que atuam nas escolas junto ao surdo. Existem quatro núcleos principais do CAS: apoio didático pedagógico, tecnologia e adaptação de material didático, capacitação profissional e núcleo de convivência (desenvolvimento pessoal).

O curso teve duração de 180 horas, incluídos estágios e visitas às entidades que atuam junto aos surdos. Assim como no pré-vestibular, tive que (re)aprender uma série de posturas para lidar com o surdo, que dessa vez me foram informadas pela professora surda. “*Os surdos ouvem com os olhos e falam com as mãos*”, “*As mãos dos surdos são vozes que pensam, sonham e encantam*”, “*Sem voz, nossas mãos vencem o silêncio e fazem a comunicação*” são alguns dos dizeres encontrados em cartazes afixados nas instalações do CAS, sendo que “*Proibido conversar em Português. Respeite a língua do surdo!*” era o cartaz que mais chamava atenção dentro das salas de aula. E, de fato, nós alunos éramos censurados em todo momento que os instrutores surdos percebiam que falávamos em português.

Mesmo sendo surda, não era difícil para a nossa instrutora Isabel perceber quando havia conversa, já que a disposição dos alunos na sala se dava de maneira semicircular, de forma que todos poderiam – e deveriam – ver e serem vistos. Éramos vinte e cinco alunos no início do curso. Alguns, no começo, se incomodavam com o fato da professora ser surda, acreditando que a barreira na comunicação seria um impedimento para o nosso aprendizado da Libras. Como eu já convivía com os surdos na praça, com quem aprendi alguns sinais, não senti tanta insegurança como meus colegas. Algumas alunas desistiram do curso, acreditando que seriam incapazes de aprender a língua de sinais. Para mim, aprender a Libras se deu em um mesmo grau de dificuldade do que outro idioma, com um diferencial: a oportunidade de encontrar, na proximidade geográfica, indivíduos “nativos” para conversar e expandir o aprendizado.

Os funcionários do CAS, ouvintes, prestavam alguma assistência em situações que não era possível entender a instrutora Isabel. Explicações que exigiam minúcias, como orientações para a elaboração de trabalhos e relatórios são alguns exemplos dos momentos em que solicitamos a tradução de um ouvinte, ainda no princípio do curso. Acredito que a razão para a insegurança inicial pode ser compreendida pela restrição ao português³⁷ durante as aulas, ministradas em Libras, em que até mesmo a chamada dos cursistas era realizada em datilologia³⁸, sendo o quadro um recurso muito utilizado pela professora para esclarecer equívocos³⁹. Sendo a Libras uma língua em que a visualidade é prevaiente, os recursos didáticos de caráter visual eram predominantes no processo de aprendizagem, como retroprojektor, televisão, projetor de slides e outros.

Não é meu intento aqui reconstituir uma trajetória histórica dos métodos e concepções teóricas que orientaram a educação de surdos e concomitantemente do uso da Língua de Sinais⁴⁰. No entanto, fazem-se necessários alguns esclarecimentos, ainda que breves, sobre o que venha ser a Língua de Sinais e a Libras – Língua Brasileira de

³⁷ Certa vez, nos primeiros momentos do curso de Libras, fomos duramente reprimidas por outra instrutora surda, durante a realização de uma dinâmica. Pensávamos que a instrutora fosse surda profunda e quando fazíamos alguns comentários ela se virou de repente e falou em voz alta que estávamos desrespeitando não só a ela, mas também às normas do CAS. O susto foi inevitável, porque nunca tínhamos visto a instrutora Carol se comunicar de outra maneira que não fosse os sinais. Em um momento posterior, entrevistei essa instrutora e ela me informou que era surda profunda, no entanto dominava muito bem a leitura orofacial, além de ter feito tratamento por muitos anos com fonoaudiólogo. Carol é um caso interessante para se pensar os surdos na cidade, falarei disso mais tarde.

³⁸ Alfabeto Manual.

³⁹ Às vezes a professora não sabia a correspondência de determinado sinal em português. Logo, ela desenhava muito no quadro, ou fazia “mímicas” até que alguém desvendasse a palavra ou o sentido do sinal que ela fazia.

⁴⁰ A esse respeito, ver o trabalho de Maria Cecília de Moura (2000), que apresenta uma síntese da história de educação de surdos, no Brasil e no mundo.

Sinais, a fim de se facilitar o entendimento, no capítulo seguinte, da reivindicação que alguns grupos na cidade fazem dessa língua no processo de construção das identidades.

Primeiramente, as línguas de sinais não são traduções das línguas orais em gestos. Felipe (2001) salienta que, a partir dos dados demonstrados por pesquisas na área, a complexidade e a expressividade das línguas de sinais são comparáveis a quaisquer línguas orais. Segundo a autora, “*seus usuários podem discutir filosofia, literatura ou política, além de esportes, trabalho, moda e utiliza-las como função estética para fazer poesias, contar histórias, criar peças de teatro e humor.*” (FELIPE, 2001. p.19). Além disso, as línguas de sinais são também dinâmicas: assim como as línguas orais sofrem modificações em resposta às mudanças tecnológicas/culturais, novos sinais são introduzidos nas “comunidades surdas” a cada necessidade, e se aceito, passa a ser utilizado por elas (FELIPE, 2001).

Em relação aos surdos da comunidade internacional, seria errôneo afirmar que existe uma língua de sinais única, mundial. Da mesma forma em que há uma diversidade de línguas orais, há outras inúmeras línguas de sinais além da Libras, como a *ASL – American Sign Language*, por exemplo. Segundo Felipe (2001), dentro do Brasil existe uma língua de sinais diversa a Libras que é a língua Urubus-Kaapor, encontrada na Amazônia entre índios de uma tribo com o mesmo nome. Percebe-se então que as línguas de sinais possuem variações regionais que independem das línguas orais auditivas praticadas na mesma região, ou seja, embora Portugal e Brasil compartilhem a mesma língua oficial, suas línguas de sinais são diferentes.

Um dado interessante: por mais que cada língua de sinais possua uma estrutura gramatical própria, os surdos de uma dada região se comunicam com um estrangeiro surdo com mais facilidade do que um ouvinte na mesma situação. Segundo Felipe (2001), isso acontece porque os indivíduos surdos possuem uma capacidade de aproveitar e criar pantomimas e gestos para se comunicar, muitos sinais possuem semelhanças com a coisa que buscam representar, e, além disso, os surdos estão sempre atentos às expressões, sejam elas corporais ou faciais.

É importante ressaltar que a Libras, como toda língua de sinais, é uma língua de modalidade gestual-visual que utiliza como canal ou meio de comunicação movimentos gestuais e expressões faciais que são percebidos pela visão. Logo, é distinta da língua portuguesa, uma vez que essa é uma língua de modalidade oral-auditiva, cujo canal ou meio de comunicação são os sons articulados percebidos pelos ouvidos. A Libras apresenta, inclusive, uma estrutura gramatical completamente

diferente da estrutura portuguesa (GÓES, 1996; MOURA, 2000; QUADROS, 1997; SKLIAR, 1998; SÁ, 2002).

O sinal corresponde nas línguas de sinais às palavras nas línguas orais auditivas. Nas línguas de Sinais a gramática é descritiva, explica como as pessoas falam da maneira que elas falam, ou seja, não existe uma gramática normativa em línguas de sinais (GÓES, 1996; FELIPE, 2000, QUADROS, 1995). No entanto, verificam-se parâmetros para as línguas de sinais, quais sejam:

***Configuração das mãos:** são formas das mãos, que podem ser da datilologia (alfabeto manual) ou formas feitas pela mão predominante (mão direita para os destros), ou pelas duas mãos do emissor sinalizador.(...) **Ponto de articulação:** é o lugar onde incide a mão predominante configurada, podendo esta tocar alguma parte do corpo ou estar em um espaço neutro vertical (do meio do corpo até a cabeça) e horizontal (à frente do emissor). (...) **Movimento:** os sinais podem ter um movimento ou não.(...) **Orientação / direcionalidade:** os sinais têm uma direção com relação aos parâmetros acima. Assim, os verbos IR e VIR se opõem em relação à direcionalidade (...). **Expressão facial e/ou corporal:** muito sinais, além dos quatro primeiros parâmetros mencionados acima, em sua configuração têm como traço definidor também a expressão facial e / ou corporal, como os sinais ALEGRE e TRISTE.(...) Na combinação desses quatro parâmetros, ou cinco, tem-se o sinal. Falar com as mãos é, portanto, combinar estes elementos para formarem as palavras e estas formarem as frases em um contexto. (FELIPE, 2001.p. 22).*

É importante ressaltar que no alfabeto manual, ou datilologia, a língua escrita serve de base e as palavras são digitadas pelas mãos, enquanto na Libras existe uma codificação contextualizada em torno de símbolos/sinais que resultarão em diálogos interativos lingüístico (GOES, 1996; FELIPE, 2000). Ambas são meios de comunicação, mas se no alfabeto manual há uma ligação estreita com a aprendizagem da língua escrita, a língua de sinais (Libras) não depende da língua escrita. O que se pode dizer, ao fim e ao cabo, é que o alfabeto manual é um sistema de escritura manual que equivale à grafia espacial e, assim como a Libras, não é universal.

Uma vez que as peculiaridades da Libras foram expostas, mesmo que de forma superficial, segue-se agora com o relato de campo acerca da experiência no CAS. Muitos pais e familiares de crianças surdas foram encontrados nas imediações do CAS, já que este funciona em um anexo da Escola Estadual Francisco Salles, cujo alunado é composto basicamente de surdos. Os familiares dos alunos ficavam na escola à espera do término da aula. Alguns faziam o curso de Libras no CAS enquanto outros permaneciam ociosos. Estabeleci alguns contatos e troquei experiências tanto em conversas informais quanto em debates durante o curso. Existiam duas turmas de

Libras em cada turno no CAS, uma para os pais e outra para os profissionais da educação, mas algumas vezes essas turmas eram unidas para certas atividades. Não realizei entrevistas formais com os pais de surdos, mas colhi informações, estive atenta aos depoimentos dados nos momentos em que havia a fusão das turmas, observei-os com seus filhos dentro daquele ambiente escolar.

De maneira geral posso dizer que os pais de surdos que encontrei no Francisco Salles demonstraram uma não aceitação da surdez do filho. Alguns lamentavam, dizendo que era “castigo de Deus”, outros culpavam a si mesmos, por erros cometidos no passado, por terem discriminado outros surdos, por não terem tomado cuidado com a saúde⁴¹. *“Eu abortaria se soubesse, o médico não me disse que eu tinha rubéola, esperava uma criança linda, perfeita. Minha filha é linda, mas é surda.”* Essa fala é um exemplo que sintetiza a maioria dos depoimentos dados. Esses pais viam seus filhos como coitados. Palavras como “deficiente”, “incapaz”, “estranho”, “anormal” são recorrentes na fala desses pais. Muitos se emocionavam ao contarem a sua trajetória de vida, da espera do bebê à decepção da descoberta do filho surdo: *“Minha filha era tão linda, eu jamais iria imaginar que isso poderia acontecer com ela”*.

Muitos pais ali presentes gostariam de ter acesso a um tratamento médico que sanasse o problema dos filhos, como o implante coclear⁴², por exemplo. No entanto, dado o alto preço da cirurgia, e mesmo dos tratamentos fonoaudiológicos, percebe-se nesses indivíduos uma espécie de frustração, como um pai que afirmou: *“percebi que sou impotente diante da doença do meu filho”*. A maioria dos familiares de surdos presentes ali apresentava uma situação financeira bastante precária. No entanto, têm-se informação de que o governo brasileiro, através do Sistema Único de Saúde – SUS – custeia a cirurgia do implante coclear⁴³. A falta de informação pode explicar em parte essa frustração dos pais diante a surdez do filho. A maioria dos pais deseja “normalizar” o filho surdo, torná-lo ouvinte. O aparelho auditivo, bem como o implante coclear se configura como meio para alcançar o sonho. No entanto, a partir dos relatos de surdos adultos⁴⁴ percebe-se que o aparelho pode não ser a melhor

⁴¹ Algumas mães não tomaram a vacina contra rubéola, e a ela devem a surdez dos filhos.

⁴² Estima-se que o preço de um implante coclear chegue a 40 mil reais nas clínicas particulares.

⁴³ Em Belo Horizonte, o Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais realiza a cirurgia de implante coclear desde 2001. Contudo, nem todos os candidatos podem ser implantados. A averiguação do comprometimento neurológico associado à deficiência auditiva é um exemplo dos critérios de seleção de candidatos. Ver http://www.hc.ufmg.br/otorrino/grupos_implante_coclear.html.

⁴⁴ Alguns surdos adultos eram convidados a participar dos debates no curso de Libras, documentários em vídeo a respeito da vida dos surdos eram apresentados e discutidos, momento em que eram reunidas as turmas de pais e educadores.

alternativa, já que para alguns a rejeição é total, dada a dor de cabeça causada pela confusão de sons, que acabam por desorientar o surdo. Alguns pais confirmaram essa informação, dizendo da dificuldade manter o filho usando o aparelho auditivo, e quando conseguiam, era notável a irritabilidade das crianças. Já em relação ao implante coclear, os surdos implantados que tive contato (dois adultos e uma criança) não me informaram qualquer tipo de problema em relação à prótese.

Situações constrangedoras do convívio surdo/ouvinte também foram relatadas pelos pais. Segundo uma mãe de surdo, ofensas são dirigidas pelos ouvintes, especialmente em ônibus. Estava esta mãe e sua filha sentadas nos lugares reservados do ônibus para idosos, gestantes e deficientes, quando um senhor se dirigiu a elas e passou a proferir uma série de palavras ofensivas à menina surda. O ônibus estava lotado e um senhor insultava a criança, chamando-a de “folgada” e dizendo que “surdos são inúteis e preguiçosos”. A mulher lamentou aquela atitude porque, segundo ela, mesmo a filha sendo surda, consegue perceber pelas expressões faciais quando está sendo ofendida.

Dentre os pais de surdos com quem que convivi, uma postura de proteção excessiva foi notada. Em alguns casos, quando se chegava perto de algum aluno surdo para conversar, o pai ou a mãe saía arrastando a criança pelo braço. Além disso, qualquer ação dos alunos fora da escola (não estou me referindo às crianças pequenas), os pais se precipitavam aos filhos, como atravessar uma rua, comprar um lanche. A impressão que se tem é que essas crianças são tratadas como se portassem um outro tipo de limitação, física ou mental, além da surdez. Sendo assim, o espaço privilegiado para a livre socialização desses alunos é restrito aos pátios internos da escola. Mesmo sabendo da surdez dos filhos, os gritos dos pais eram constantes, e a justificativa dada por eles era a teimosia dos filhos, o que também ocorria entre as professoras da Escola Francisco Salles.

Encontrei também avós que cuidavam dos netos surdos, geralmente abandonados pelos pais. Percebi maior cautela e cuidado desses para com seus netos, embora o tom de lamentação acerca da surdez da criança fosse o mesmo dos outros pais. Não encontrei nenhuma criança ali cujos pais fossem surdos.

Uma reclamação de alguns pais me chamou atenção: a resistência ao ensino baseado em sinais. Segundo esses pais, o filho “*depois que aprendeu Libras ficou mais preguiçoso*”, “*não vai ser nada na vida*” devido à condição de surdo e suas implicações sobre o português. Não cabe aqui discutir os métodos para a educação do

surdo⁴⁵. O que me interessa é a oposição desses pais às metodologias educacionais que anunciam a possibilidade de uma vida melhor para seus filhos, baseada na aquisição da Libras. Muitos pais não aceitam o discurso de que “*ser surdo é ser diferente*”, preferem uma abordagem que corrija ou ao menos amenize a falta de audição. Para esses pais, a Libras atrasa ou mesmo prejudica o aprendizado do português, escrito e falado. A principal crítica deles se esclarece em suas falas quando comparam a qualidade de ensino da Escola Francisco Salles com aquele ministrado pelas freiras do ISI, Instituto Santa Inês⁴⁶. De acordo com esses relatos, no Instituto Santa Inês as crianças surdas aprendem a ler e escrever bem, a ter disciplina e até “*passam no vestibular*”, “*são mais educadas, mais bonitas*”. No entanto, nem todos os pais possuíam a possibilidade de matricular seus filhos no ISI, que é uma instituição particular⁴⁷.

Outros pais, porém, possuem opinião oposta, afirmando que uma educação que priorize o português não é o ideal para seus filhos. O que se passa no Instituto Santa Inês, para esses pais, é uma adequação do surdo ao padrão ouvinte. Para eles, a educação de seus filhos deve ocorrer de maneira diferente, com a Libras como primeira língua, sem desconsiderar o ensino do português. Escolas como o Francisco Salles, na opinião desses pais, garantem às crianças surdas mais autonomia e reconhecimento da diferença, além da valorização de sua cultura.

Para se concluir o curso de Libras com êxito o cursista deve, além de ser aprovado nos exames práticos e teóricos a que for submetido, fazer um estágio em instituições que trabalhem com surdos. Fiz o estágio no Instituto Santa Inês a fim de averiguar as diferenças informadas pelos pais de surdos. A minha fluência em Libras foi se aprimorando ao longo desses cinco meses de contato quase diário com os surdos, já que o curso era ministrado duas vezes por semana, duas horas de aula por dia. Além disso, eu me encontrava com os surdos na Praça Sete durante a noite, duas vezes por semana e visitava uma instituição (em horários de aglomeração de surdos) uma vez na semana.

⁴⁵ Sobre isso ver QUADROS, 1997; SOARES, 1999; GOES, 1996; MOURA, 2000; SÁ 2002; SKLIAR, 1998 e outros.

⁴⁶ O Francisco Salles é uma escola estadual, cuja modalidade de educação especial se concentra no atendimento a surdez, ou seja, as turmas são compostas exclusivamente por alunos surdos. Já o ISI – Instituto Santa Inês, é uma escola que também atende exclusivamente alunos surdos, porém é uma instituição particular administrada pelas freiras pertencentes à Congregação das filhas de Nossa Senhora do Monte Calvário.

⁴⁷ Tive informações de que a prefeitura de Belo Horizonte mantinha um convênio com a instituição, no entanto, o número de vagas era bastante restrito.

O estágio no ISI foi realizado nos dias de folga das aulas do curso de Libras. Lá, tive contato com um outro universo de surdos, dado que o poder aquisitivo da maioria das famílias dos alunos era bastante diferente. O ISI, assim como o Francisco Salles, oferece educação infantil e ensino fundamental. No Santa Inês, a preocupação com a disciplina era uma constante. As professoras se revezavam para tomar conta dos alunos no recreio, já que eles brigavam muito entre si, o que também ocorria no Francisco Salles. As professoras de ambas as escolas lecionam em Libras, sem ajuda de intérpretes, mas notei no ISI uma perspectiva mais oralista de educação⁴⁸. Dentre os funcionários da escola, fonoaudiólogos e psicólogos estavam disponíveis para os alunos da escola, que podiam visitá-los semanalmente.

As professoras mais velhas pressionavam os alunos para o uso da voz e da leitura labial. Sinalizavam só o necessário e quando percebiam que não estavam sendo compreendidas. As professoras mais jovens usavam os sinais, mas na minha presença algumas exigiam do aluno uma fala, com o intuito de me mostrar as “*potencialidades*” desse aluno. Algumas falavam com o surdo, gritando, “*fale para a Camila ver que você sabe!*”. Alguns alunos da educação infantil se constrangiam diante dessa exigência das professoras e se recusavam a falar, o que acarretava alguma repreensão da professora, tipo “*ele é bobo, não quer falar*” ou “*cadê sua língua? O gato comeu sua língua?*”. Já os alunos das séries finais do ensino fundamental eram mais desembaraçados, falavam muito e pareciam se orgulhar muito da fala. É interessante notar que existia certo “status”, dentro do grupo, para aqueles que sabiam falar de maneira mais clara. Assim que eu entrava em uma nova sala de aula, os surdos imediatamente me apontavam aquele que melhor se comunicava em português e diziam que ele era inteligente porque sabia falar. Cabe elucidar que a maioria dos alunos usava aparelho auditivo, embora a forma de comunicação predominante fosse a Libras. Cheguei a conversar com uma criança que tinha acabado de realizar o implante coclear, mas ainda estava na fase de adaptação ao aparelho.

Um momento interessante era a realização da oração matinal. Todos os dias, antes de começarem as aulas, os alunos se organizavam em filas, cada turma tinha a sua fila específica, para rezarem junto à mãe responsável pela escola. As filas eram emparelhadas diante da mãe, que subia em banquinho para rezar uma “Ave Maria” e um “Pai Nosso”. Ao lado da freira, que realizava a prece em português, uma aluna

⁴⁸ Para se saber mais sobre essa perspectiva educacional, ver MOURA, 2000.

fazia a tradução para a Libras. As professoras se encarregavam de manter o “silêncio”, ou seja, fazer com os surdos olhassem para frente e repetissem os sinais da colega que traduzia a oração. No entanto, eles conversavam muito, o que levava a madre a censurá-los constantemente.

Além do ISI, fiz estágio na ASMG, Associação de Surdos de Minas Gerais que completou 50 anos em 2006. Uma funcionária da FENEIS⁴⁹ me informou que a ASMG foi fundada por um público de elite, com o objetivo de organizar atividades desportivas entre os surdos. Entretanto, o público que ela atende hoje é bem diverso e não necessariamente com alto poder aquisitivo. No site oficial da ASMG (www.asmg.com.br), porém, encontra-se a seguinte informação:

Era uma vez um grupo de surdos que se encontrava sempre na Praça Sete de Setembro, no centro de Belo Horizonte do Estado de Minas Gerais. Corria o ano de 1955, e eles não possuíam uma Associação organizada e se encontrava naturalmente com a finalidade apenas de se comunicarem. No ano 1954, em cidade de São Paulo, havia sido fundada a primeira Associação de Surdos do Brasil, no ano seguinte foi no Rio de Janeiro e a partir de então, começa a se expandir. De certa feita, um líder entre os surdos da comunidade da Praça Sete de Setembro, incentivou-os a organizar um grupo e criar uma Associação que os congregasse e permitisse entre eles um intercâmbio cultural, esportivo, social, assistencial e educacional. Assim, no dia 30 de abril de 1956, no bairro Funcionários, foi fundada a Associação dos Surdos-Mudos de Minas Gerais, que passou a receber mais sócios, sempre com o objetivo de organizar e integrar os surdos na sociedade, e tem procurado servir a comunidade surda a quase meio século. (www.asmg.org.br)

Os surdos do ISI, alguns surdos universitários que encontrei na PUC Minas e também no “mundo virtual” apresentam alto poder aquisitivo em comparação àqueles encontrados na ASMG e os da Praça Sete. Fui à ASMG em algumas noites de sexta feira. A estrutura física do local é ampla. Na entrada há um pequeno corredor que dá acesso ao escritório e a um salão central, bastante espaçoso, onde são exibidos os certificados e troféus conquistados pelos membros em campeonatos desportivos de surdos. Além disso, há nesse salão uma mesa de sinuca, cadeiras e mesas típicas de barzinhos, sofás, uma televisão de 29 polegadas e um pequeno elevado, parecido com uma miniatura de palco. Ao lado há uma pequena área com sofás e uma televisão de 20 polegadas, que faz uma divisória (parecida com um balcão de bar) com uma extensa cozinha. Nessa área lateral existe uma escada que dá acesso às salas de aula, um nível acima, onde acontece o curso de Libras.

⁴⁹ Federação Nacional de Educação e Integração do Surdo.

A minha preocupação em descrever o local fisicamente se justifica pela maneira como os surdos se dividiam naquele espaço. Deparei-me com muitos homens surdos reunidos no salão central, alguns já conhecidos da Praça Sete. Eles ficavam conversando em Libras, sentados às mesas tomando cervejas. As cervejas eram compradas por eles e guardadas no freezer da cozinha, me disseram que os responsáveis pela venda de bebidas e salgados na ASMG não estavam trabalhando mais naquele local. Alguns jogavam sinuca, outros sentavam nos sofás, mas esses grupos do salão central eram geralmente compostos por homens. Na sala lateral, que dava acesso à cozinha e às escadas, ficavam as mulheres, sentadas nos sofás e cadeiras assistindo televisão.

Essa situação me causou estranhamento, pois as mulheres não se sentavam às mesas juntos aos homens e também não consumiam bebidas. Havia um fato que me deixava desconfortável: a tevê não tinha som e eu não entendia nada do que se passava, o que dificultava minha interação com essas mulheres. Elas discutiam entre si sobre o que estava acontecendo na tevê, pois não conseguiam captar tudo o que era dito, porque as cenas nem sempre focalizavam o rosto do personagem que fala. Quando eu perguntava alguma coisa elas relutavam em me explicar, preferindo discutir entre si. Senti resistência de algumas mulheres, mas não de todas. As mais jovens interagiam bastante, perguntavam sobre minha vida pessoal, meu trabalho e outras amenidades. Alias, é importante dizer que para alguns surdos da associação e para a grande maioria da Praça Sete, qualquer assunto é interessante, desde que se mantenha a comunicação em Libras. Com os homens surdos eu interagi pouco, já que havia uma divisão muito nítida entre mulheres e homens, e eu não estava interessada em romper com a lógica do lugar, a fim de não perder detalhes da observação. As mulheres raramente iam até os homens, estes iam a elas com maior frequência, e dessa maneira conversei com alguns surdos homens já conhecidos da praça.

A partir da minha interação com aquelas mulheres da ASMG, pude perceber uma série de limitações no universo dessas surdas em particular. Em algumas conversas, notei que elas buscavam se “preservar” das interações com os homens. Elas iam à associação para assistirem tevê juntas e para conversar entre si. Eu não acompanhei sistematicamente o dia a dia dessas mulheres, então não é possível afirmar que elas participavam das atividades desportivas promovidas. Sabe-se que a associação promove torneios de *volleyball* masculino e feminino, o mesmo para o futebol de salão. Algumas mulheres geralmente se diziam “donas de casa”. Enquanto o marido

surdo batia papo e tomava cerveja, elas esperavam em frente à tevê. Outras mais jovens freqüentavam a associação porque gostavam de estar entre os surdos e até mesmo para namorar.

Outra experiência que merece ser relatada aqui é a oficina de Libras oferecida pelo NAI – Núcleo de Apoio à Inclusão da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, definido, no folheto informativo distribuído, da seguinte maneira: *“O NAI é o setor responsável pelo suporte especializado ao aluno com necessidades educacionais especiais associadas à deficiência, que se inicia no vestibular e é assegurado durante todo o seu percurso acadêmico na PUC Minas, até a conclusão do curso. Esse apoio inclui atendimento às suas dificuldades de natureza didático-pedagógica ou de acessibilidade, de forma a garantir a sua inclusão em todos os espaços acadêmicos da Universidade.”*.

Ainda de acordo com esse informativo, o funcionamento do NAI se dá *“Através de permanente articulação com os cursos e alguns setores da Universidade, busca disponibilizar os seguintes recursos especializados: transcrição tinta / Braille / tinta, leitores e copistas, textos digitalizados e gravados, intérprete de LIBRAS, apoio psicopedagógico, orientação aos professores e funcionários da Universidade sempre que solicitado.”*. Nesse sentido, o NAI organizou uma oficina de Libras para alunos, funcionários e professores, com carga horária de 17 horas, visando a melhorar a acessibilidade via interações entre surdos e ouvintes dentro do espaço universitário.

Como aluna da PUC Minas participei da oficina, que acontecia no turno da manhã. A ministrante da oficina também era aluna da PUC Minas, surda, estagiária de pedagogia com formação técnica de instrutor de Libras. As aulas aconteciam uma vez na semana, durante duas horas. A maioria dos participantes pertencia ao quadro de funcionários da PUC. Quem faz o curso recebe certificado de participação, no entanto, conforme explicitado na apostila utilizada na oficina, o desenvolvimento de habilidade de domínio ou fluência na Libras não seria possível, dado que o objetivo do curso é informar as noções básicas da Libras bem como possibilitar uma comunicação com o surdo de maneira informal, através de diálogos.

Uma situação merece destaque. Por ocasião da ausência da instrutora de Libras, um funcionário surdo do NAI, Rogério, foi convidado para ficar no lugar da instrutora até que a coordenadora da área de surdez do NAI pudesse estar presente e assumir a oficina. No entanto, uma outra funcionária do Núcleo, que também fazia a oficina, interferiu todo o tempo na “fala” do Rogério. O surdo quase não conseguiu explicar

nada, porque a funcionária todo o tempo pedia para que ele parasse e a deixasse falar. Ela, que se dizia intérprete de surdos, justificava a sua presença na oficina pela possibilidade de certificado. A situação foi bastante constrangedora para Rogério, pois, se a princípio, ele conseguiu se fazer entender, a presença dessa “interprete” transformou a presença do surdo como um “exemplo” das falas dela. Destaco nessa passagem a minha percepção da como alguns ouvintes abraçam a causa dos surdos. Nem sempre a autonomia do surdo é o mais importante. Essa preocupação quase “paternalista” para com o surdo é nociva, já que priva esses indivíduos da possibilidade de ação e escolha, continua excluindo-os, porém de maneira “positiva”, protegendo-os.

Retomo agora a explanação da pesquisa de campo na Praça Sete, informando as diferenças percebidas na convivência com os surdos após o término do curso de Libras. Ressalto que aprender Libras demanda dedicação e tempo, como o aprendizado de qualquer idioma. A diferença da Libras (além de ser uma modalidade de comunicação que privilegia a visualidade) está na possibilidade de se encontrar, na proximidade espacial, pessoas que dominam a Libras e a utilizam de forma fluente. Dessa maneira, o convívio com os surdos na Praça Sete, nas escolas, nos pontos de ônibus, enfim, na cidade, possibilita uma oportunidade de maior entendimento da língua de sinais e concomitantemente, do universo dos surdos. Antes da Libras, eu me sentia como um estrangeiro dentro da minha cidade, quando estava entre os surdos da praça.

Concluído o curso de Libras básico, parti para as entrevistas com os surdos na Praça. No entanto, um problema metodológico se impôs: como transcrever as entrevistas? Escrever em Libras⁵⁰? Sendo a estrutura da Libras diferente do português, ao se transmitir sentido da Libras para o português algumas distorções podem ocorrer, o que é inerente a qualquer ato de tradução. De todo modo, o que se verá aqui é a minha tradução livre dos depoimentos de surdos.

O recurso a entrevistas semi-estruturadas foi utilizado na pesquisa de campo na Praça Sete, entretanto, alguns percalços foram inevitáveis. Para a maioria dos surdos, especialmente aqueles que só se comunicam pela Libras, o português é um idioma difícil de ser compreendido. As entrevistas ocorreram de maneira peculiar, uma vez que foi necessário a minha tradução das perguntas, do português para Libras e das

⁵⁰ Existe uma escrita dos sinais, uma representação gráfica dos sinais cujas explicações podem ser encontradas no site www.signwriting.org, indicado pelo site da FENEIS, www.feneis.org.br/Libras/escrita_libras.shtml.

respostas, da Libras para o português. A cada pergunta respondida, eu pedia ao surdo para esperar a anotação das respostas. As entrevistas tomaram bastante tempo, entre traduções e anotações. Os surdos se cansavam facilmente, por isso, várias entrevistas foram interrompidas e algumas nem mesmo concluídas.

A faixa etária dos entrevistados variava entre 17 e 53 anos, geralmente estavam empregados e poucos eram os que possuíam o ensino médio completo. Sobre local de residência, alguns moravam em outras cidades pertencentes à região metropolitana enquanto outros moravam em bairros afastados da região central. Eles utilizam o transporte coletivo para ir trabalhar/estudar. Alguns surdos me disseram não ter surdos na família e também relataram que a comunicação com a família é “*difícil, ruim*”. A comunicação predominante entre os entrevistados é a Libras, a maioria afirma ser esta a modalidade de comunicação usada diariamente.

Anteriormente, durante a experiência no CAS, eu ouvi falar de surdos que pouco se comunicavam com a família, vivendo isolados em casa. Ali, na praça, conheci uma moça de 18 anos nessas condições. Ela tinha dificuldade com a Libras e com o português. Apresentava problemas com os sinais, tanto para entender o que eu sinalizava quanto para sinalizar para mim. Outros surdos entrevistados nessa entrevista, no entanto, ela continuou confusa, se irritou e não queria continuar a responder. Perguntei se ela sabia ler lábios, e ela não sabia. Então indaguei como se comunicava com as pessoas e ela não respondeu. Com a família ela respondeu precariamente que “*a família não sabe nada de Libras, teima em não aprender o que torna a comunicação difícil*”. Perguntei sobre a surdez, quando ficou surda e ela disse que não sabia por que “*a família nunca lhe falou nada sobre isso*”. Na escola, ela me disse que dividia classe com ouvintes e não aprendia nada. Parou de estudar por ser a escola “*muito difícil*”. Da sua relação com ouvintes, afirmou não ter amigo ouvinte. Sobre ser surda, ela disse “*que não gostava da surdez, se sentia triste com isso*”. Ainda em relação à família, ela disse que os pais não gostavam que ela fosse até a praça, ia escondido após o serviço, ficava pouco e ia embora. Perguntei a ela sobre a relação com os colegas de serviço, onde trabalhava e ela interrompeu a entrevista se dirigindo a outro grupo de surdos.

A maioria dos surdos entrevistados na Praça Sete afirmou que os membros da sua família não sabem a Libras o que pode revelar uma relação problemática do ponto de vista da comunicação, especialmente para aqueles surdos que não sabem ler os lábios. Aqueles que sabiam um pouco de leitura labial diziam entender um pouco seus

familiares, mas que a comunicação não era satisfatória. Um surdo me disse que em casa se sentia “*sufocado*” e que na praça estaria livre para conversar, “*gosto muito de conversar com outros surdos, eles sabem muito e conversam muito comigo*”. Outro surdo dizia que se sentia como se estivesse amarrado o dia todo, sem ninguém para falar, mas que esperava ansioso para o fim da tarde, quando se encontraria com os amigos surdos da praça para bater papo. Nota-se aí a importância da Praça Sete para esses indivíduos, lugar de liberdade para conversar, de estar entre iguais. Outro surdo ainda relatou que em casa se sentia triste, na praça era feliz porque conversava. O espaço público da Praça Sete, para esses indivíduos, adquire relevância em termos de sociabilidade.

Magnani⁵¹ aponta para uma questão importante nesse ponto: a oposição entre o espaço doméstico e o espaço público e as implicações dessa dicotomia na vida do surdo. A grande maioria dos surdos tem pais ouvintes. O surdo geralmente nasce inserido em uma “cultura ouvinte” que o caracteriza como deficiente. Logo, as tentativas de inserir esse sujeito na cultura ouvinte através do oralismo acabam por constranger e angustiar o surdo. De acordo com o autor, quando o surdo extrapola seu círculo de relações para além do espaço doméstico, ele encontra a possibilidade de exercer sua diferença. No espaço público, o que era visto como deficiência passa a ser visto como diferença, orgulho, e por trás disso, a identidade e cultura surda. De acordo com Magnani, para os surdos não é questão de deficiência e sim de diferença.

O que se verificou entre os surdos da Praça Sete é que realmente o espaço público tem uma importância considerável na vida dos surdos entrevistados, na medida em que propicia o momento de sociabilidade, da conversação. A maioria dos surdos associou uma noção de liberdade a esse espaço, dado que ali poderiam se comunicar sem maiores embaraços, já que todos os entrevistados são filhos de pais ouvintes e pouco conversam com seus familiares. No entanto, não identifiquei nenhuma manifestação de “orgulho de ser surdo” ou mesmo da idéia de “surdez marcada pela diferença”, e isso também não apareceu nas entrevistas. O que se percebe é que esses indivíduos sofrem constrangimentos nas interações com ouvintes – dadas as diferentes maneiras de comunicação – e encontram na praça a possibilidade de se comunicar com

⁵¹ Utilizo as idéias do autor apresentadas na 25ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada em junho de 2006. O título da palestra proferida é “Lugares da diferença: a presença dos surdos no espaço e instituições da cidade como estratégias de afirmação identitária”.

outros indivíduos, que além de sofrerem os mesmos constrangimentos, possuem uma língua em comum, a Libras.

Ao indagar aos surdos sobre sua relação com ouvintes em geral, algumas respostas foram negativas, ou seja, quando questionados sobre comunicar/conversar com ouvintes, respostas como *“eu acho muito difícil, não entendo nada”* ou *“o ouvinte não consegue entender nada do que eu tento dizer, não sabe de nada do que estou falando”* são exemplares. Os surdos que dominavam a leitura labial responderam ser *“sem maiores problemas, normal”* a relação com os ouvintes e disseram que têm amigos ouvintes e surdos e que não têm preferência em termos de amizade, *“a forma de relacionar é igual”*. Outros diziam tentar interagir com ouvintes, mas reafirmavam a dificuldade. Durante a observação notei que os surdos se aproximam mais dos ouvintes quando precisam deles, ou seja, pedem aos ouvintes para atender ao telefone celular⁵² ou mesmo realizar alguma ligação. Alguns me disseram que a principal forma de interação com ouvintes que não sabem Libras é pela escrita, para pedir alguma informação sobre ônibus ou mesmo para realizar ligações para saber sobre emprego. A partir disso não é possível se afirmar, pelo que se observou na Praça Sete, que exista uma forte oposição daqueles surdos em relação aos ouvintes. Esses surdos em momento algum falaram sobre ou demonstraram uma *“identidade surda”* ou mesmo uma cultura surda em oposição a uma identidade/ cultura ouvinte.

Ao indagar sobre o porquê do encontro na praça, todos responderam que o principal objetivo para estarem ali é *“bater papo”*, *“conversar a toa”* e outros também disseram que gostam muito dos amigos surdos. Em relação às amizades, grande parte dos entrevistados disse ter muitos amigos surdos, que preferem os amigos surdos porque a comunicação se dá de maneira mais fácil. Além disso, afirmaram que com os amigos surdos eles vão para barzinhos, viajam, fazem festa, vão a clubes e a cinemas. O Shopping Cidade⁵³ também foi citado como ponto de encontro. Em suma, os principais lugares de encontro e maior aglomeração citados pelos surdos, são a Praça Sete e a ASMG. A esse respeito, um surdo me respondeu que *“na verdade o lugar não importa, pode ser aqui [Praça Sete], na associação, o importante é ter surdo para conversar”*.

⁵² A grande maioria dos surdos na praça tem celular. Não são modelos caros, mas possuem a ferramenta de envio/recebimento de mensagens, muito utilizada pelos surdos.

⁵³ Shopping localizado na região central de Belo Horizonte.

Grande parte dos entrevistados afirma que a conversa em Libras é melhor, mesmo aquela surda que parecia saber pouco de Libras dizia que gostava muito. Dos entrevistados, somente um aprendeu a Libras na infância, aos dez anos de idade. Normalmente os surdos levavam jornais para a praça e ficavam discutindo entre si as notícias. Um lia a notícia e explicava. Em seguida, outro lia a mesma notícia e explicava de modo diferente, argumentava com o primeiro que ele não entendia. Um terceiro chegava e lia a mesma notícia e discordava dos dois anteriores. E assim passavam grande parte do tempo, lendo e discutindo sobre o que estava escrito, o que era motivo de riso entre eles. As notícias que mais chamavam atenção estavam relacionadas à morte, tema recorrente dos tablóides que eles traziam.

A pergunta “*o que é ser surdo para você*” foi a mais difícil de ser interpretada por eles. Eles não conseguiam entender “*ser surdo*” no sentido impresso por mim, confundiam e diziam que não eram ouvintes. Reformulei a pergunta e consegui algumas respostas importantes para esta pesquisa. Um disse que é “*normal, igual a ser ouvinte*”, outro diz ser “*muito triste porque não consigo fazer tudo sozinho*”. Outros já dizem que é “*não é tão bom porque não consegue falar nada*” enquanto outro diz “*ser surdo não é ruim, eu nunca ouvi nada mesmo*”. Percebe-se que não há uma opinião comum sobre ser surdo, no entanto, palavras como “triste” e “ruim” são constantes.

Para encerrar esta etapa, descreverei uma Festa Junina de surdos, que aconteceu na Sociedade de Surdos de Belo Horizonte. Não foi uma Festa Junina da maneira como estamos habituados, com quadrilha, por exemplo. Quando cheguei fui muito bem recebida por alguns surdos, que me convidaram para entrar. O lugar era um ponto de encontro dos surdos, parecido com a Praça Sete, mas em ambiente fechado. Havia um bar e algumas mesas para que as pessoas pudessem sentar. Todos os atendentes eram homens surdos. Sentei em uma mesa com dois surdos que conseguiam se comunicar através de leitura orofacial.

Pude observar que naquele dia havia muitos surdos, a maioria homem que aparentava pertencer a estratos sociais menos abastados, faixa etária que deduzo estar entre vinte e trinta anos, sendo a maioria jovem. O lugar estava cheio, mais ou menos uns 40 surdos. Pareciam alegres, descontraídos, animados, reunidos em pequenos grupos. Muitos bebiam cerveja, outros refrigerantes. Os surdos estavam à vontade, a impressões que se tinha é a de que todos ali se conheciam. A forma predominante de comunicação era a Libras. No entanto, por mais que eu soubesse o básico e começasse um diálogo com alguém, ele logo se despedia e ficava em companhia de seus iguais.

Além de mim, havia uma pessoa que era ouvinte, casada com um surdo. Ela também não estava tão integrada ao grupo, e quando me descobriu ouvinte, logo passamos a conversar. Então perguntei sobre a “festa junina” e nem ela soube responder por que não houve a festa, mas disse que todos os sábados eles se reuniam ali. Na verdade eu procurava ver na festa dos surdos os aspectos comuns às festas dos ouvintes, como a quadrilha, barraquinhas de pescaria, bingos, fogueira e outros. Comidas típicas a esse tipo de evento, por exemplo, caldos (feijão, mandioca, mocotó), pipoca, amendoim estavam à venda em um grande balcão. Adereços como bandeirinhas coloridas também estavam distribuídos pelo local. No entanto, o que eu não pude perceber de imediato é que aquela festa, na verdade, era uma festa de surdos. De acordo com um surdo que lá estava presente, *“o que importa é estar junto de outro surdo, conversar e se divertir”*.

A partir do que foi observado, registra-se que entre os surdos investigados, a motivação para a interação entre eles é a possibilidade de estar entre iguais, ou seja, poder conversar e se divertir sem maiores constrangimentos. Estar com surdos, conversar com surdos pareceu ser de extrema importância para o desenvolvimento da sociabilidade desses indivíduos, uma vez que eles procuram estar nos lugares onde encontram seus amigos surdos, *“para bater papo, a toa mesmo”* nos dizeres de um surdo.

3.2 A pesquisa de campo em meio virtual

Antes de descrever a pesquisa feita com os surdos na internet, far-se-á, brevemente, uma discussão sobre o trabalho de campo em meio virtual, além de caracterizar a rede “Orkut”.

Alguns autores que trabalham com o ciberespaço preocupam em analisar as formas específicas de relacionamentos que nascem na sociedade com o advento da Internet, seja através dos discursos, das técnicas, das identidades culturais. Amaral (2001), por exemplo, informa os caminhos e as peculiaridades de como realizar uma pesquisa de campo em meio virtual. A autora põe em discussão o fato de que, dada a versatilidade de acesso à rede Internet, bem como a simplificação do uso dos programas, os computadores deveriam ser usados de maneira efetiva para a realização de pesquisas de caráter qualitativo pelos estudiosos das ciências sociais.

Segundo Amaral (2001), nos últimos dez anos a expansão e a popularização do acesso à Internet favoreceu o reconhecimento da pesquisa qualitativa mediada por computadores, cuja função fora ampliada para além da organização e análise estatística de dados recolhidos. Os dados qualitativos, como textos, música, filmes, falas, fotografias e outros, agora contam com a possibilidade de serem digitalizados, ou seja, passíveis de serem transmitidos, seja na rede internet, seja via *modem* entre computadores (AMARAL, 2001). Nesse sentido, o computador permite um repensar sobre a maneira como a pesquisa qualitativa vem sendo feita, além de fornecer sugestões acerca de novas pesquisas sobre a internet, tida como espaço para relacionamentos de grupo ou mesmo como fonte de dados. A autora, ao versar sobre a Internet como fonte de dados, diz que a rede colabora na pesquisa antropológica desde a etapa da elaboração de um projeto de pesquisa, favorecendo a investigação e aquisição de bibliografias através do acesso aos bancos de dados de bibliotecas virtuais e sites universitários em todo o mundo. O computador permite rearranjos constantes, o que o torna uma ferramenta fundamental ao pesquisador.

Sobre os dados textuais, Amaral (2001) diz que poucas serão as dificuldades de coleta pelo o investigador. Todavia, a efemeridade desses dados é algo preocupante quando se almeja capturar as mudanças de atitude em relação a determinado tema ao longo dos anos, já que os dados nem sempre são arquivados pelos provedores. A autora cita o exemplo de um pesquisador que deseja acompanhar uma lista de discussão sobre homossexualidade. Ele poderá coletar todos os dados escritos na lista de discussão sobre o assunto, mas o fará somente por certo período de tempo, enquanto houver suporte de um provedor, já que a hospedagem das paginas são pagas. *“Em qualquer caso, quem começa uma pesquisa procurando dados na internet deve saber que eles devem ser garimpados com a mesma paciência de quem procura no sebo os livros ‘certos’”* (AMARAL, 2001).

A composição do “Campo Virtual” explicada pela autora compreende *sites* acadêmicos, especializados e paralelos; páginas de grupos de identidade e interesse que se comunicam em dimensões globais através da Net, sendo que as categorias desses grupos são infinitas. Listas de discussão são geralmente mantidas por esses grupos e o acesso a essas listas, seja para ler ou mesmo participar da troca de idéias, é feito de maneira gratuita na maioria dos casos, enquanto em outras o convite é restrito. No entanto, Amaral (2001) alerta que usar as listas de discussão como recurso para questionários e *surveys*, é pouco produtivo, já que a finalidade primordial de uma lista

de discussão não é essa. O e-mail é um procedimento assíncrono em que, segundo Amaral (2001), a interatividade de uma entrevista não-estruturada, ou informal, não se verifica, as questões da entrevista não podem ser modificadas a partir das respostas dadas e assim por diante. Para essa finalidade, a autora aponta o “chat”, porque permite em tempo real uma conversa interativa.

Amaral (2001), entretanto, não descarta a possibilidade da realização de determinadas pesquisas em que interlocuções com os usuários da Internet podem ser estabelecidas de maneira produtivas. Mas é necessário, de acordo com ela, que se discuta e, algumas vezes, reelabore conceitos e idéias antropológicas, tais quais “campo”, “familiaridade com o grupo”, “chegar” e “deixar” o campo, interação pesquisador/pesquisado. Além disso, a autora afirma que é necessário informar ao entrevistado a finalidade da entrevista e a maneira como será usado o depoimento.

Referindo-se ao “campo virtual”, Amaral (2001) diz que o antropólogo deve ter a mesma cautela do “campo tradicional” ao estabelecer contato com os informantes em uma “sala de bate papo”, nome que comumente é dado ao canal de chat. *“Também no ‘mundo virtual’ é preciso estabelecer relações com as pessoas aos poucos, tornar-se parte do grupo, cativar sua confiança e ser aceito por ele para que as pessoas se disponham a perder seu tempo com você e seus interesses.”* (AMARAL, 2001).

Um outro problema evidenciado pela autora para as pesquisas é a possibilidade de criação de “*personas*”, fantasias pessoais possíveis aos usuários da rede quando não querem ser identificados. Em contrapartida, pessoas que se conhecem por um longo tempo na Net podem revelar aspectos íntimos e sensíveis de maneira franca e aberta, o que segundo Amaral (2001) acontece com menos frequência em outro ambiente que não o virtual.

A “cultura cibernética”, como outras culturas, tem seus próprios códigos, rituais, e jargões. A inserção do antropólogo implica no aprendizado desses códigos e do “*internetês*” (AMARAL, 2001). Necessário é também aprender a lidar com programas particulares para realizar determinadas ações, como no exemplo dado pela autora de enviar via modem um arquivo ou anexar arquivos em mensagens. Conviver no mundo virtual requer uma atitude de ir aprendendo a fazer o que o nativo faz, como se processa em qualquer observação participante. Em muitos casos é possível observar sem participar, como nas listas e “chats” abertos, o que segundo a autora, restringe o pesquisador, que terá dificuldades em dominar o código e pouco entenderá da constituição da “cultura internética tão cheia de novos modos de relacionamentos”

(AMARAL, 2001). No entanto, a pura observação não é descartada quando conjugada a outras estratégias de participação direta.

Hermano Vianna (1997) realizou um trabalho exemplar para o entendimento das questões anunciadas por Amaral (2001). Inicialmente, o autor buscou perceber como diferentes jovens cariocas se relacionam com as inovações tecnológicas. Em uma imersão detalhista em um único caso, que de *“tão específico acaba por permitir generalizações”* (VIANNA, 1997. p. 249), o autor investigou as relações sociais através de recursos tecnológicos. Assim, indicações importantes sobre a visão de mundo de determinados grupos da juventude do Rio de Janeiro puderam ser percebidos.

O autor inicia seu trabalho com explicações necessárias para o leitor pouco familiarizado com as redes cibernéticas, informando sobre os *Chats* – conversas em tempo real entre aqueles “conectados” naquele momento; e também sobre os canais dos *Chats* –, palcos onde os usuários desempenham vários papéis. O autor afirma que no mundo virtual há especialmente dois tipos de papéis: o que se quer mostrar e o que se é realmente.

As diferenças entre “personalidades” *on line* e *off line* são para Vianna (1997) o campo mais interessante das então nascentes psicologias e antropologias que investigam o comportamento virtual. O autor se refere a Sherry Turkle (s/d), psicóloga, para dizer do interesse dessa autora acerca da maneira como são percebidas as identidades *on line* das pessoas, se diferem ou se igualam às identidades *off line*. De acordo com a autora, citada por Vianna (1997), vários dos seus informantes se sentem mais como eles mesmos no meio social virtual, ou seja, as realidades virtuais para essas pessoas são mais amplas do que suas próprias realidades. Neste sentido, a vida *on line* propiciaria às pessoas uma possibilidade de reflexão sobre os seus *selves*. Vianna (1997) pondera ainda que o mesmo se dê com a realidade social, já que na comunidade virtual, o caráter de palco é tão evidente que acaba por revelar o que também há de palco na vida real. *“Tendo duas, ou mais, identidades para se escolher, todos podem decidir qual, segundo seus interesses, é a mais ‘verdadeira’”*. (VIANNA, 1997. p. 262).

Sobre a relação entre comunidades virtuais e reais, Vianna (1997) afirma que os primeiros trabalhos sobre a cultura cibernética apontavam a decadência das comunidades tradicionais como origem da multiplicação de comunidades virtuais. Para esses autores, segundo Vianna (1997), a decadência dos espaços públicos

informais ocasionaria nas pessoas uma carência de laços comunitários, o que seria preenchido pelas comunidades estabelecidas em meio virtual. A pesquisa de Vianna (1997), todavia, parece informar o contrário dessa idéia. Os sujeitos investigados ali possuem mais uma “fartura” do que uma “carência” de grupos sociais aos quais são ligados. E o fato de se estar ligado a muitos grupos também não quer dizer que não haja necessidade de se unir a outros grupos: *“O indivíduo ‘típico’ de nossas sociedades complexas, globalizadas e heterogêneas culturalmente (as que permitiram o aparecimento da heterogênea, mesmo em aspectos técnicos, Internet) deve aprender a circular entre muitos grupos, até por uma questão de sobrevivência.”* (VIANNA, 1997 p. 266).

Para dizer do *“caráter esquizóide da personalidade urbana”* (VIANNA, 1997 p. 273) o autor retoma Wirth (1938) quando ele diz que nas metrópoles o indivíduo, graças aos diferentes aspectos da vida social e dos diferentes interesses que daí emanam, passa a ser membro de grupos bem diferentes entre si, sendo que estes funcionam referenciados em segmentos da personalidade desse mesmo indivíduo. Em termos de sociedades como a Internet, em que cidades de todo o mundo estão unidas, deve o indivíduo “globalizado” se esforçar para possibilitar a coexistência de tais segmentos e grupos de personalidades tão discrepantes (VIANNA, 1997).

Vianna (1997) cita Simmel (1979) ao falar da intensificação dos estímulos nervosos como a base psicológica do tipo metropolitano, o que gera alterações repentinas e sem interrupções entre os estímulos interiores e exteriores. O que Simmel (1979) chama de atitude *blasé*, uma reação defensiva possível à intensidade de estímulos em nível impossível de se suportar, que faz com que o indivíduo não reaja com energia apropriada às novas sensações, não é para Vianna (1997) a única atitude possível a essa situação específica. Segundo o autor, tira maior proveito da complexidade social aquele que tiver a capacidade de reagir a situações novas acompanhado das energias apropriadas. E é isso que Vianna (1997) vê como experiência/aprendizado dos usuários em suas constantes e intensas metamorfoses.

A partir do que foi dito aqui, percebe-se que o contexto digital constitui um lugar de encontros, podendo-se conceber a Rede como uma esfera comunicativa de grupos sociais que concretizam a esfera digital. Urge a delimitar o universo dos surdos dentro desse contexto, bem como explicar esse caráter de “lugar de encontro” da rede Orkut.

3.2.1 Os surdos do Orkut

Nesse momento cabe informar o perfil dos indivíduos estudados, explicitar a maneira como constitui a rede de interações Orkut e a maneira como realizei as entrevistas. Contudo, uma caracterização do Orkut precederá a apresentação dos dados.

Implantado em 1994, o Orkut surgiu a partir de um projeto independente para estimular interações entre indivíduos de todo o mundo. A idéia partiu de um engenheiro do Google⁵⁴ chamado Orkut Buyukkokten, daí o nome do *website*⁵⁵. Pode-se entender o Orkut como uma rede *on-line* que conecta os indivíduos a fim de promover interações e relacionamentos. Criar comunidades em torno de interesses comuns é também uma das possibilidades principais do Orkut, que conta com ferramentas próprias para propiciar a interação, seja de maneira sincrônica, como o “chat”, seja de modo assíncrono, como os tópicos de discussão das comunidades.

Quando o Orkut foi fundado, o requisito para se participar da “rede social” era o “convite”. Um membro do Orkut pode convidar alguém para participar da rede através de uma ferramenta própria do sistema, um “link” intitulado “convidar amigo”, que ao ser acionado, envia um e-mail para o convidado. Ao receber o e-mail, o indivíduo é informado que foi convidado participar de uma rede social e que deve acessar o site e preencher seu cadastro. O endereço do site vem no e-mail através de outro “link”, que direciona o indivíduo até a página onde estão os campos a serem preenchidos para a participação no Orkut. Dessa maneira recebi um convite dezembro de 2004, aceitei os termos de serviço do Orkut e preenchi os dados para o meu perfil. Hoje já não é mais necessário o convite, basta acessar a página principal do Orkut (www.orkut.com) e clicar em “participar do orkut”.

O “perfil” é o local onde estão dispostas as informações do membro de forma pública, ou seja, todos os participantes da rede podem acessar o seu perfil e obter as informações sobre o indivíduo em questão. O “perfil” é dividido em três partes. O “Perfil Geral” ou “Perfil Social” inicia-se com uma descrição que o usuário faz de si

⁵⁴ Google é a denominação de uma empresa americana que mantém um popular site de busca de informações na internet, o *Google Search*.

⁵⁵ Informações retiradas a partir da pagina informativa do orkut, que pode ser acessada em <https://www.orkut.com/About.aspx>.

mesmo ao preencher um campo em branco, cujo título é “Quem sou eu”. A seguir, características como relacionamento (se é solteiro, casado, etc.), data de aniversário, idade, interesses no Orkut (que podem ser amizades, companheiros para atividades, contatos profissionais e relacionamentos), filhos, etnia, idiomas, religião, visão política, humor, orientação sexual, estilo, “fumo” (sim, não, socialmente), “bebo” (sim, não, socialmente), “moro” (só, com os pais, com amigos, etc.), cidade natal, página da web⁵⁶. Ainda nesse perfil, têm-se interesses como paixões, esportes, atividades, livros, música, programas de televisão, cinemas e cozinhas. Os contatos com o dono do perfil também são aqui revelados, através dos campos de e-mail, cidade, estado, CEP, país.

O “Perfil Profissional” informa sobre escolaridade, escola onde se concluiu o ensino médio, faculdade, curso, diploma, ano, profissão, setor, empresa, descrição do trabalho, telefone do trabalho, habilidades profissionais e interesses profissionais. Já o “Perfil Pessoal” tem um título, dado pelo usuário, e contém as seguintes informações: “par perfeito”, “o que mais chama atenção em mim”, altura, cor dos olhos, cor do cabelo, tipo físico, arte no corpo, aparência, “do que mais gosto em mim”, “o que me atrai”, “o que não suporto”, “o primeiro encontro ideal”, “com os relacionamentos anteriores aprendi”, “cinco coisas sem as quais não consigo viver”, “no meu quarto você encontra”.

Ao se fazer parte do Orkut, o indivíduo tem uma página principal pública, com foto (opcional), onde estão dispostos os seus perfis – em pequenas abas que se abrem para o leitor que as aciona –, as comunidades das quais faz parte, os amigos e depoimentos escritos pelos amigos. Cada participante tem um grupo de amigos que é classificado por ele como “desconhecido”, “conhecido”, “amigo”, “bom amigo” e “melhor amigo”. Cada pessoa pode ter até mil amigos e está conectada a ainda mais pessoas através de seus amigos. Assim se constitui a rede social. Exemplificando, eu sou amiga de “x” e ao acessar o perfil de “x”, tenho acesso a seu grupo de amigos. Assim posso visitar o perfil de cada um de seus amigos e solicitar ser amigo deles também. Existe uma ferramenta em cada perfil que se chama “adicionar como amigo”. Clicando aí, eu envio um convite a pessoa para que ela passe a fazer parte da minha rede, cabendo a ela aceitar ou não.

⁵⁶ As “páginas pessoais” geralmente dizem respeito a “blogs” (uma espécie de diário eletrônico) e “fotologs” (diários eletrônicos com fotografias).

Ainda na página pública do associado há pequenos ícones que informam o quanto o indivíduo é considerado confiável por seus amigos, o quanto é “legal” e “sexy”, todos dados em porcentagens. Além disso, há também o número de fãs que o membro possui. Esses dados são gerados pelos “amigos”, que de maneira individual classificam o contato nos parâmetros acima. O mesmo deve ser feito pelo membro em relação aos seus amigos. Também na página principal têm-se pequenos “links” que conduzem ao álbum de fotografias do indivíduo, que pode ter até doze fotos; à página de recados, onde os membros trocam informações, mensagens e textos; e muito recentemente foi criado um “link” para vídeos favoritos⁵⁷.

Um membro do Orkut pode fazer parte de até mil comunidades. Essas podem ser entendidas como fóruns temáticos, nos quais os membros podem interagir ao inserir tópicos para discussões e programar eventos. Os temas são os mais variados possíveis, “Eu sou contra o preconceito”, “Humor fino e inteligente”, “Eu fuço no Orkut dos outros”, “Perfis de gente morta”, “Profissão: Professor”, “Ciências Sociais”, “Amigos entre ouvintes e surdos”, “Homofobia - Já era”, “Belo Horizonte”, “PUC Minas”, “Frieda Khalo” são alguns exemplos de comunidades existentes no Orkut.

Os fóruns funcionam por meio de “tópicos”. Um indivíduo elabora um assunto, com um título e um texto, que ao ser publicado, permite que outros membros leiam e discutam a através de mensagens publicadas, que geram outros comentários e assim por diante. Esse processo não é necessariamente sincrônico, comentários para um dado assunto podem vir na mesma hora ou dias depois de sua publicação. Já os eventos da comunidade são explanações fixas, que não permitem comentários, informam sobre algum acontecimento.

As comunidades são criadas por membros do Orkut. Elas podem ser “abertas”, qualquer um pode participar, ou “fechadas”, a entrada fica condicionada a autorização do mediador. As comunidades possuem um dono que escolhe até dez moderadores, que além de decidirem quem pode participar da comunidade, têm o poder de banir membros que não estão respeitando as regras. As regras de cada comunidade, dentro dos limites do orkut, são dadas pelo dono/moderadores, na pagina inicial dentro do campo “descrição da comunidade”. Algumas não têm regras e nem moderadores. Outro dado importante é que as comunidades podem se relacionar entre si, sendo que

⁵⁷ Recurso disponibilizado pelo Orkut em Fevereiro de 2007.

na pagina principal de uma pode haver indicações para visitas em comunidades relacionadas.

Ao acessar o Orkut é necessário que o usuário informe o e-mail e senha cadastrada. Abre-se uma “página inicial” que é muito parecida com a tela do perfil descrita acima, mas algumas diferenças relativas às ações possíveis ao usuário merecem destaque. Nessa tela de “início” ou “home”, o participante encontra informações sobre quantas pessoas estão “conectadas” a ele através de seus amigos, quantos fãs e quantos recados ele tem. Além disso, em abril de 2006 o Orkut ganhou uma nova ferramenta, que identifica as “visualizações do perfil”, ou seja, quantas vezes o perfil foi visitado no dia anterior e quem são os últimos cinco perfis que o visitaram. Para ver quem visitou o seu perfil, o usuário é obrigado a permitir “ser visto” em suas visitas, ou seja, assim como ele pode saber quem “entrou” em seu perfil, ele também é visto quando visita o perfil de alguém. Contudo, esse recurso pode ser desabilitado pelo usuário. Ainda nessa pagina “inicial”, o Orkut informa a “sorte” do dia, que são frases de ânimo em um tom quase esotérico. Datas de aniversários próximos são também dispostas aí. Em suma, as principais ferramentas para se configurar o “perfil” do usuário no Orkut estão localizadas nessa pagina, inclusive o sistema de buscas.

Os sistemas de busca permitem ao usuário encontrar comunidades e amigos em todo o banco de dados do Orkut. Ao se buscar outros usuários, alguns critérios como local, idade, sexo, fotos, relacionamento, visão política, e outros, são filtros importantes para facilitar o encontro de determinada pessoa. Já em relação às comunidades, pode-se proceder em uma busca simplificada, digitando um nome no campo específico, ou escolher as comunidades pertencentes às 28 categorias, que são:

- Viagens;
- História e ciências;
- Escolas e cursos;
- Romances e Relacionamentos;
- Religiões e Crenças;
- Esportes e Lazer;
- Animais de estimação;
- Música;
- Pessoa;
- Hobbies e trabalhos manuais;

- Bem estar e Fitness;
- Governo e Política;
- GLS (Gays, Lésbicas e Bi);
- Vinhos e bebidas;
- Jogos;
- Moda e beleza;
- Culinária;
- Culturas e comunidade;
- Família e lar;
- Países e regiões;
- Empresa;
- Computadores e Internet;
- Negócios;
- Cidades e Bairros;
- Artes e entretenimento;
- Automotivo;
- Alunos e escolas;
- Atividades.

Alguns dados retirados da página de estatísticas do Orkut⁵⁸ merecem destaque. O sistema opera atualmente com mais de 40 milhões de usuários cadastrados, sendo que 58,27% se declaram brasileiros. Entretanto, a exatidão desses dados pode ser questionada, uma vez que muitos membros se declaram residentes em outros países, além da possibilidade de se criar mais de um perfil por usuário. A faixa etária dos membros revela um maior interesse dos jovens pela rede, já que de maneira aproximada, estima-se que 56,35% dos usuários tenham entre 18 e 25 anos. Mais uma vez deve-se ter cuidado com a exatidão das informações, já que muitos menores de 18 anos participam da rede com idade incorreta. O segundo colocado em participação por idade, com 12,79% é o grupo composto por membros entre 26 e 30 anos. Em relação aos interesses em se cadastrar no Orkut, 68,78% estão interessados em amigos, enquanto 21,53% buscam companheiros de atividades. Não se deve perder de vista o fato que estes dados são baseados nas informações dadas pelos usuários ao se cadastrarem, portanto, nem sempre são verdadeiros.

⁵⁸Disponível em <http://www.orkut.com/MembersAll.aspx>, acesso em Janeiro de 2007.

Alguns termos “nativos” também merecem destaque. “Adicionar” muitas vezes é mencionado entre os nativos como “*add*”, que remete à sigla em inglês que denominava o link para adicionar alguém antes da versão brasileira do Orkut estar disponível (o que ocorreu em 2005). “Orkutar” significa acessar o Orkut enquanto “*scraps*” (recados) também remete ao período em que o Orkut só era disponível em inglês, sendo “*scrapbook*” o nome dado a página de recados. E por último, o termo “orkuticídio” remete à saída do usuário da rede por vontade própria, quando ele encerra sua conta, já que o sistema não permite que ela seja reativada.

Passo a relatar, agora, a minha experiência com surdos nesse “ambiente virtual”. Como usuária do Orkut, costumava “entrar” na minha página inicial com certa regularidade e a partir disso passei a procurar por membros que fossem surdos. Para facilitar a procura, iniciei a busca no campo das ‘comunidades’ e encontrei uma que me despertou atenção: a comunidade “Surdos-Oralizados BH”. Tornei-me membro e passei a observar os tópicos e as discussões da comunidade. Para interagir com os surdos dessa comunidade, mandei “*scraps*” (recados) para cada um deles, me identifiquei, revelei os interesses da minha pesquisa e pedi para que eles me adicionassem como “amiga”⁵⁹. Já conhecia alguns surdos e esses me adicionaram sem maiores problemas. No entanto, alguns não responderam a minha solicitação. Outros membros da comunidade não eram surdos, mas pessoas ligadas aos surdos como, por exemplo, psicólogos e instrutores de auto-escola. Dos que responderam de forma positiva, pedi os endereços de e-mail para obter maiores informações sobre eles, por meio de entrevistas.

A partir disso passei a enviar questionários, muitos responderam, mas as respostas estavam muito evasivas, monossilábicas, muitas perguntas eram mal compreendidas. Daí surgiu a necessidade de uma nova forma de coleta de dados. Por mais que os perfis desses surdos no Orkut pudessem fornecer dados sobre eles, nem sempre todos os campos estavam devidamente preenchidos, sempre faltava algum dado como idade e outros. Para obter mais informações, optei por complementar as entrevistas via um programa de mensagens instantâneas, denominado MSN *Messenger*. Este programa, criado pela *Microsoft Corporation*, permite aos usuários da internet se comunicar de forma instantânea gratuitamente. Para tal, basta ter o

⁵⁹ Conforme foi dito antes, para se manter vínculo com alguém no Orkut é necessário ser adicionado como seu “amigo”. Ser “amigo” no Orkut não significa, na maioria dos casos, que exista uma amizade real e sim uma ligação virtual, uma conexão dentre as muitas que compõe a rede de “amizade” do participante.

programa instalado no computador e o e-mail de acesso da pessoa que se deseja ter contato. Uma janela de “chat” (bate papo) se abre na tela, possibilitando a interação com uma ou mais pessoas, desde que elas constem na lista de contatos do usuário e que estejam “on line”, “status” que aparece ao lado do nome da pessoa na lista. Essas conversas podem ser gravadas no computador, recurso muito utilizado nessa pesquisa a fim de se registrar as interações / entrevistas com os surdos, que foram previamente informados da necessidade desse registro.

Assim, constituí uma rede de contatos, composta por surdos de Belo Horizonte que conheci no Orkut, mas também de surdos que conheci “off line”. Para que pudesse conversar com os surdos via MSN, era necessário encontrá-los “on line”, o que nem sempre acontecia facilmente. Passei a “agendar” as conversas via recados no Orkut, o que tornou possível as entrevistas “on line”, simultâneas. O MSN se tornou uma ferramenta importante para a coleta de dados, uma vez que assim pude explicar melhor as perguntas para os surdos, bem como indagar sobre o sentido das respostas.

É importante ressaltar que a pesquisa, no entanto, não ficou restrita ao “universo” do Orkut. Quando passei a visitar comunidades relacionadas à “Surdos-Oralizados BH”, pude notar em seus fóruns de discussão que “links” para visitas de sites que não pertencem ao Orkut eram constantemente indicados. Visitei esses sites e encontrei várias informações e depoimentos de surdos, inclusive de Belo Horizonte. Alguns sites possuíam textos produzidos por surdos, para expressar determinada opinião, como por exemplo, “A educação que nós surdos queremos”⁶⁰ e o “Manifesto dos surdos Oralizados”⁶¹. A análise do conteúdo desses e outros sites é tarefa para a próxima etapa desse trabalho, no capítulo quatro. Basta dizer que eles são importantes porque expressam visões dos surdos sobre eles mesmos e sobre sua relação com os ouvintes.

Ainda em relação às comunidades visitadas, passei também a observar mais de perto aquelas cujos membros compunham a minha “rede” de contatos no Orkut: “Amigos entre ouvintes e Surdos”, “Surdos Oralizados”, “Questões sobre surdez”, “D.A.”⁶² não, Surdo Sim”. Nestas comunidades percebi importantes tópicos de discussão sobre a surdez, sobre o estigma de ser surdo, sobre a relação com os ouvintes. Alguns dos surdos investigados participavam dessas discussões. A descrição

⁶⁰ Texto disponível em <http://www.surdos-ce.org.br/subsidios/artigo4.htm>.

⁶¹ Disponível em <http://www.aja.org.br/surdos/Manifestoralizados.htm>.

⁶² “D.A.” é uma sigla usada para designar “deficiente auditivo”.

mais minuciosa e os detalhes dos tópicos observados para essa pesquisa serão desenvolvidos no capítulo seguinte, quando tratarei das identidades.

Das entrevistas realizadas em meio virtual, a maioria dos surdos informou que utilizava a leitura labial para se comunicar, grande parte deles nasceu surdo. Acessavam a internet de casa e se diziam estudantes, alguns universitários. A realidade socioeconômica desses indivíduos era bem diferente daquela dos surdos da Praça Sete, seja em termos de educação, seja em termos de renda, já que maioria dos surdos do Orkut afirmou não precisar trabalhar porque é sustentada pelos pais. É importante ressaltar que as entrevistas realizadas na Internet se restringiram aos surdos da cidade ou da região metropolitana de Belo Horizonte, o que se fez em termos de facilitar a análise desses dois grupos.

Outro dado interessante dos surdos do Orkut é que o círculo de suas amizades extrapolava o grupo de surdos, sendo que a maioria deles tinha muitos amigos ouvintes e até namorava com ouvintes. Dos entrevistados, todos afirmaram usar a internet para conversar com outros surdos. A grande maioria via a surdez como algo ruim, impedimento para as interações. Outros surdos disseram que ser surdo é ser *“feliz e normal”*, *“é ótimo, não tenho problemas em ser surda”*, ou mesmo *“uma pessoa usuária da língua de sinais, integrada na comunidade surda, ativa na causa dos surdos”*. Um dado importante: poucos foram os entrevistados que não apresentaram uma ótima escrita em português.

Ao indagar sobre as interações com ouvintes, poucos foram os que relataram algum constrangimento ou dificuldade, explicado pela facilidade da comunicação por meio da leitura orofacial. As dificuldades apareciam para esses indivíduos quando algum ouvinte *“não articula bem boca ou tem bigodes enormes”*. Alguns surdos preferiam estar entre ouvintes, outros passavam a maior parte do tempo com ouvintes e possuíam poucos amigos surdos. Quando inquiridos sobre o uso da comunidade *“Surdos-Oralizados BH”*, alguns afirmaram que gostavam de ser oralizados, outros dizem que queriam ser informados sobre surdos, trocar experiências e idéias, saber quantos oralizados existem na cidade, ou então porque *“eu gosto de ver comunidade de surdo”*. Em suma, percebem-se diferenças significativas entre os surdos frequentadores da Praça e os surdos do Orkut. Para dar continuidade à análise dos grupos escolhidos, passa-se agora a uma discussão mais densa sobre esses aspectos divergentes verificados durante a observação em campo, à luz das reflexões teóricas já apresentadas.

4 UMA REFLEXÃO SOBRE AS (POSSÍVEIS) IDENTIDADES SURDAS

O objetivo deste capítulo é investigar como os surdos constroem suas identidades, se elas são possíveis, como são formuladas, se são conflituosas entre si e em relação aos ouvintes. Para tanto, me pareceu muito rico iniciar a reflexão com a própria fala dos sujeitos aqui investigados sobre o que é ser surdo:

“Sou uma surda ouvinte, não tenho problemas de dicção, só dificuldade de entendimento.” Raquel

“Para mim é muito ruim ser surda, não posso ouvir música... nem minha voz... e nem nada... só com as vibrações.” Pricilla

“Sou implantada (implante coclear). Depois da cirurgia nunca deixei de ser surda. (...) Eu aceito como eu sou, surda. (...) Para mim, tudo é uma questão de terminologia, ou seja, surdo = DA.” Rachel

“Ser surdo é perder a audição dos ouvidos.” Cristiano

“Essa definição é super difícil, abrange muitos fatores sociais, culturais, lingüísticos... De uma forma bem geral e superficial, é uma pessoa usuária da língua de sinais, integrada na comunidade surda, ativa na causa dos surdos.” Carol

“Ser surdo pra mim é ser feliz e normal.” Rogério

“É ótimo, não tenho problemas em ser surda.” Thaís

Foi dito anteriormente que a pesquisa de campo revelou que alguns surdos que trabalham em determinadas instituições, educacionais ou mesmo desportivas, apresentam um discurso que coaduna com os anseios de daquela instituição. A pesquisa em meio virtual, porém, mostrou que alguns desses mesmos indivíduos pertencem a comunidades cuja descrição e fóruns temáticos negam de maneira radical a concepção de surdo da instituição na qual ele trabalha. E de maior complexidade se tornou a questão quando, em um contexto neutro, esse mesmo surdo respondia à mesma pergunta dizendo simplesmente “sou surdo”.

A experiência com os surdos de Belo Horizonte, seja na Praça Sete, seja nos corredores de uma universidade, seja no ponto de ônibus ou mesmo no meio virtual revelou uma realidade caleidoscópica no que se refere à identificação desses indivíduos. Nas suas interações cotidianas (e também virtuais) os surdos podem se identificar de maneira diversa daquela divisão dicotômica entre ser “oralizado” e ser “Surdo”. Se entendermos que o “ser surdo” é algo construído socialmente, que

depende do ambiente social em que o indivíduo é interpelado, a maneira pela qual eles querem ser identificados implica em escolhas que de certa maneira recebem influência, seja de outros indivíduos ou instituições, seja do ambiente “virtual” ou real no qual ele se situa. Parece, então, que é possível pensar esses indivíduos surdos como exemplos do sujeito descentrado e fragmentado⁶³, que se identificam através de interesses, fatores e gostos variados, às vezes contraditórios, processo que se desenha nas suas dinâmicas cotidianas, nas suas interações sociais e virtuais.

4.1 Relações identitárias entre Libras e Surdez

É possível dizer que a Língua de Sinais possui alguma relação identitária com a surdez? E como os surdos investigados se posicionam em relação a essa modalidade de comunicação? Quais as implicações dessa modalidade lingüística para a sociabilidade dos surdos entre si e com a sociedade em geral? Para pensar essas questões, serão analisados posicionamentos contrários e favoráveis à Libras como fundamental para a construção da identidade surda.

Alguns autores falam do desprestígio da Língua de Sinais, que é explicado por Sá (2002) a partir da associação, feita pelo senso comum, dessa modalidade de comunicação com a deficiência — historicamente os surdos são vistos como “inferiores”, deficientes que necessitavam se adequar para a “normalidade”. Em outras palavras, a oralidade seria vista como mais humana enquanto a língua de sinais seria praticada por aqueles que não teriam acesso a algo melhor. Esse desprestígio pode ser também pensado aqui nos parâmetros do estigma de Goffman (1988), marca que implica uma série de atributos ao seu portador, em geral depreciativos e que são associados a ele de forma automática. Nas interações entre surdos e ouvintes é comum que estes mudem a maneira como tratam os surdos quando percebem a surdez, uma vez que a incapacidade de escutar choca-se com a expectativa normativa de ser ouvinte. Isso geralmente ocorre quando os surdos tentam se comunicar com os

⁶³ HALL, 2000, JAYME, 2001, SILVA, 2000, WOODWARD, 2000, CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976, entre outros.

ouvintes, ocasionando então o estigma de ser surdo, o afastamento, a evitação. Isso pode ser notado de maneira clara na fala de Rachel⁶⁴:

Se eu falar que sou surda ou deficiente auditiva para um ouvinte, ele pode achar que eu sou muda também. Infelizmente muita gente acha que surdo só se comunica através de sinais, e não dão conta de falar. Como já aconteceu muitas vezes comigo... Quando fui no McDonald's por exemplo pedir um sundae, a mulher do balcão fez sinais para mim perguntando se eu queria sundae mesmo. Quando fui pegar o circular 01, na hora que entrei vi que no papel estava escrito 'SC01R'. Levei susto achando que tinha pego ônibus errado e fui perguntar para o motorista se era o circular 01 C. O cobrador como escutou a minha voz, foi fazer sinais para mim perguntando se eu sou surda, de raiva que eu fiquei, fingi que não sabia Libras até que ele falasse alguma coisa. Quando ele perguntou novamente se eu sou surda disse que sim, mas eu falo. E ele respondeu se eu falava pouco, disse que não, que eu falo como todo mundo! Poxa, não são todos surdos que sabem Libras. (Rachel)

De acordo com Santana e Bergamo (2005), os surdos são historicamente estigmatizados porque são vistos como sujeitos sem linguagem, e a linguagem seria o principal atributo da humanidade. Ou seja, *grosso modo*, esses sujeitos estariam próximos da natureza. Segundo os autores, houve e ainda há preconceito em relação à comunicação gestual, a exclusão social e profissional desses indivíduos seria a evidência de tal afirmação. Posições a favor da Libras, como a de Sá (2002), segundo Santana e Bergamo (2005), enfatizam a defesa e a proteção da língua de sinais como o amparo aos traços de humanidade. Em outras palavras, uma vez que os surdos estão em uma categoria diferente dos ouvintes e não conseguem ser aceitos pela sociedade em geral como seres humanos plenos, a defesa da língua de sinais garante a linguagem, o que dá aos homens o caráter humano. Rachel não queria que sua surdez fosse associada à incapacidade de comunicar na língua oral, daí ela rechaça a idéia de “mutismo” comumente associada aos surdos e se recusa a comunicar em Libras a fim de não reforçar o estereótipo e de deixar claro que nem todo surdo se comunica somente por sinais.

Ainda que sejam favoráveis à existência de uma língua para surdos, Santana e Bergamo (2005), entre outros autores, como Bueno (1998) criticam os defensores da Língua de Sinais como elemento fundamental de identificação do surdo, justamente pela idéia de que o uso ou não dessa modalidade de comunicação visual definiria a identidade do indivíduo, que só se realizaria em contato com outro surdo. “*Mesmo eu não comunicando através de sinais eu não deixo de ser surda*”, diz Rachel. Ou seja,

⁶⁴ Conheci Rachel na PUC Minas, porém, a minha forma de interação com ela foi exclusivamente virtual, através de mensagens eletrônicas, conversas e entrevistas no MSN, além de recados no Orkut.

para esses autores a identidade surda não se constrói apenas pelo uso da língua de sinais como meio de comunicação predominante.

Em outro depoimento percebeu-se que a identificação do surdo, em alguns casos, se faz em oposição à Libras:

Eu acho estranho alguém afirmar com toda certeza que quem não sabe Libras não se aceita como surdo. Eu não sei Libras, porém tenho consciência da minha surdez e das minhas dificuldades. E nunca neguei a minha surdez. Apenas a vejo e vivo de uma outra forma. Não preciso viver em guetos, sou a favor da inclusão. (...) Imagine o trauma que uma pessoa surda teria em não poder falar? Ir ao mercado e não saber dizer o que quer, tendo que depender de intérpretes ao lado, depender de pai e mãe para resolver suas coisas. E muito menos entender o que se passa em sua volta. Eu acho isso muito mais doloroso do que você passar anos "sofrendo" por ser diferente na sociedade. Todo mundo tem suas dificuldades, seus traumas e etc., e eles não são motivo de isolamento. Muito pelo contrário, são motivos para que você ultrapasse as barreiras e vença as suas dificuldades. Felizmente cheguei num estágio que a minha surdez é apenas um mero detalhe, e não uma característica da minha pessoa. E tenho orgulho disso. (Maurício)

Maurício explicita a idéia de que ser (e se reconhecer como) surdo não necessariamente vincula-se ao aprendizado da Libras. Existem outras maneiras de se relacionar e caracterizar a surdez que ultrapassam a comunicação em sinais. Para Maurício, a surdez é um detalhe que não o impede de tentar se integrar na sociedade. O depoimento dele nos revela o desejo de alguns surdos de não viver em guetos. E viver em guetos, na fala de Maurício, estaria associado à Libras. Maurício também associa “o não falar” como a comunicação em sinais. Essa situação encontra algumas similaridades com a de outros surdos também entrevistados no meio virtual. Cristina relatou que embora tenha nascido surda, prefere usar a fala, não sabe língua de Sinais e diz que precisa “*falar mais*”, ou seja, treinar sua fala para obter melhor desempenho na comunicação oral.

Percebe-se que a necessidade da fala é uma constante no depoimento desses surdos. Isso de alguma maneira está relacionado com a idéia de que a Libras atrapalha o desenvolvimento da comunicação oral. Em outro momento, Cristina diz que a sociedade não é obrigada a aprender a Libras, o surdo é que deve se esforçar e adequar-se, “*ou você aprende a língua deles ou se exclui. É o que tem acontecido, muitos surdos vivendo em seus guetos e expressando ódio à sociedade*”(Cristina). Já Priscilla diz que prefere conversar com ouvintes porque não entende nada do que os surdos dizem. Priscilla foi oralizada na infância, usa aparelho auditivo e diz não saber

língua de sinais. A maior parte de seus amigos é ouvinte, sendo que os que são surdos também falam e se comunicam através de leitura labial.

A associação da surdez com a Libras é negada por esses indivíduos, e uma das razões é o fato dessa língua ser representada a partir de um vínculo com o isolamento, já que a maior parte da sociedade não domina essa língua. Maurício diz em outro momento

Desde pequeno sempre falei, sem ter a menor necessidade de gesticular. Portanto, porque eu teria que ser forçado a aprender Libras? Só porque sou surdo? Faça-me o favor. Ninguém é dono da minha vida para decidir o que devo fazer. Se estou bem assim exijo respeito a minha pessoa. (Maurício)

Já Cristina diz que “o que adianta eu aprender libras se raramente a usarei? Eu vivo em uma sociedade em que a maioria absoluta se comunica oralmente, portanto, eu aprender libras é algo inútil para o meu dia a dia”. Esses surdos desejam se integrar e se sentir integrados na sociedade e para isso valorizam a língua oral como sua língua corrente. A idéia de uma cultura surda para eles remete a uma atitude de separação, não integração, isolamento. Na opinião de Cristina: “parece que o surdo é obrigado a conviver com a cultura surda! Mesmo me comunicando oralmente não significa que não aceito ser surda. Assumo ser surda com muito orgulho!”. É interessante destacar que nos depoimentos ficou claro que os surdos repudiam a idéia de que “ser oralizado” significa negar a surdez. Não negam que esse atributo de “ser diferente” traz sofrimento, mas buscam um outro caminho para vencer suas dificuldades. O depoimento de Priscilla merece destaque:

Sou deficiente auditiva, um pouco surda. Sou surda oralizada e nunca aprendi a fazer sinais de Libras. Eu me comunico com pessoas ouvintes e poucos surdos oralizados. Nunca me comuniquei com pessoas ‘sinalizados’ pois não aprendi a fazer sinais de Libras. Graças a Deus eu não sou muda e posso falar normalmente também. Também fico feliz por estar ouvindo e falando melhor quase tudo com os aparelhos auditivos. (...) As pessoas podem conversar normalmente sem libras com os surdos oralizados também. (...) Eu não gosto e nem ligo para aprender a fazer sinais de libras para conversar com os mudos, mas converso com os oralizados. Para mim é normal. Sei que os mudos precisam de alguém para conversar, mas eu não tenho paciência para aprender a fazer libras, mas tem muita gente que estão aprendendo a fazer libras para conversar com os mudos. (Priscilla)

A noção de que o surdo é também mudo, como se vê no depoimento acima, ainda é muito recorrente no senso comum. Alguns surdos queixaram-se de ouvintes que só se referem aos surdos como “surdo mudo”, “mudinho”. Destaca-se que surdos e deficientes auditivos não são “surdos-mudos”. A falta do sentido da audição nada

tem a ver com o funcionamento do aparelho fono-articulatório, por vezes intacto nos surdos. Portanto, surdos não são mudos. A dificuldade de se encontrar surdos que apresentem uma fala articulada se dá graças à sua dificuldade em adquirir uma língua cuja base se dá na categoria oral auditiva, embora isso não seja impossível. Os avanços tecnológicos e científicos no campo da fonoaudiologia têm possibilitado tratamentos de recuperação verbo-tonal, o que possibilita ao surdo a oportunidade de desenvolver a fala por meio de treinamento intensivo. (MOURA, 2000; QUADROS, 1997; FONSECA, 2001). O fato é que os surdos com quem conversei pelo Orkut geralmente possuem melhor poder aquisitivo. Os que se dizem oralizados fizeram bons tratamentos fonoaudiológicos, o que os permite uma melhor desenvoltura na comunicação oral. Um ponto importante que merece ser destacado: apesar de se comunicarem oralmente, de se denominarem oralizados, eles não negaram que são surdos.

Alguns autores⁶⁵ que discutem identidade surda poderiam situar esses surdos em uma posição que se opõe à idéia de “Identidade Surda”, aquela que se realiza através da língua de sinais e que recria uma cultura específica, visual. De acordo com as categorias de identidades surdas elaboradas por Perlin (1998), o perfil dos surdos investigados até aqui se encaixam no que a autora entende por “Identidade Surda Incompleta” ou mesmo “Identidade Surda Flutuante”. Nessas categorias, os surdos são envolvidos por uma “ideologia ouvintista” que os domina, na medida em que propõe uma socialização compatível com a “cultura dominante”, ou seja, a “cultura ouvinte”, cujas representações são absorvidas por esses surdos de modo que eles organizem suas vivências de acordo com os padrões ouvintes. Os surdos que negam e desprezam a cultura surda, bem como aqueles que são forçados a viver de tal maneira são assim caracterizados pela autora. No entanto, conforme se percebeu neste estudo, os surdos investigados não negam sua surdez, apesar negarem a Libras e a dita “cultura surda” como forma única de identificação do surdo. Eles demonstraram que é possível se encarar a surdez por parâmetros diferentes daqueles preconizados por autores como Perlin(1998). Para eles, por mais que possam se unir em uma identidade surda — acionada, por exemplo, quando buscam “seus iguais” em uma comunidade no Orkut —, talvez seja mais importante a integração à sociedade em geral do que a afirmação da diferença.

⁶⁵ PERLIN, 1998; BOTELHO, 1998 e outros.

É importante, porém, não generalizar: alguns surdos oralizados entrevistados pela internet utilizam a língua de sinais para comunicar com outros surdos, como é o caso de Cristiano. Ao ser indagado sobre sua modalidade de comunicação, Cristiano disse: *“Sou oralizado, mas para comunicar com minha esposa e amigos sinalizados eu uso a Libras.”* Apesar de ser oralizado, ele coloca que, em relação às suas interações, *“pretendo ser mais amigo de surdos do que de ouvintes, porque a facilidade de conversa em grupos de surdos é mais favorável. (...) Eu prefiro estar com surdos para me dar mais felicidade e amenizar meus problemas individuais, como diminuir a solidão.”*. No entanto, ao ser perguntado sobre suas interações em locais onde não há surdos, afirma: *“No trabalho e na faculdade só tem ouvintes, mas eu me sinto bem com eles, me ajudam a conversar”*. Cristiano, a um só tempo, é oralizado e sabe Libras, *“valorizo as duas linguagens porque não tenho como viver sem elas.[...]Tenho amigos ouvintes e também tenho amigos surdos, oralizados e sinalizados. [...]Tanto ser oralizado, como ser sinalizado, é muito importante para mim”*. Como Cristiano, encontrei outros surdos que são oralizados e gostam de utilizar a Libras para comunicar com outros surdos.

Geralmente esses surdos aprenderam a Libras na idade adulta quando passaram a ter contato com outros surdos sinalizados. Marcelo também diz se comunicar em ambas a línguas: *“Quando eu era (ou sou?) oralizado (até 17 anos não sabia nada de Libras) eu encontrei pessoas surdas sinalizadas. Me senti péssimo, achei bem feio... com o tempo fui me apaixonando hoje digo que sou sinalizado e oralizado também.”*. No entanto, nota-se que nenhum desses surdos deixou de se comunicar através da leitura orofacial. Simplesmente adotaram mais uma língua para se comunicar com as pessoas que a utilizam. O depoimento de Maria Eduarda é bastante explicativo: *“Hoje em dia precisamos de ambas as línguas para sobreviver na comunidade que as pessoas chamam de “normal”. Eu tenho orgulho de ser surda e de poder me comunicar nos dois mundos.”*. Esses surdos podem ser identificados como surdos bilíngües, que se comunicam nas duas modalidades lingüísticas e que em determinadas situações fazem opção entre uma e outra língua, dependendo do tipo de interação que se pretende estabelecer. A fala de Marcus é um bom exemplo:

“Sou surdo oralizado e aprendi a Libras em 2005, mas mesmo assim faço questão de manter minha oralização. Nos meus primeiros contatos com surdos sinalizados senti muita curiosidade para saber o que eles estavam falando. Me matriculei no curso de Libras da associação deles simplesmente para aumentar minha cultura e ter contato com os mais variados tipos de surdos. Se eu concordo com eles? Não é questão de concordar. Gostei de aprender Libras mas não fizeram

lavagem cerebral em mim não. Apenas ganhei mais amigos e ampliei minha vida social.” (Marcus)

Retomando a concepção da afirmação de uma identidade surda em oposição à Libras, merece destaque uma descrição de uma comunidade virtual que grande parte dos surdos do Orkut investigados participam. Ao se compreender as comunidades virtuais como agregações sociais que necessitam de certa regularidade de participação dos membros nas discussões públicas, elas corresponderiam às necessidades sociais dos indivíduos na medida em que são baseadas na proximidade intelectual e emocional dos membros. Logo, servem como meio para compreendermos algumas das maneiras com as quais os surdos participantes do Orkut se identificam no meio virtual e real, já que a linha que separa esses dois universos é muito tênue. Vale lembrar que dentre as diversas comunidades do Orkut que envolvem questões relativas à surdez, optou-se por investigar aquelas que contam com a participação dos surdos belorizontinos escolhidos para esta pesquisa.

Para se entender um pouco mais esse universo dos oralizados na internet, elegeu-se aqui uma comunidade emblemática, a “Surdos Oralizados”, que é descrita por seus moderadores da seguinte maneira:

É uma comunidade dos surdos oralizados pelo Brasil afora. Somos surdos, porém falamos e entendemos "n" coisas por leitura labial. Os curiosos são bem-vindos.:) É uma comunidade voltada para discutir a problemática da surdez no mundo atual. Esta comunidade se propõe a informar e participar sobre vários temas que envolvam assuntos problemáticos comuns dos surdos oralizados na sociedade brasileira. Queremos a integração de todos surdos na sociedade por acreditarmos que é a melhor forma de uma vida plena e feliz. É uma comunidade fundada pelos surdos oralizados e escrito por eles. P.S: Que fique bem claro: É uma comunidade dos SURDOS ORALIZADOS, logo o foco será sobre a problemática dos surdos oralizados. Não estamos interessados em discutir LIBRAS na educação inclusiva ou especial por não fazer parte do cotidiano dos surdos oralizados. Todos são bem-vindos, desde que se respeite o propósito da comunidade! NÃO ESTAMOS INTERESSADOS EM LIBRAS! MSGS com foco em LIBRAS não serão toleradas. (Disponível em www.orkut.com/Community.aspx?cmm=60081)

Percebe-se aí uma delimitação do que esses surdos entendem por ser surdo oralizado: comunicar-se através de leitura labial. Retomando a idéia de Cardoso de Oliveira (1976) sobre identidade contrastiva, nota-se que de a identidade de surdos oralizados também se afirma aqui negando outra identidade, aquela identidade surda baseada na Libras. O realce do termo “surdos oralizados” seguido da negação da Libras nos revela que essa identidade emerge por oposição. Assim, diante dos “outros” (sinalizados/ouvintes) é que se afirma o “nós” (oralizados), o que se verificou de

maneira muito clara nas discussões da comunidade, verdadeiros debates sobre “ser surdo”.

Em alguns momentos encontramos os surdos definindo a si mesmos na comunidade. A título de exemplo, o tópico “*Existem surdos apenas oralizados?*” conta com uma série de depoimentos de surdos sobre o que eles pensam sobre ser surdo oralizado. Alguns diziam que eram oralizados porque os pais não permitiram que eles tivessem acesso a Libras, justamente para forçá-los a falar e que são gratos aos pais por isso. Outros diziam que gostariam de aprender a Libras para comunicar melhor com surdos. Alguns indivíduos “anônimos” “apimentavam” o fórum, dizendo que os surdos oralizados teriam maiores probabilidades de apresentar problemas psicológicos, já que a Libras é a língua apreendida naturalmente pelo surdo enquanto a fala oral exige treinamento desgastante e às vezes sem resultados; diziam também que surdos com Libras teriam maiores chances de chegar à universidade. Os oralizados por sua vez se uniam para “combater” as idéias desses “anônimos”, dando exemplos de indivíduos que entraram em universidades federais sem nunca ter aprendido Libras e afirmando que a Libras seria a verdadeira razão do atraso do surdo (porque o tornaria “*mais preguiçoso*”). Outros surdos diziam ainda perder a paciência “*com gente querendo dizer que surdos têm características parecidas devido à surdez*”. Os surdos iam apoiando uns aos outros, ora dando sustentação ao argumento do colega, ora acrescentando novos dados ao debate. De acordo com Cardoso de Oliveira (1976), o confronto entre os grupos, o contraste é o elemento gerador da representação que esses grupos elaboram de si mesmos, além do que, ao afirmarem sua identidade perante os outros, conferem a ela realidade. É possível afirmar que o esforço conjunto desses surdos ao defender a concepção de que “*o surdo pode ser oralizado sem ser depressivo, dependente, ou mesmo submisso aos ouvintes*” se dá no momento de confronto com outras visões elaboradas sobre eles, seja por surdos sinalizados, seja por ouvintes. As questões suscitadas nesses debates geravam polêmicas, que discutidas como em conversas informais, possibilitavam aos surdos a troca de concepções sobre o “ser surdo” e também sobre os constrangimentos sofridos nas interações com ouvintes.

Nesse mesmo tópico de discussão, encontramos os surdos oralizados criticando os ouvintes que escrevem sobre os surdos. Um deles disse o seguinte: “*quando eu leio a literatura sobre surdos, me dá uma vontade de atirar no lixo. Nada bate com a minha vivência como surdo e como pai de surdos.*” Sua colocação foi respaldada por outro depoimento: “*É por isso que não devemos confiar nessas pessoas que se deixam*

influenciar lendo e/ou ouvindo esses autores e adeptos da mesma corja. Eu também tive vontade de queimar esses livros, tamanho é o asco e a revolta que senti". Além disso, esses surdos criticam os ouvintes que os julgam incapazes, seja de alcançar altos níveis de estudo, seja em suas interações cotidianas. Esses ouvintes geralmente são identificados pelos oralizados como aqueles envolvidos com as comunidades de surdos sinalizados, que fazem apologia à Libras e negam o oralismo como meio para o surdo conquistar sua autonomia e inserção no mundo ouvinte.

Vale destacar que em meio aos tópicos de discussão, alguns “links” são postados a fim de suscitar a leitura de textos, em meio virtual, sobre o tema debatido em questão. Um deles me chamou atenção, a reprodução de um e-mail enviado para o Senado logo após a lei de oficialização da Libras em 2002, que define muito bem os interesses dos oralizados. Alguns trechos do “Manifesto dos Surdos Oralizados” merecem destaque:

“Não sei se alguns de vocês sabem da existência dos surdos oralizados. Estes comunicam-se oralmente, sem problemas, embora alguns tenham dificuldade na fala e entendem por leitura labial. Como podem ver, nós, surdos oralizados, por nos comunicarmos oralmente, não usamos língua de sinais. (...)

Nós, como ninguém, sabemos que somente a oralização amplia nossas possibilidades e iniciativas como qualquer ser humano e, por isso mesmo, acreditamos que somente o oralismo é capaz, como um todo, de nos incluir na sociedade, sem sermos marginalizados. Por este motivo, não concordamos com o fato de a língua de sinais ser a língua exclusivamente única do surdo.(...)

Também vale ressaltar que não somos contra a língua de sinais, sabemos perfeitamente que a língua de sinais é uma fonte de comunicação para aqueles surdos que, por motivos diversos, não alcançaram a oralização. Que motivos seriam estes? Falta de informação por parte dos pais sobre a Surdez, falta de dinheiro para bancar um tratamento fonoaudiólogo e compra de aparelhos, pela incompetência de profissionais ou, até mesmo, pela opção dos próprios pais, por acharem que o filho deva conviver com seres "iguais". Só não vemos o motivo para aprendermos uma língua que não nos dará utilidade e que não nos identificamos com ela. É quase a mesma coisa que sermos obrigados a aprender Latim, uma língua morta.(...)

Na nossa opinião, a língua de sinais é favorável à formação de guetos, uma vez que nossa sociedade majoritariamente ouvinte não sabe língua de sinais. E a maioria dos surdos acaba se excluindo, indo parar em guetos.(...)” (Disponível em <http://www.aja.org.br/surdos/Manifestoralizados.htm>)

Esse discurso sintetiza os principais elementos percebidos nas falas dos oralizados quando eles se identificam como tal e que são:

- Comunicação oral, possível por tratamentos fonoaudiológicos adequados;
- O não uso da Língua de Sinais;
- Crença no Oralismo como meio de integração na sociedade;
- Oposição à idéia de que a Língua de Sinais é a única língua dos surdos.
- Oposição à formação de “guetos” de surdos;

Alguns autores⁶⁶ entendem que a questão das identidades surdas passa necessariamente pela aceitação da Libras como língua “natural” dos surdos, ou seja, dão prioridade à situação cultural e lingüística dos surdos, numa perspectiva denominada “sócio-cultural da surdez”. Segundo esses autores, pensar em diferenças ao invés de deficiências seria o mais adequado, sendo ‘Surdo’ o termo apropriado para designar aquele que se difere do ouvinte não só porque não ouve, mas porque possui potencialidades psicoculturais próprias. Em outras palavras, essa maneira de se abordar o surdo minimizaria os efeitos de descrédito social atribuídos a ele, a denominação “Surdo” favoreceria a identificação antes pela diferença do que pelo estigma de ser “deficiente auditivo”. E essa diferença, calcada na necessidade da língua de sinais como primeira língua, cria conseqüências de ordem social que ultrapassam a perda auditiva, inaugurando o reconhecimento de uma cultura visual própria dos surdos (SKILIAR, 1998; SÁ, 2002 dentre outros).

Nas palavras de Sá (2002) “*a experiência da surdez não se baseia numa exigência de ‘lugar’, mas, certamente o uso da língua de sinais é uma característica identitária da maior importância.*” (SÁ, 2002, p.105). A autora justifica seu posicionamento argumentando que o valor de uma língua como instrumento de troca, de crítica, de reflexão e de comunicação por si só explica a importância da Libras para a identificação dos surdos, já que ela é natural na interação entre eles. A autora pondera que a Língua de Sinais não deve ser considerada como melhor nem pior que nenhuma outra, simplesmente é uma língua diferente. De acordo com a autora, é necessário enfatizar que “*os surdos criaram, desenvolveram e transmitiram, de geração em geração, uma língua natural, complexa, abstrata, numa modalidade de recepção e produção diferente da que utilizam os ouvintes: a modalidade viso-gestual*” (SÁ, 2002. p.107).

A partir das investigações em meio virtual encontrou-se também alguns surdos que defendem a Libras como língua natural dos surdos e elemento fundamental para sua identificação. Patrícia afirma:

Passei por muita coisa para ter identidade de surda, antes eu era ‘cópia de ouvinte’, submissa ao poder dos ouvintes (...) descobri a Libras na fase adulta, aos 21 anos, quando passei a conviver com surdos (...) então me esforcei para aprender, afinal, era a minha própria língua, porque eu não tinha direito a essa língua antes?
(Patrícia)

⁶⁶ BOTELHO, 1998; FERREIRA-BRITO, 1993; GÓES, 1999; QUADROS, 1997, SKILIAR, 1998; MOURA, 2000, SÁ 2002.

A experiência, a trajetória individual de cada surdo influi no processo de construção de sua identidade, da mesma maneira que o ambiente social no qual ele está inserido. Nota-se aqui o caráter social da identidade, uma vez que é a partir das relações sociais que ela se constrói, momento de contraste entre “nós” e o “outro”.

Em outro depoimento, Gilberto diz que é surdo profundo, porém foi oralizado na infância.

Mas eu não sabia nada de Libras. Pouco tempo eu conheci surdos que usam Libras e comecei a me interessar porque eu quis conviver com surdos. Bem, antes eu era surdo oralizado, que vivia com poucos amigos e comecei a pensar na minha vida e escolhi o mundo da surdez. Quando eu era oralizado eu saía com poucos ouvintes e também conversava pouco, tinha dificuldades em conviver com eles. Agora eu já comparei e percebi a diferença, me adaptei melhor aos surdos, porque a comunicação é mais fácil. Por isso tenho orgulho de ser Surdo, porque o mundo dos ouvintes não respeita a identidade própria dos surdos, isso é preconceito. (Gilberto)

Gilberto foi surdo oralizado até certa altura da vida e depois do contato com os surdos decidiu não mais ser oralizado. Esse contato também aparece na fala de Patrícia como um divisor de águas, pois, partir dali ela teria descoberto a sua identidade surda. Segundo Hall (2000), as identidades são relacionadas ao “vir a ser”, ou seja, à maneira como os indivíduos são representados e às implicações dessa para a auto-representação deles próprios. Gilberto antes se identificava como surdo oralizado, agora fez a opção pelo mundo da Libras. As implicações dessa escolha para ele significam a possibilidade de conviver com surdos e compartilhar sua língua, aquilo que delimita, nesse caso, a identidade desses indivíduos. E é por meio da diferença, e não fora dela, que as identidades são forjadas, a partir da relação com o “outro”, com aquilo que lhe falta (HALL, 2000). E para Gilberto faltavam indivíduos com quem comunicar de maneira satisfatória. Na sua relação com outros surdos ele percebeu a necessidade da Libras.

A discussão sócio-antropológica⁶⁷ sobre identidade enfatiza a importância do contexto para a construção e formulação teórica desse conceito. Hall (2000), por exemplo, afirma que o processo de identificação deve ser situado dentro de práticas discursivas específicas, locais institucionais e históricos determinados, a partir de iniciativas e estratégias particulares. Considerando que o contexto é determinado pelas interações entre os indivíduos que nele se situam, quais são esses lugares em Belo Horizonte? Em que condições os surdos investigados constroem suas identidades e de que maneira realizam a associação Libras-surdez?

⁶⁷ Ver CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976; HALL, 2000; JAYME, 2001; entre outros.

Algumas entidades que atuam em prol dos surdos na cidade seguem a linha de raciocínio que relaciona a experiência da não audição com a Língua de Sinais. Essas entidades elaboram seus discursos com base nessa concepção que entende a surdez como diferença cultural.

A FENEIS — conforme o relatório anual publicado em 2002 — se designa como uma *“entidade filantrópica, de cunho civil e sem fins lucrativos, a Feneis trabalha para representar as pessoas surdas, tendo caráter educacional, assistencial e sociocultural. Uma das suas principais bandeiras é o reconhecimento da cultura surda perante a sociedade”* (FENEIS, 2002. p.6). Em outro momento, ao informar sobre os objetivos da FENEIS, o relatório diz que a entidade busca lutar em prol da conquista da autonomia do surdo, possível mediante acesso dos surdos aos sistemas de educação, saúde, jurídico e demais setores da sociedade. Ainda no mesmo relatório, a FENEIS prioriza o incentivo o uso da Libras como meio de comunicação. De acordo com a entidade, a divulgação da legislação da Libras é o ponto nevrálgico para a conquista efetiva dos direitos dos surdos, já que, ainda que a sociedade reconheça que os surdos tenham uma cultura diferente, ela também deve saber que eles são capazes de reivindicar direitos e realizar deveres. Percebe-se aí a conotação eminentemente política da entidade, o que também foi constatado nas conversas com os funcionários da entidade na cidade. Em uma cartilha elaborada pela FENEIS de Belo Horizonte, encontramos os seguintes dizeres:

A ‘Língua de Sinais’ é que permite às pessoas surdas comunicarem umas com as outras, como forma própria de viver. Proibi-la seria coibir a liberdade de opinião e expressão, direitos da pessoa surda. O indivíduo surdo cria seu próprio mundo devido à barreira da comunicação e sempre que não houver entendimento e compreensão, haverá essa barreira. (FENEIS, 1995.p.11)

Segundo Goffman (1988), indivíduos que possuem categorias de estigmas semelhantes costumam se identificar uns com os outros, mantêm certo contato, contudo, o autor não os situa como elementos formadores de "grupos" propriamente ditos, unidos em torno de valores e interesses compartilhados, dotados de forte identidade comum. Ao contrário, o que se averigua é o apoio a uma entidade/associação que os represente diante da sociedade que os discrimina (GOFFMAN, 1988). Isso é perceptível em Belo Horizonte através de algumas publicações da FENEIS, conforme foi demonstrado acima. Outras entidades também ilustram esse quadro, oferecem o referido suporte ao surdo na cidade e definem em

documentos o tipo de apoio oferecido, como por exemplo, a Pastoral dos Surdos da Arquidiocese de Belo Horizonte.

Em um documento produzido pela Pastoral dos Surdos — “Gestos, mais que palavras” — , encontramos algumas noções dessa entidade em relação à “comunidade de surdos”:

Levamos algum tempo para perceber a necessidade de se assumir as diferenças entre uma pessoa surda e uma ouvinte.(...) Não faz sentido fingir que não existe diferença entre uma pessoa surda e outra ouvinte. Não aceitar a diferença, esta é a nossa forma de compreensão atual, é uma forma de preconceito. Esta aceitação torna o relacionamento entre surdos e ouvintes muito mais fácil, já que se reconhece os limites e vantagens que a diferença provoca. Um exemplo simples dessa não aceitação da diferença é a forma ‘adocicada’ (a intenção é boa) no tratamento do surdo, quando o chamamos de ‘deficiente auditivo’, tentando evitar a expressão ‘surdo’. Saiba-se que os próprios surdos insistem em ser chamados de surdos e não de deficientes auditivos. Pode-se questionar, inclusive, a expressão ‘deficiente’. Poderíamos utilizar a expressão ‘diferente’, e não ‘deficiente’? Já que não se pode definir se o correto é ouvir. Normal é escutar, ou ser surdo? O fato de a maioria das pessoas serem ouvintes indica que os surdos são anormais? Ser diferente é ser deficiente? Diferente de quem? Da maioria ouvinte? Para uma pessoa surda escutar é anormal e portanto um ouvinte é, para o surdo, um deficiente. Os surdos são como os ouvintes, pessoas que trazem sonhos, frustrações, esperanças, defeitos, qualidades, alegrias. Existem diferenças é claro, porém, jamais poderiam ser causa de preconceito, discriminação e exclusão. (Pastoral dos Surdos)

Sobre a Libras, esse mesmo documento informa que é uma língua “*desenvolvida e utilizada pelas comunidades surdas do Brasil*”. Por mais que também apareça no documento a idéia de que a Libras é a língua natural do surdo, é importante destacar que a pastoral reconhece outras formas de comunicação para o surdo, citando a leitura labial. No entanto, ao falar da repressão da Libras como língua do surdo, o documento atribui aos ouvintes posições como as seguintes: “*quando o surdo utiliza sinais ele não aprende a falar*”, “*a linguagem de sinais é muito restrita, conduz o surdo a viver em gueto*”. Mas sabemos que não são só ouvintes que pensam dessa maneira, conforme já foi demonstrado acima. Muitos tendem a criticar posições contrárias à Libras porque ela é a insígnia da cultura surda, que também é definida de forma breve no documento da pastoral como conjunto de regras e normas de etiqueta que surgem a partir do uso da linguagem de sinais e do convívio com surdos.

Sobre a identidade do estigmatizado, Goffman (1988) afirma que ela pode sofrer influência dos vários profissionais encarregados de lidar com ele. Médicos, psicólogos, assistentes sociais, professores são tradicionalmente eficazes em transmitir valores "normais" aos estigmatizados. Durante esta pesquisa, percebeu-se que esses profissionais também são responsáveis por transmitir certos valores sobre a “deficiência”. E isso é facilmente perceptível nas entidades que lidam com o surdo em

Belo Horizonte: o processo de formação identitária é, em alguns casos, direcionado. Isso é denominado por Goffman (1988) de "fantasma de aceitação social": a inserção do estigmatizado no mundo normal se dá a partir da ocupação de papéis definidos pelos normais, ou seja, são aqueles papéis que os normais esperam que ele ocupe, não desrespeitando os limites colocados pelos normais à sua participação na sociedade. No outro extremo, o estigmatizado rejeita o mundo normal e se volta para seus companheiros de infortúnio, mergulhando de tal forma no imaginário de seu grupo que acaba se tornando um militante da causa dos estigmatizados, como aparecem alguns surdos ligados as associações e outras entidades como o CAS, por exemplo.

Goffman (1988) destaca o papel que publicações voltadas a determinados tipos de desacreditados têm para gerir associações comuns, e contribuir para que seus líderes se tornem notórios. Isso de alguma maneira foi percebido durante a pesquisa em Belo Horizonte, já que em todas as entidades visitadas, algum surdo em determinado momento era citado como elemento de destaque na história daquela instituição determinada.

A Associação de Surdos de Minas Gerais também é uma entidade que relaciona a identidade surda com a Libras e pondera a importância dessa para o surdo como meio de emancipação. Através da descrição dada pelo site⁶⁸ da ASMG, podemos perceber esse ponto de vista:

A Associação dos Surdos de Minas Gerais sendo um baluarte na luta pela defesa dos direitos daqueles que vivem sobre o julgo da desigualdade social e sofrendo por todos os tipos de preconceitos. O nosso desejo é integrar os surdos na sociedade atuando de forma decisiva lutando pelos seus direitos e deveres, dentro de nossa comunidade alertando-os sobre o benefício de saberem se comunicar em LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais). Orientamos os pais, profissionais para que esses também aprendam a LIBRAS, pois nosso maior anseio é que vivamos em uma sociedade verdadeiramente inclusiva que respeitem as diferenças e valorizem as pessoas pelas suas potencialidades e não por suas diferenças. (www.asmg.org.br)

Sobre as atividades desenvolvidas, o site da ASMG informa que

As atividades desenvolvidas pela Associação compreendem: A integração de pessoas portadoras de surdez, portanto assistência social cultural e educacional aos seus associados; estabelecer convênios, realizar e participar de eventos, por si e ou em conjunto com entidades congêneres e outras; Atividades sociais como promoção de festas e reuniões, diversões, excursões que visem uma maior aproximação entre associados e familiares. Atividades esportivas através de realização de torneios, campeonatos entre associados e competições com outras associações congêneres, no âmbito nacional e internacional; Atividades culturais e educacionais (...); Patrocinar e promover o intercâmbio social e cultural com entidades existentes no Brasil e no exterior; Reivindicar e promover em todas as esferas do poder público, o que for

⁶⁸ www.asmg.org.br

necessário para a inserção das pessoas portadoras de surdez na sociedade; Conscientizar a comunidade sobre as reais potencialidades e limitações dos surdos. Promover a formação e conscientização dos surdos, a fim de que eles se tornem efetivamente comprometidos e militantes, da entidade pelo uso da Libras (Língua Brasileira de Sinais).(www.asmg.org.br)

As últimas linhas são esclarecedoras, uma vez que revelam de maneira muito clara a idéia de se conscientizar os surdos sobre a militância em prol da Libras. Um dado interessante é que quando se conversa com um ouvinte que atua nessas entidades, ou mesmo com surdos mais engajados, percebe-se que esse discurso de “conscientização” é muito forte, outras expressões de surdos que fujam a esse ideal de “orgulho surdo” são tidas como “alienações”. Embora o apelo seja forte, nem todos os surdos entrevistados, e que são freqüentadores da associação, se identificam como tal. Muitos não souberam se definir como surdos, outros simplesmente se diziam “surdos” e nada mais.

Os desacreditados não deixam de ser portadores de uma série de outros atributos que podem afastar os seres humanos, devido à sua situação especial, o que revela a grande dificuldade na formação de grupos sociais coesos de acordo com Goffman (1988). Assim, o autor registra desacreditados que discriminam-se de maneira mútua graças a fatores de ordem racial, social ou até mesmo devido às características específicas do estigma alheio. Os impasses entre surdos oralizados e surdos sinalizados podem assim ser compreendidos, já que em algum momento esses surdos repudiam, de forma mútua, a maneira escolhida para vivenciar a surdez. Para alguns surdos oralizados, utilizar unicamente a Libras significa ter uma atitude de auto-isolamento, já que a maioria da sociedade não utiliza essa língua para se comunicar. Logo, esses oralizados repudiam aqueles que fazem apologia à Libras como meio de “libertação” do surdo, como característica preponderante de identificação de pessoas surdas. Já para alguns surdos sinalizados, associações e entidades correlatas, não usar a Língua de Sinais significa negar a identidade e cultura surdas, o surdo que é oralizado é visto como submisso à cultura ouvinte, é um surdo que quer ser ouvinte porque cresceu e foi moldado nesse mundo que não seria o dele.

Outra entidade que também elabora seu discurso de modo a enfatizar os aspectos sócio culturais da surdez como intrinsecamente ligados à Libras é o CAS – Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento à Pessoa com Surdez. As idéias que serão atribuídas ao CAS foram coletadas durante as aulas de Libras do curso para professores, conforme foi explicado no capítulo anterior.

De acordo com o CAS, a Libras é uma língua cuja forma de comunicação e expressão é gestual, é capaz de transmitir fatos e idéias, ou seja, é um sistema de comunicação-visual motor, próprio das comunidades de surdos no Brasil. O CAS também define Deficiente Auditivo (D.A.) como um termo comum ao vocabulário médico/científico para conceituar pessoas surdas. Esses seriam os surdos de “*grau inferior*”, porque não se consideram pertencentes à comunidade de surdos, não utilizam a Libras e conseguem captar sons por aparelhos. De acordo com o que foi dito no CAS, o termo surdez seria mais adequado do que o termo “deficiência”, já que esse último suscita outros atributos que ultrapassam a disfunção auditiva.

A Língua de sinais é vista como a opção natural de língua para os surdos, já que ela é apreendida de maneira fácil e espontânea pelo surdo. Outro aspecto interessante é a consideração das diferenças entre as comunidades surdas do Brasil. Notou-se que os discursos no CAS não negavam a diversidade dos surdos, embora afirmassem que a língua para a comunicação das comunidades surdas era a Língua de sinais. A distinção dos grupos de surdos seria dada em três categorias principais: Os ‘Surdos’ ou ‘surdos sinalizados’ são aqueles que utilizam a Língua de Sinais para se comunicar, possuem uma cultura e identidade própria; Os ‘surdos oralizados’ são aqueles que se comunicam por leitura labial e os ‘surdos implantados’ são aqueles que fizeram o implante coclear. Para o CAS, o grupo de sinalizados é aquele que está mais bem organizado e em maior número, por isso tem mais sucesso em reivindicar seus direitos.

Passemos agora para o depoimento de Carol, que foi oralizada na infância e aprendeu Libras na fase adulta, trabalha no CAS como instrutora de Língua de Sinais. Quando indagada sobre a comunicação com a família, Carol diz que “*a comunicação é feita pelo português oral (leitura labial), e há quatro anos adquiri a Libras, e eles tem tentado aprendê-la porque essa comunicação é bem mais natural para mim, mas tentamos dividir as coisas, meio a meio. Mas é mais oral mesmo*”. Em relação ao grupo que ela tem mais contato, diz:

Tenho o contato igual em termos de quantidade, mas em termos de intimidade, de proximidade, muito mais com surdos, porque além de compartilharmos a mesma língua, temos muitas características em comum, a maneira de ver o mundo, de interpretar os fatos do cotidiano, a identificação é grande. Como é normal a tendência de andarmos com quem temos uma identificação maior, os surdos tendem a andar mais em grupos, não com a intenção de se fechar, mas por possuírem a mesma língua, ficam classificados como uma comunidade, um subgrupo. (Carol)

Pode-se perceber de maneira clara o eco das idéias do CAS na fala de Carol. Ao pedir para definir o que é ser surdo, ela responde que, de uma maneira geral, é uma pessoa que usa a língua de sinais, que é engajada na causa e comunidade surdas. Apesar de ser muito bem oralizada, e de ter aprendido a Libras muito recentemente, tal fato não impediu que Carol se identificasse como “Surda”. Quando foi perguntada sobre a preferência entre surdos sinalizados ou oralizados, ela respondeu que preferia *“muito mais os sinalizados porque a identidade é sólida, a comunicação é mais fluente e natural, enquanto os surdos oralizados encontram muitas barreiras de comunicação na língua oral.”* . Carol se encaixou na comunidade de sinalizados e disse ter *“alguma tolerância com os oralizados porque não tiveram acesso à Língua de Sinais e tento proporcionar esse contato a eles.”* Além disso, informou que preferiria ser chamada de Surda, porque *“quem é surdo de fato, tem identidade cultural sólida, prefere, ou melhor, exige ser chamado de surdo. Não é um termo pejorativo, pelo contrário, espelha toda nossa peculiaridade cultural e tem implicações lingüísticas também.”*

No entanto, ao visitar as comunidades virtuais presentes no perfil de Carol no Orkut, percebi que muitas delas estavam ligadas aos oralizados, inclusive a comunidade “Surdos Oralizados” descrita acima. Posto isso, podemos pensar que a identificação do indivíduo surdo na cidade depende muito do lugar em que ele se situa e dos indivíduos com os quais se relaciona. Se concordarmos que o processo de identificação está sempre em construção, é relacional e se estabelece diante da diferença, os surdos investigados se valem das identificações disponíveis para se situar, ou seja, de acordo com o ambiente social em que é interpelado, o surdo se identifica a partir das informações disponíveis para isso. No espaço que não é virtual, Carol se identifica como “Surda” em suas interações como outros surdos, no ambiente de trabalho. Quando está entre maioria ouvinte, ela se comunica com leitura orofacial sem maiores problemas. Já no mundo virtual a identificação como surda sinalizada não aparece tão claramente, pode-se dizer que na realidade virtual ela se encaixa mais nos quadros de oralizados, pensando nas comunidades que participa. Percebe-se que reduzir a identificação do surdo ao uso ou não uso da Língua de sinais significa correr riscos e ofuscar outros elementos importantes na construção das identidades dos surdos. Quais seriam então os elementos outros que os surdos se valem para se identificar?

4.2 Sociabilidade e Identidade

4.2.1 As práticas de sociabilidade dos surdos na Praça Sete

A partir da pesquisa de campo na Praça Sete, buscou-se compreender as interações múltiplas que os indivíduos surdos estabeleciam entre si e com os outros, a fim de se apreender a existência de uma ou mais identidades surdas, se são possíveis e se elas estabelecem algum confronto entre si. Como já foi dito anteriormente, os primeiros contatos com os surdos não foram muito proveitosos, dada a resistência do grupo em me aceitar entre eles. Eu não me comunicava bem em Libras, o que dificultava bastante a interação. Somente após ter feito o curso de Língua de Sinais esses contatos passaram a ser mais intensos. Das primeiras observações, constatou-se que esses indivíduos iam com certa frequência para a Praça Sete sempre ao cair da tarde, se reuniam em grupos e conversavam, em sua maioria, através da Libras. Optou-se, a partir de Simmel⁶⁹ (1983), por observar as formas que tomam o grupo de indivíduos surdos em suas interações na Praça Sete, a fim de se perceber as peculiaridades desse grupo.

A maioria dos surdos chegava à Praça Sete após o serviço ou a escola, mas alguns vinham de casa. Quando se indagou a esses surdos a razão principal para estar ali, a resposta corrente era “*para bater papo*”, “*conversar a toa*”. Percebe-se aqui que a forma principal que toma os surdos reunidos na praça é a forma lúdica de sociação, ou a sociabilidade. É na separação entre conteúdo e forma da vida societária que se pode compreender o conceito de sociabilidade de Simmel (1983). Segundo o autor, as formas resultantes do processo de desenvolvimento e formação dos interesses e conteúdos individuais ou materiais, a partir das interações, quando liberadas dos conteúdos, ou seja, quando passam a existir por si só e também pelo deslumbramento oriundo da libertação mesma desses vínculos, se tornam sociabilidade. Quando os surdos relatam que desejam estar na Praça para conversar, simplesmente, notamos aí a liberação da forma de seu conteúdo, ou seja, “bater papo” é mais importante para o

⁶⁹ O autor prioriza as formas que tomam os grupos de homens, unidos para viver uns com os outros, uns contra os outros ou mesmo uns ao lado dos outros.

surdo naquele momento do que qualquer outra coisa, afinal, ele deslocou-se para aquele lugar justamente para conversar com seus colegas.

Ao se investigar o dia-a-dia dos surdos, suas regras de aproximação ou evitação, a maneira como se relacionam e estabelecem suas conversas, em outras palavras, suas interações, necessita-se usar o conceito de sociabilidade de uma maneira mais abrangente. Dito de outra maneira, não se ignora aqui as motivações que orientam as interações dos surdos. Por mais que eles digam que estão ali somente para conversar, sabe-se que alguns surdos utilizam desse espaço de encontro para divulgar realizações de determinada entidade, ou mesmo para tentar conseguir algum emprego, namorar, fazer novos amigos. No entanto, de maneira geral, pode-se dizer que para a maioria dos surdos freqüentadores da Praça Sete, qualquer assunto é interessante, desde que se mantenha a comunicação em Libras. Ela é a modalidade lingüística mais usada por eles, que afirmaram ser esta a língua usada diariamente.

Questiona-se aqui quais seriam as bases de interesses que orientam as relações de reciprocidade entre os surdos da Praça Sete. A partir da análise dos dados, se constatou que ao se unirem na Praça Sete, o interesse lúdico em estabelecer uma conversa origina a unidade desses indivíduos. A praça, de acordo com vários depoimentos recolhidos, seria o lugar onde os surdos poderiam se comunicar de maneira mais livre. Essa “liberdade” apareceu em muitas falas de surdos, alguns diziam se sentir sufocados e angustiados durante todo o dia, ansiavam o momento de encontro para poder “falar”.

Na sociabilidade, a forma social determinada é a reunião e os atributos como posição social, cultura, fama e outras capacidades excepcionais não possuem nenhum valor. Os atributos objetivos e traços pessoais pertencentes aos integrantes da reunião, não podem dela participar quando não dizem respeito a ela (SIMMEL, 1983). Isto foi percebido de maneira similar entre os surdos de Praça Sete, essa forma social de reunião em que os traços pessoais e atributos objetivos dos membros não têm maior importância. Para os surdos da Praça Sete, a sociabilidade que eles desenvolvem na praça é significativa, portanto, razão para o encontro. Eles se encontravam e se reuniam em grupos, cuja composição não dependia dos atributos objetivos dos membros e muito menos dos traços de caráter desses indivíduos. Notou-se que dentre os principais objetivos citados para o encontro na praça estavam as interações baseadas na conversação em língua de sinais.

A intensidade dos encontros desses surdos variava de acordo com o dia da semana. O dia de maior concentração era sexta-feira, quando eles combinavam de se encontrar na praça para dali seguirem para bares, às vezes iam para a ASMG. Esses surdos relataram também a realização de viagens em conjunto. Percebeu-se que a praça também servia como local de encontro para combinar atividades de lazer em conjunto. Algumas viagens, especialmente os eventos esportivos, eram organizadas pelas associações. Outras vezes as viagens se destinavam a festa em sítios, que geralmente duravam todo o fim de semana. A paquera e o namoro também foram indicados pelos surdos como razões para o encontro na praça.

O “mundo social ideal”, proporcionado pela sociabilidade nos termos de Simmel, chamado por ele de “mundo artificial da sociabilidade”, é composto de indivíduos cujos únicos desejos são os de interagir na forma mais pura possível, livre do realce da esfera material. Todos os surdos entrevistados disseram que o principal objetivo para estarem ali na praça era “bater papo”, ou seja, conversar com surdos. O desejo de interagir, livre de qualquer motivação material, foi percebido muito claramente nas respostas, conforme foi dito acima.

O momento da conversação, importante para se entender a sociabilidade, foi o que mais me chamou a atenção durante as visitas à Praça Sete. Para Simmel (1983), o conversar por conversar só é possível em uma reunião social, e tal se verificou entre os surdos da Praça. A importância das formas pelas quais se realiza a Libras é derivada dela mesma, ou seja, nenhum conteúdo tem importância por si mesmo para que a conversação se satisfaça como mera forma. É importante ressaltar que para o autor, tal constatação não implica em estabelecer uma conversação cujo conteúdo seja indiferente. Esse pode ser interessante, atraente ou mesmo importante, desde que não busque resultado objetivo e que não seja o propósito da conversação. Na Praça Sete, os assuntos que permeavam as conversações dos surdos encontravam o seu propósito no jogo da própria conversação, logo, mudava-se de assunto com grande rapidez e facilidade. Os assuntos não eram o propósito, e sim o meio para a conversa. Os surdos se reuniam para discutir uma matéria do jornal do dia porque estavam conversando na praça e não porque o que foi publicado é um fato que merece destaque. No ‘conversar’, para Simmel, a consciência comum de reunião transparece na possibilidade de todos poderem contribuir sem que essa contribuição esteja vinculada a este ou aquele indivíduo. Os exemplos dados pelo autor das anedotas, piadas e histórias são perceptíveis nas conversas desses surdos.

Até agora se priorizou as interações dos surdos entre si. Passa-se nesse momento para a análise das interações entre surdos e ouvintes na Praça Sete. É importante lembrar que a partir do momento em que um ouvinte passa a conviver com surdos, passa a estabelecer relações mais freqüentes, ele recebe uma nova identificação, geralmente dada por surdos. Um novo “nome” lhe é dado, não em português, mas em Língua de Sinais. Alguns surdos costumam dizer que este é o “batismo” na comunidade surda, momento em que o ouvinte passa a ter um sinal próprio, que o identifica junto aos surdos. Dessa maneira eu recebi um sinal logo que iniciei meus contatos com os surdos, ainda no pré-vestibular. Esses sinais identificadores costumam remeter a uma característica física da pessoa, algo que é muito evidente para o surdo no contato visual inicial. Elemento muito importante na vivência dos surdos, o sinal identificador reporta a uma “cultura visual” do surdo, já que é através da visão que ele capta “os sons” do mundo. E foi revelando meu sinal e o fato de ter sido professora de surdos, é que passei a interagir efetivamente com os surdos da praça.

A observação das interações entre surdos e ouvintes revelou que estes pouco socializavam com os surdos. Por vezes alguns ouvintes que sabiam Libras foram encontrados, e disseram que estavam ali porque tinham um amigo ou parente surdo freqüentador da praça. No entanto, essa situação não era muito recorrente, pouquíssimas foram às vezes em que se encontrou ouvinte socializando com surdos na praça. Alguns ouvintes que estavam fazendo curso de Libras também foram encontrados, diziam estar ali para praticar língua de sinais com os surdos. Para outros ouvintes, no entanto, a presença dos surdos na praça é algo incômodo. Em conversa com freqüentadores da praça pôde-se perceber que os surdos são vistos ora como “*bando de vagabundos*”, ora como “*sem serviço*” que ficam ali somente para conversar. Em outras ocasiões, percebe-se que para alguns ouvintes os surdos que ali se encontram são como seres invisíveis. A situação de interação é constantemente evitada por esses ouvintes, já que eles dizem não saber nada “*daquela língua de mímicas que eles usam*”. A maioria dos surdos entrevistados na Praça Sete afirmou que os membros da sua família não sabem a Libras e a relação é problemática do ponto de vista da comunicação, especialmente para aqueles surdos que não sabem ler os lábios. Aqueles que sabiam um pouco de leitura labial diziam entender um pouco seus familiares, mas que a comunicação não era satisfatória.

Quando indagados sobre sua relação com ouvintes em geral, os surdos respondiam algumas vezes de forma negativa, respostas como *“eu acho muito difícil”* ou *“eu não entendo nada”* ou mesmo *“o ouvinte não consegue entender nada do que eu tento dizer, não sabe de nada do que estou falando”* são exemplares. Os surdos que dominavam a leitura labial informaram que a comunicação com ouvintes se dá *“sem maiores problemas, normal”*. No que se refere à interação com os ouvintes afirmaram ter amigos ouvintes e surdos na mesma proporção e que não têm preferência em termos de amizade, já que *“a forma de relacionar é igual”*. Outros diziam querer interagir mais com ouvintes, mas as dificuldades de comunicação impediam.

A observação revelou que os surdos se aproximavam mais dos ouvintes quando precisavam da ajuda deles. Em algumas situações se presenciou surdos pedindo para ouvintes atenderem ao telefone celular, em outras, pedindo ao ouvinte para realizar alguma ligação. Alguns me disseram que a principal forma de interação com ouvintes que não sabem Libras é em situações de necessidade, seja para pedir alguma informação sobre ônibus, seja para realizar ligações para saber sobre emprego, o que se dá geralmente por meio da escrita. Eles também disseram ter dificuldades em comunicar com ouvintes em outras situações, como supermercado, *shopping*, bilheteria de cinema, já que são poucos os ouvintes que conseguem entender o que eles dizem. Outros surdos ainda disseram não gostar de ser tratados como *“coitadinho”*, *“pobrezinho”* e outros termos depreciativos, uma vez que a barreira deles está relacionada à audição e não a outras incapacidades físicas. Evaldo, por exemplo, relatou que detestava sair com ouvintes (primos) porque eles insistiam em acompanhá-lo até mesmo no banheiro, como se ele não fosse capaz de fazer isso sozinho. Além disso, esse mesmo surdo disse que era extremamente desagradável ficar *“fora da conversa, não entendo nada do que eles dizem ou do que eles estão rindo, às vezes eu ria sem saber e me sentia mal por isso. Não saio mais com eles, ouvintes, é muito ruim.”*.

Percebe-se que em relação às amizades, a maior parte dos entrevistados prefere os amigos surdos porque a comunicação se dá sem maiores complicações. Porém, alguns que não sabem fazer leitura orofacial relataram ter certa resistência em sair com oralizados que não sabem Libras e não querem aprender. Por outro lado, é melhor conversar com oralizados que querem aprender a Libras do que conversar com ouvintes que sabem sinais, porque *“o ouvinte nem sempre entende bem um surdo”*, conforme nos disse Evaldo. Além disso, afirmaram que com os amigos surdos eles vão

para barzinhos, viajam, fazem festa, vão a clubes e a cinemas, especialmente os do *Shopping Cidade*. Sobre o cinema, Alexandre me relatou que *“ir ao cinema com surdo, para você que é ouvinte, não é bom porque a gente conversa muito em sinais durante o filme. Gosto de perguntar sobre o que está escrito, só para confirmar se estou entendendo o filme direito”*. A Praça Sete e a ASMG são os lugares de encontros mais citados por eles, lugares *“para se encontrar os amigos surdos e bater papo com eles”*. Entretanto, Alexandre afirma que *“na verdade o lugar não importa, pode ser aqui [Praça Sete], na associação, o importante é ter surdo para conversar”*.

Percebe-se até aqui que para os entrevistados, a conversa em Libras é melhor, mesmo a surda que parecia saber pouco de Libras dizia que gostava muito de comunicar-se assim. É interessante notar que a maioria dos entrevistados aprendeu a Libras na fase adulta, no contato com outros surdos em associações ou mesmo no ambiente de trabalho. No entanto, ao perguntar “o que é ser surdo para você”, nenhum deles relacionou a surdez com a língua de sinais. Já foi dito anteriormente que essa foi a pergunta que os surdos mais demoravam a entender. Eles não conseguiam compreender a idéia de “ser surdo” no sentido de identidade, confundiam e diziam no final que não eram ouvintes. Após reformular a pergunta, certas respostas merecem destaque. Alguns disseram que é *“normal, igual a ser ouvinte”*; Evaldo dizia ser *“muito triste porque não consigo fazer tudo sozinho”*. Alexandre informou que *“não é tão bom porque não consegue falar nada”* enquanto Anderson que *“ser surdo não é ruim, eu nunca ouvi nada mesmo”*. Embora nenhum consenso sobre ser surdo fosse identificado entre os surdos da praça, palavras como *“triste”* e *“ruim”* eram constantes na sua fala.

É importante destacar que os surdos entrevistados em momento algum falaram sobre uma identidade surda ou mesmo uma cultura surda em oposição a uma identidade/cultura ouvinte. Em muitas situações o que se presenciou foi a união dos indivíduos surdos em um determinado espaço, como a Praça Sete, por exemplo, graças às características em comum, que são a surdez e a comunicação via Libras. Em muitas falas, os surdos relatavam que ali estavam porque gostavam de “bater papo” e estar entre surdos. Nota-se aí a importância da Praça Sete para esses indivíduos como lugar de liberdade para conversar, de estar entre iguais. Relatos como o do surdo que em casa se sentia triste e na praça era feliz porque conversava, revelam, somado a outros aspectos observados, que o espaço público da Praça Sete, para esses indivíduos, adquire relevância em termos de sociabilidade.

Constata-se, então, que na Praça Sete o espaço público adquire uma importância considerável na vida dos surdos entrevistados, na medida em que propicia o momento de sociabilidade, da conversação. A maioria dos surdos associou uma noção de liberdade a esse espaço, uma vez que ali poderiam se comunicar sem embaraço. Todos os entrevistados são filhos de pais ouvintes e informaram que a comunicação com seus familiares se dá de maneira precária. No entanto, não identifiquei nenhuma manifestação do “orgulho de ser surdo”, e isso também não apareceu nas entrevistas. O que se percebe é que esses indivíduos sofrem constrangimentos nas interações com ouvintes – dadas as diferentes maneiras de comunicação – e encontram na praça a possibilidade de se comunicar com outros indivíduos, que além de sofrerem os mesmos constrangimentos, possuem uma língua em comum, a Libras, que facilita a conversação desses indivíduos.

4.2.2 A Sociabilidade entre os surdos no Orkut

A sociabilidade virtual, como foi dito anteriormente, pode ser compreendida como uma nova forma de sociabilidade advinda da informatização, cuja importância para as transformações culturais no que diz respeito ao comportamento dos indivíduos revela que a internet, mais do que um meio de comunicação, é palco para representações e práticas dos grupos que a utilizam/habitam. Alguns autores, como Levy (1998), argumentam que o virtual revoluciona as limitações espaço-temporais da dimensão do real, o transformando e complementando, mas não se opõe a ele. A dimensão do virtual deve ser pensada então como uma esfera particular da realidade em que as categorias de tempo e espaço estão submetidas a um regime diferenciado.

O ciberespaço apenas deixa mais claras algumas tendências, já bastante estudadas, que caracterizam o ‘espaço’ (não ciber) social de nossas sociedades de extrema complexidade. Talvez o que ciberespaço acrescenta, além de mais “mundos” aos mundos da RL [Real Life], seja um “território” de testes, um “laboratório social”, onde essas tendências podem atingir seus extremos. (VIANNA, 1997.p.273).

Concebe-se o ciberespaço como o lugar privilegiado para o encontro entre informação, tecnologia e comunicação, uma heterogeneidade complexa de ambientes, espaço onde as mais diversas formas de interação e de sociabilidade se tornam

possíveis, (PEREIRA DA SILVA, 2004a; LEMOS, s/d; GUIMARÃES JUNIOR, 1998). A rede Orkut se configura para muitos como um ambiente de encontro virtual, espaço de interação que para alguns nem sempre é possível no espaço real, já que o ciberespaço segue uma outra lógica que comprime tempo e distância.

A experiência com surdos nesse “ambiente virtual” se deu a partir da minha participação no ambiente. Também sou usuária do Orkut e dentro dele passei a procurar por membros que fossem surdos de Belo Horizonte. A coleta de dados se deu por meio dos perfis dos usuários, e-mails e conversas via um programa de mensagens instantâneas, denominado *MSN Messenger*. Assim, construí uma rede de contatos, composta por surdos belorizontinos que conheci no Orkut, e também por surdos que conheci “*off line*”, ou seja, na “vida real”.

A partir da pesquisa em meio virtual constatou-se que os surdos que utilizam o Orkut de maneira mais assídua usavam a leitura labial para se comunicar, e quase todos nasceram surdos ou adquiriram a surdez na infância. Sobre o acesso à internet, “*em casa*” era o lugar citado com maior frequência, embora alguns dissessem também entrar na rede no trabalho ou na escola. Dos sites mais visitados, eles citaram o Orkut, sites em que eles mantinham contas de e-mail, “*blogs*”⁷⁰ e “*fotologs*”, sites de humor e outros similares. Dentre as razões citadas para o acesso a internet, “*visitar o meu perfil no Orkut*” e “*conversar com meus amigos no MSN*” foram as mais citadas. Os surdos costumam fazer amizade com outros surdos via internet, alguns relataram que por meio do MSN eles trocam informações, marcam encontros, conversam, fazem novos amigos. O depoimento de Gabriela serve de exemplo para entendermos a importância do meio virtual para os surdos:

Para falar a verdade, é por várias razões, eu acho hiper importante, pois como sou surda, é como um meio de comunicação (um telefone por exemplo). Facilita meus contatos e tudo o mais, eu gosto de ler comunidades porque, são interessantes, debater com as pessoas sobre variados assuntos, como filme, e também conhecer pessoas que passam mesma situação que eu... e mandar recados, paquerar meninos... já que eu não sou muito aberta a conhecer pessoalmente, logo de cara, deve ser vergonha de ser surda, fato absurdo não acha??? Mas os ‘machos’ não reagem de forma estranha, eles até compreendem, e até descobrir, que conhecer homens ouvintes pela net é mais complicado que conhecer pessoalmente, na net, eles fazem uma porção de perguntas, e ainda por cima perguntam, ‘você não fala?’ muita falta de informação na parte deles. (Gabriela)

⁷⁰ Uma espécie de diário virtual. O “*fotolog*” é um diário virtual, porém com fotos.

Um elemento facilitador para a interação entre os surdos membros do Orkut é a participação em alguma comunidade de surdos. Quando se faz parte de dada comunidade, o seu perfil fica exposto no “mural” de membros. Assim, qualquer um que visite, ou seja, membro determinada comunidade pode ver, “entrar” no seu perfil e deixar recados, ou mesmo adicionar como amigo. Quando passei a fazer parte de algumas dessas comunidades, comecei a receber visitas freqüentes de outros surdos que queriam se tornar meus “amigos de Orkut”. A primeira pergunta que eles faziam era sobre a surdez – “*Você é surda? Eu sou, quer ser meu amigo?*”. A rede de interações adquire assim possibilidades gigantescas. Dessa maneira passei a interagir com surdos de todo o Brasil e até de outros países. O mesmo se verificou entre os surdos investigados, muitos disseram ter amigos fora de Belo Horizonte e que conheceram essas pessoas pelo Orkut, passaram a interagir com elas a partir da participação em alguma comunidade e também pela troca de recados, posteriormente, via MSN. Essas interações no mundo virtual também se concretizam no mundo real, alguns surdos disseram ter se encontrado com outros surdos que conheceram na internet.

Torna-se claro que há interação entre os usuários surdos na rede e que essa interação também resulta de uma negociação entre esses indivíduos, atores desse “palco virtual” de informações e mensagens. Pereira da Silva (2004a) coloca que a sociabilidade virtual permite que os mais tímidos “*que mal ousam sair de casa, se relacionem com desconhecidos, (...), através de uma ciberexistência.*” (PEREIRA DA SILVA, 2004a). Para alguns dos surdos investigados, o meio virtual propicia uma interação diferenciada daquela vivenciada na realidade, já que os constrangimentos advindos de “ser surdo” não são imediatamente percebidos pelo interlocutor. Esse é um espaço atrativo para eles, já que permite uma comunicação em tempo real com quem quiserem, sem a necessidade de ouvintes (intérpretes). Devido à natureza das conversações via *chat*, a escrita rápida que tenta simular um diálogo falado, as diferenças do português escrito por surdos e ouvintes se tornam mínimas. Logo, a surdez não pode ser notada imediatamente tal qual acontece nas interações fora do ambiente virtual. No entanto, quando a surdez é revelada, situações de conflito podem acontecer. Sabrina me informou que conversava normalmente pelo MSN com um ouvinte que havia conhecido no Orkut. Depois de muito tempo conversando com o rapaz, ela resolveu dizer que era surda e a reação dele não foi agradável. “*Depois de algumas horas ele queria me conhecer pessoalmente e resolvi contar sobre minha*

deficiência auditiva. Sabe o que ele falou? ‘Pôxa vida, como vou me comunicar com você? Não sei nada sobre aquela língua de sinais.’ E respondi a ele: ‘Quem te falou que os surdos não sabem falar?’. Sabrina ficou irritada porque “há varias pessoas que não estão bem informadas sobre a surdez”.

Goffman (1988) diz que o individuo desacreditado busca evitar que o seu atributo mais chamativo determine totalmente a imagem que é criada de si. Por mais que o mundo virtual se revele como um espaço “mais livre” para a interação de surdos com ouvintes, dado que o estigma pode ser omitido nas conversações, em algum momento ele é revelado, e aí se estabelece o conflito, tal qual nas interações “reais”. Apesar do conflito, entre os surdos do Orkut, verificou-se que as redes de amizade criadas extrapolavam o grupo de surdos. Muitos disseram ter feito amigos ouvintes via internet.

A respeito das possíveis identificações via sociabilidade virtual, notou-se que as comunidades virtuais possuem certa relevância. Para muitos usuários do Orkut, participar de certa comunidade significa compartilhar das idéias que são veiculadas por elas, se identificar com as informações que aí estão dispostas. Em muitos perfis, ao invés do usuário descrever a si mesmo ele sugere ao “visitante” que veja as comunidades as quais pertence para assim conhecê-lo melhor. Conforme foi dito em outro momento, as comunidades virtuais podem ser compreendidas como agregações sociais e, desse modo, corresponderiam às necessidades sociais dos indivíduos na medida em que são baseadas na proximidade intelectual e emocional dos membros. Logo, ser membro de alguma comunidade, participar dos tópicos de discussão, interagir com outros usuários são algumas formas que sociabilidade virtual pode assumir dentro do universo do Orkut. Entender o que dizem as comunidades das quais os surdos investigados participam, pode contribuir para a compreensão do processo de identificação desses indivíduos no ciberespaço.

A partir da pesquisa nos perfis dos sujeitos investigados, constatou-se que eles faziam parte de algumas comunidades de surdos que são contraditórias entre si. No entanto, ao pensar que o processo de construção de identidades inclui a opção de fatores que são diferenciados e em alguns momentos contraditórios, podemos compreender a escolha dessas comunidades como expressão desse processo, que no mundo virtual – mais especificamente, no Orkut – se desenha a partir de informações que o individuo deseja passar sobre ele mesmo. De acordo com Pereira da Silva (2004a) as “*identidades sociais virtuais*” podem ser entendidas como uma versão da

“*identidade social*”, só que dada de forma mais imediata, ou seja, sem uma apreciação mais aprofundada do indivíduo em questão.

As comunidades relacionadas à surdez, das quais os surdos investigados são membros, e suas respectivas descrições (tal qual estão dispostas no Orkut) são as seguintes:

- **Amigos entre ouvintes e Surdos:** “*Ação amigos entre ouvintes e surdos! p/ quem se interesse a troca comunicação nossa língua de sinais (LIBRAS)... aproveita troca os amigos como união conhecer! Os surdos temos na MSN p/ comunicar e conhecer nossas vidas dos surdos e ouvintes. Abraço aos todos. OBS: não aceite falar sobre implante coclear e Preconceito então pode deletar isso q ter o respeito nossa comunidade nossa surda oralizada e surda LIBRAS.*”

- **Questões sobre surdez:** “*Essa comunidade se destina à discussão de assuntos referentes a surdez. Palestras, pessoas surdas, dificuldades, dúvidas... LIBRAS... Enfim, tudo o que se referir à surdez. Portanto, ao responsável por qualquer tópico ou mensagem que tiver cunho pessoal, q não interessar ao objetivo dessa comunidade, será enviado um convite para que o mesmo retire o que não estiver de acordo.*”

- **D.A não, Surdo sim:** “*Essa comunidade é para quem assume a identidade verdadeira de surdo, sem qualquer preconceito. Diferenças entre Surdo x Deficiente Auditiva:*

Surdo: Não usa aparelho, tendo pouco ou nenhum resíduo

D.A.: Tem bom resíduo e usa aparelho

Surdo: Sente a vibração sonora

D.A.: Ouve o som, muitas vezes, com distorção

Surdo: Sua comunicação é através de Sinais, se estabelecendo em 100%

D.A.: Sua comunicação é através de leitura labial e oralização, se estabelecendo até 65%

Surdo: Possui cultura própria

D.A.: Não tem cultura própria, segue cultura ouvinte

Surdo: Aceita sua condição de surdo, sem preconceito.

D.A.: Não aceita ser surdo

Surdo: Tem identidade própria

D.A.: Em busca de identidade própria”

- **Surdos Oralizados:** “É uma comunidade dos surdos oralizados pelo Brasil afora. Somos surdos, porém falamos e entendemos "n" coisas por leitura labial. Os curiosos são bem-vindos. :) É uma comunidade voltada para discutir a problemática da surdez no mundo atual. Esta comunidade se propõe a informar e participar sobre vários temas que envolvam assuntos problemáticos comuns dos surdos oralizados na sociedade brasileira. Queremos a integração de todos surdos na sociedade por acreditarmos que é a melhor forma de uma vida plena e feliz. É uma comunidade fundada pelos surdos oralizados e escrito por eles. P.S: Que fique bem claro: É uma comunidade dos SURDOS ORALIZADOS, logo o foco será sobre a problemática dos surdos oralizados. Não estamos interessados em discutir LIBRAS na educação inclusiva ou especial por não fazer parte do cotidiano dos surdos oralizados. Todos são bem-vindos, desde que se respeite o propósito da comunidade! NÃO ESTAMOS INTERESSADOS EM LIBRAS! MSGS com foco em LIBRAS não serão toleradas.”

- **Implante coclear cibercafé:** “Esta comunidade tem como objetivo principal estabelecer a troca de idéias e informações entre os usuários de implante coclear no Brasil bem como ajudar futuros candidatos a esclarecer suas dúvidas. Este fórum também visa divulgar avanços tecnológicos nessa área além de disponibilizar artigos e sites aos interessados neste assunto. Todos os usuários de implante coclear estão convidados a participar deste fórum para uma troca de experiências e ajuda mútua independentemente da marca de implante (Nucleus-Cochlear, Clarion-Advanced Bionics ou Med-El-Medical Electronics). Divergências sim, ofensas gratuitas não. Casos extremos de ódio e racismo não serão tolerados.”

- **Surdos do Orkut:** “Muitos surdos do meu Brasil, essa é a nossa comunidade! Essa comunidade está aberta a oralizados, sinalizados, cegos, curiosos, intérpretes, ouvintes e quaisquer outros rótulos que você precise para ter mais informações, notícias, debates e discussões. Entre, divirta-se e traga amigos!”

- **Quem disse que surdo não fala:** “FALAR, no dicionário: exprimir com palavras; articular sons; dizer; declarar; contar; narrar; usar ou saber usar uma LÍNGUA... e por falar em LÍNGUA, só pra você ter uma noção: a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) também é uma LÍNGUA. Bem... essa comunidade é pra todos aqueles que acreditam e/ou sabem que os surdos não são incapazes de falar, não importando a forma como eles se comunicam, seja sinalizada ou oralizadamente... o que importa mesmo é que eles falam SIM! Se você concorda, essa é a sua comunidade! Entrem e sejam muito bem vindos!”

- **SurDOS Bilíngües:** “É uma comunidade para surdos bilíngües. Venham aqui pra conhecer gente nova, trocar idéias, e fazer amizades.”

- **Deficiência está no coração:** Cego não é só aquele que não vê... mas sim pessoas incapazes de enxergar o próximo passando fome, sede, frio e injustiças por aí ... Surdos não são só aqueles que não ouvem, mas sim aqueles que não querem ouvir o mundo gritando por socorro, por justiça, por ajuda. Os deficientes não são só aqueles que não andam, não falam, não ouvem, não vêem, mas sim todas aquelas pessoas fracas que não conseguem ajudar aos outros e a si mesma...Até quando pessoas irão passar fome? Até quando pais irão espancar filhos? Até quando haverá guerra? Até quando iremos ficar deficientes, cegos, surdos e mudos? A deficiência ou melhor o “problema” não está fora e sim dentro de cada um de nós ... Texto: Carlos Eduardo Comunidade destinada a todas as pessoas que esperam e lutam por um futuro melhor!

*** Assunto fora do tema da comunidade e propagandas, serão deletados e o participante expulso da comunidade. Foto da comunidade não está sujeita a eleição***

- **Quero namorar surdo (a)** “Cada minuto com a pessoa errada é um minuto a menos com a pessoa certa” Se você cansou de ficar, ficar, ficar e não ficar com ninguém... ou cansou de rolo que quer sair com você só de semana p q final de semana tá sempre ocupado com outra. rrsrs esta é a comunidade certa para que possamos encontrar o tão sonhado namorado(a). Por favor, se você não quer nada a sério com ninguém, não entre pra essa comunidade. Ela foi feita para pessoas românticas e que dão valor ao bom e velho namoro. Todos os profiles serão analisados e não serão permitidas ofensas a outros membros. Boa sorte a todos!

- **Sudos universitários:** “Seja bem-vindo ao universo de ciência dos Surdos. A primeira comunidade oficialmente voltada aos universitários surdos. Administrador, advogado, arquiteto, artista, bibliotecário, biólogo, cientista, contador, dentista, economista, engenheiro, filósofo, físico, fisioterapeuta, geógrafo, geólogo, historiador, jornalista, matemático, médico, nutricionista, pedagogo, psicólogo, publicitário, químico, sociólogo, terapeuta, etc, além de professor, estudante e interessado. Divirta-se!!! =D

"O estudo é a maior riqueza do ser humano e a luz da vida."

"Vencer na vida não é tudo. Querer vencer é."

"A glória do jovem é a sua força e a beleza dos velhos são as suas cãs."

Tenha um bom futuro e muitos sucessos! Que Deus ilumine a tua mente brilhante!!”

Um abração! =)

- Surdos de Minas Gerais: *“Para unir mais ainda a galera surda de Minas Gerais... Com intenção de marcar encontros para conhecermos uns aos outros.”*

- Universidade dos surdos: *“Comunidade dos Surdos, esta é para surdos e também surdos oralizados, professores, ex-professores e qualquer outra pessoa que estiver estudando na Universidade ou ex-aluno(as) surdos(as). Receberemos de braços abertos a todos que quiserem ser amigos de nós surdos(as). Aqui podemos trocar informações sobre estudos, falta de intérpretes nas universidades, reclamações, diversas, troca de idéias, entre outras coisas. Esta comunidade é para fazer a união entre os surdos e, em especial, os ouvintes amigos dos surdos de Sergipe, Rio de Janeiro, São Paulo,... e de qualquer outra cidade do nosso imenso Brasil. Para quem estiver estudando em Universidade ou ex-Universitário... Seja Bem-Vindo!!”*

- Sou surdo(a) e vc?: *“Olá pessoal, aqui é a comunidade "Sou Surdo. E vc?”. O objetivo é trocar idéias e sugestões sobre filosofia, cultura, educação, comunicação e outras ... Afinal, os Surdos oralizados podem participar quanto aos Surdos Sinalizados. Se algum curioso participar, será bem - vindo por aqui. Sem mais palavras, Então acessam o www.surdospelsurdos.com”*

- Surdos Oralizados-BH: *“É uma comunidade dos surdos oralizados em Belo Horizonte-Minas Gerais. Somos surdos, porém falamos e entendemos "n" coisas por leitura labial. Os curiosos são bem-vindos.:) É uma comunidade voltada para discutir a problemática da surdez no mundo atual. Esta comunidade se propõe a informar e participar sobre vários temas que envolvam assuntos problemáticos comuns dos surdos oralizados na sociedade brasileira. Queremos a integração de todos surdos na sociedade por acreditarmos que é a melhor forma de uma vida plena e feliz. É uma comunidade fundada pelos surdos oralizados e escrito por eles P.S: Os ouvintes podem entrar nesta comunidade á vontade,viu...”*

Nessas comunidades observou-se temas importantes para a compreensão dos elementos que os indivíduos surdos se valem para construir sua identidade. Enquanto algumas comunidades buscam a integração de seus membros, entre si e com ouvintes, outras visam delimitar temáticas a respeito da surdez, além de definir aspectos importantes relativos do que é ser surdo. A comunidade **D.A. não, surdo sim** e a

comunidade ***Surdos Oralizados*** apresentam definições do “ser surdo” que podem ser consideradas exemplares.

Os tópicos de discussão nas comunidades, de uma maneira geral, são sobre a surdez, dúvidas e esclarecimentos sobre determinado ponto considerado por seus membros como polêmico. Além disso, esses fóruns de discussão também servem como local para se fazer novas amizades. O estigma de ser surdo também aparece em algumas comunidades, especialmente quando os surdos discutem sobre suas relações com ouvintes e até mesmo com outros surdos. A oposição entre surdos oralizados e surdos sinalizados foi constatada em vários tópicos de discussão, em especial nas comunidades ***Surdos Oralizados*** e ***Questões sobre surdez***. Alguns debates também relatavam a experiência de surdos com ouvintes, demonstrando certa resistência de alguns surdos em relação aos ouvintes, especialmente daqueles que pouco entendem sobre a surdez, de uma maneira geral. Alguns surdos aqui investigados participavam dessas discussões, seja sugerindo novas idéias para se pensar um determinado assunto (como por exemplo, o namoro entre surdos e ouvintes) ou mesmo dando uma opinião sobre determinado tema.

E essas comunidades, no entanto, podem ser efêmeras, o que se dá devido à natureza das relações em meio virtual, o conflito e a contradição constituem essas agregações na mesma medida que os interesses compartilhados. A comunidade ***Surdos Oralizados-BH***, por exemplo, surgiu e agregou muitos surdos da cidade participantes da rede Orkut. Mas muitos ouvintes ligados aos surdos também passaram a fazer parte da comunidade e os tópicos de discussão acabaram por se tornar um ‘mural’ de avisos e propagandas desses ouvintes. Apesar do aumento do número de participantes (no início desta pesquisa a comunidade contava com 26 membros, ao final da análise dos dados constatou-se que esse número aumentou para 43), a comunidade ***Surdos Oralizados – BH*** ficou praticamente inativa. Apesar disso, essa comunidade foi fundamental para esta pesquisa, pois através dela foi possível “rastrear” os surdos da cidade membros do Orkut.

Os processos de sucessivas identificações entre os surdos da cidade se constroem e se articulam durante as trajetórias percorridas por esses indivíduos, bem como sofrem influências do ambiente social no qual eles estão situados. Em alguns momentos notamos que os surdos que se dizem oralizados se unem em torno de características identitárias comuns para fazer oposição aos surdos sinalizados. Alguns sinalizados acreditam ter na Libras o traço identitário predominante da surdez, posição

que também é defendida por associações e outras entidades. Mas, ao imputar à Libras o caráter fundamental da identidade do surdo, essas entidades, e mesmo esses surdos sinalizados mais engajados, entram em confronto com os surdos oralizados, que não negam sua surdez e afirmam que a experiência de ser surdo ultrapassa a língua de sinais. Percebe-se pelos relatos e pela análise das comunidades que existe um conflito discursivo entre surdos sinalizados e oralizados, embora uma identidade comum (ser surdo) possa ser detectada em uma situação de confronto com os ouvintes. Ainda mais complexa se tornou a questão quando se descobriu indivíduos surdos bilíngües, que se situam a meio caminho das duas situações de identificação. Logo, para pensar identidade surda deve se ter claro que conclusões fechadas a esse respeito podem ser traiçoeiras.

4.3 O estigma e os constrangimentos nas interações sociais dos surdos

Para aquele que ouve, a surdez representa uma perda de comunicação, a exclusão a partir de seu mundo. (...) Ela é a Alteridade, um estigma para se ter pena, e por isso, exilada às margens do conhecimento social (...) seu 'silêncio' representa banimento ou, na melhor das hipóteses, solidão e isolamento. (WRIGLEY, 1995 citado por SKILIAR, 1998. p. 16)

Ao se compreender surdos e ouvintes como atores sociais que interagem uns com os outros nos mais variados contextos culturais e sociais deve-se igualmente reconhecer que as situações de interação entre eles são, em grande parte, tensas. Se interação pressupõe reciprocidade, em situações que a comunicação apresenta discrepâncias, no caso estudado aqui, quando não se domina a língua utilizada pelo outro, a interação pode ser insatisfatória. A reciprocidade, ou seja, a capacidade de elaborar e fornecer uma resposta satisfatória ao que foi dito pelo outro, depende da compreensão da fala. O que se passa entre alguns surdos e ouvintes é uma situação de interação entre indivíduos que dominam línguas diferentes, logo, uma situação que em alguns momentos se revela angustiante e até conflituosa.

Entre os surdos sinalizados e os ouvintes, o embaraço se estabelece quando o ouvinte não domina língua de sinais e o surdo não faz leitura orofacial. Já entre ouvintes e surdos oralizados, a comunicação pode se perder quando o ouvinte não articula bem a sua boca ou quando se vira e interrompe o campo visual do surdo. Para

o ouvinte, a complicação nesse tipo de interação se dá quando a fala de um surdo oralizado não é ou está totalmente articulada.

Segundo Goffman (1988), ao tratar especificamente das interações, dos momentos em que normais e estigmatizados compartilham uma mesma situação social, tanto os portadores de estigma quanto os que não o possuem tendem a elaborar esquemas para evitar tal contato, o que se dá de maneira especial para o estigmatizado. Este seria constrangido nessas interações e teria razões especiais para acreditar que as situações sociais mistas implicam em interação angustiada. O isolamento premeditado pelo portador da marca depreciativa pode torná-lo, de acordo com o autor, desconfiado, hostil, deprimido, confuso e ansioso. Ele pode descobrir-se incerto e inseguro diante da categoria na qual os normais o encaixarão, “*surge no estigmatizado a sensação de não saber aquilo que os outros estão ‘realmente’ pensando dele.*” (GOFFMAN, 1988, p. 23).

Situações de tensão foram exaustivamente relatadas pelos surdos. Por mais que usassem a rede virtual para fazer novas amizades, com surdos ou mesmo ouvintes, alguns surdos viam a surdez como algo ruim, uma restrição para as interações. Esses indivíduos demonstraram muita desconfiança em relação aos ouvintes, isso também foi percebido entre alguns surdos da Praça Sete. Maria Eduarda, surda bilíngüe, relatou que sente certa desconfiança com relação aos ouvintes, evita ficar sozinha na companhia deles quando não são conhecidos dela. Ela também afirmou que se sente constrangida em usar sua voz diante de desconhecidos em reuniões sociais, só o faz em caso de necessidade. A idéia de estar “em exibição” também é um sentimento comum do estigmatizado. Segundo Goffman (1988), nos contatos mistos, pensar que os atos simples podem ser avaliados como uma extraordinária capacidade, bem como os menores erros podem ser evidências do atributo estigmatizante, é uma possibilidade que acompanha o indivíduo portador do estigma.

A resistência aos ouvintes foi explicada em alguns casos pela incompreensão do que o ouvinte está falando. Quando algum ouvinte “*não articula bem a boca ou tem bigodes enormes*”, conforme diz Thaís, a comunicação se perde. Por mais que dominem a leitura labial, alguns surdos informaram que nem sempre conseguem captar tudo o que o ouvinte está dizendo, especialmente em situações em que existem muitos ouvintes conversando.

Muitas vezes quando estou com outras pessoas, e elas estão conversando lá, e eu fico olhando pra uma e olhando pra outra, para fazer a leitura labial, e entender a conversa, acabo não conseguindo acompanhar. No começo eu ficava perguntando o

que era... ficava falando o ‘o quê?’ pra uma e pra outra, mas algumas pediam pra eu esperar, por causa do ritmo da conversa, e acabavam esquecendo. Hoje, as vezes eu até pergunto, mas prefiro não ficar mais perguntando (notei que isso as irrita), e geralmente fico calada na esperança de que me notem (fato que aconteceu raramente). Aconteceu também de ficar rindo junto com as pessoas sem saber do que, e me senti até idiota por me permitir rir de uma coisa que nem sei o que é, por ficar ali feito anônima no meio daquelas pessoas, presente de corpo mas com o pensamento lá longe... sem estar sendo notada. (Raquel)

Leonardo também relatou essa dificuldade, dizendo que “muitas pessoas reclamam que sou muito curioso porque eu fico perguntando ‘o quê?’ ‘o quê está acontecendo ali’ ou ‘o quê que ele falou?’”. Leonardo diz que essas dúvidas não são comuns para ouvintes porque eles escutam, mas os surdos nem sempre conseguem captar tudo. Ele diz ainda: “Porque que eles acham que eu sou curioso? É porque eu quase não entendo o que eles falam, aí eu pergunto muito mais vezes que os ouvintes, só isso...”. Brincadeiras agressivas com a surdez também foram apontadas como razão para o constrangimento, como relata Cristina:

Me sinto irritada quando a pessoa se sente íntima e resolve brincar de maneira agressiva com a surdez. Um dia eu estava no MSN, falando com um amigo com a webcam ligada e ele queria que eu olhasse pra webcam, mas eu estava vendo tv. Daí ele começou a brincar a mandar mensagens assim: ô surda, olha prá cá.(Cristina)

Situações em que os ouvintes imitam ou zombam da voz do surdo foram igualmente indicadas por muitos como algo detestável, “brincadeira de mal gosto”. Outro momento muito comum de tensão relatado é a primeira interação. Muitos surdos disseram que quando o ouvinte percebe a surdez “começam a fazer mímicas ou falar alto como se nós fossemos retardados”, nos informa Leonardo. Viviane, como muitos outros surdos, diz que se chateia quando as pessoas, que sabem que ela é surda e que não escuta a distância, começam a chamar por ela “ou melhor, gritam meu nome, na rua ou em qualquer outro lugar chamando a atenção de todos por perto, menos a minha. [...]As pessoas por perto ficam zombando de você.” Sobre os ouvintes que falam alto Viviane diz que “Eu não gosto quando falam alto achando que dessa forma eu irei ouvir. Quando isso acontece, eu peço a pessoa para falar mais baixo e para fora, pois eu irei escutar e entender através da leitura labial.” Os ouvintes igualmente receberam críticas quando falam de maneira demasiadamente pausada.

Ser tratado como “pobre coitado” ou “aquela carinha de peninha que algumas pessoas fazem quando olham pra gente é de matar”. Segundo Leonardo, essas são

atitudes dos ouvintes que deixam os surdos bastante desconfortáveis. Da mesma maneira os surdos disseram se sentir constrangidos quando são repreendidos por falar alto em alguma conversa. Cristina nos dá um exemplo: *“O que me deixa enfurecida e irritada é quando me empolgo contando um caso e o volume da minha voz vai alto e alguém pede para falar baixo”*. Ela explica que se sente irritada porque *“é como se eu falasse alto de propósito e não porque eu sou surda e não escuto a minha voz. Sinto somente a vibração e por isso perco a noção do volume”*.

A principal razão indicada pela maioria dos surdos para esses comportamentos dos ouvintes foi a ignorância e a falta de informação da sociedade em geral em relação à vida do surdo e das formas de comunicação utilizadas por eles. De acordo com Maria Eduarda, *“Muitas pessoas não conhecem a cultura do surdo, se afastam e têm preconceito. Ninguém entende. Nós, surdos, não somos diferentes de ouvintes. [...] Os surdos também se afastam pela dificuldade de comunicação.”* Percebe-se, assim, o impasse vivido por alguns indivíduos surdos, que desejam interagir de maneira mais efetiva com ouvintes. Em alguns casos, convivem mais com essas pessoas embora encontrem uma série de constrangimentos e dificuldades de comunicação, em parte pela sua surdez, em parte por desconhecimento do ouvinte das maneiras apropriadas para se comunicar com um surdo. Ao fim e ao cabo, o fato de surdos e ouvintes possuírem modos diferentes de comunicação implica em interações cujo entendimento mútuo é seriamente prejudicado, uma vez que a leitura que o surdo faz do mundo é puramente visual, intrinsecamente diferente da orientação auditiva.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho dedicou-se a investigar os limites e as possibilidades de se pensar em uma (ou mais) identidade(s) entre os surdos de Belo Horizonte. Esse esforço se deu concomitantemente a um momento muito particular, em que um crescente e expressivo interesse por questões relativas à inclusão/integração das pessoas portadoras de necessidades especiais aparece tanto nas reflexões acadêmicas quanto em outros setores da sociedade.

O eixo norteador da pesquisa foi uma reflexão sobre a construção da identidade a partir das interações sociais e virtuais dos surdos da cidade de Belo Horizonte. Foram eleitos os surdos frequentadores da Praça Sete de Setembro e os surdos belorizontinos participantes do Orkut como protagonistas desse esforço de se pensar a surdez em sua relação com identidade, estigma e sociabilidade. A concentração de surdos na Praça Sete e a existência de comunidades específicas para surdos no Orkut explicam a escolha por esses espaços.

No que se refere à surdez, acredito que esse fenômeno deve ser compreendido de modo que não se enquadre os indivíduos, que por diversas razões não ouvem, em categorias rígidas, já que a pesquisa revelou que a surdez pode se apresentar de maneira caleidoscópica, uma vez que os vários tipos de indivíduos surdos se identificavam de maneiras diversas, além de se situarem em situações socioeconômicas diferenciadas. Concluí que categorizar e dividir a realidade social entre uma “cultura majoritária ouvinte” e uma “cultura minoritária surda” não contribui para o debate sobre tema. E de maneira similar, considerar aquele que não ouve como pessoa incapaz, tampouco veio a ser uma boa alternativa. Optou-se por uma posição intermediária, que não descartou as limitações e constrangimentos do indivíduo surdo em suas interações, na mesma medida em que buscou compreender as potencialidades e especificidades culturais desses indivíduos nos diversos contextos da sociedade.

Em relação ao grupo de surdos escolhidos neste trabalho, buscou-se compreender as interações múltiplas que esses indivíduos estabelecem entre si e com os outros. Nesse sentido, a análise dos dados revelou que na Praça Sete os surdos se encontravam e se reuniam em grupos, cuja composição não dependia dos atributos objetivos dos membros. Notou-se que dentre os principais objetivos para o encontro na praça estavam as interações baseadas na conversação em língua de sinais. O desejo de

interagir, livre de qualquer motivação material, foi percebido muito claramente nos relatos, embora não se tenha desconsiderado as motivações outras que influenciavam as interações desses indivíduos. A partir do que foi observado, registra-se que entre os surdos investigados, a motivação para a interação é a possibilidade de estar entre iguais, ou seja, poder conversar e se divertir sem maiores constrangimentos. Estar com surdos, conversar com surdos pareceu ser de extrema importância para o desenvolvimento da sociabilidade desses indivíduos.

Verificou-se ainda que entre os surdos da Praça Sete o espaço público tem uma importância considerável, na medida em que propicia o momento de sociabilidade, da conversação. A maioria dos surdos associou uma noção de liberdade a esse espaço, dado que ali poderiam se comunicar sem embaraços. No entanto, não foi percebida nenhuma manifestação de “orgulho de ser surdo”, o que também não pode se deduzir a partir das entrevistas. Concluiu-se que esses indivíduos sofrem constrangimentos nas interações com ouvintes – dadas as diferentes maneiras de comunicação – e encontram na praça a possibilidade de se comunicar com outros indivíduos, que além de sofrerem os mesmos constrangimentos, possuem uma língua em comum, a Libras. O impulso de sociabilidade ficou mais bem delineado nos resultados da observação do que os contornos de uma “identidade surda”.

Quando se trata dos surdos participantes da rede de relacionamentos virtuais Orkut, as nuances de uma construção identitária em relação à surdez se tornam mais nítidas. Eles podem ser vistos como exemplo de um sujeito descentrado e fragmentado, que se identifica através de interesses, fatores e gostos variados, às vezes contraditórios, processo que se desenha nas suas dinâmicas cotidianas, nas suas interações sociais e virtuais.

Outra questão que norteou a pesquisa refere-se à relação entre Libras e a construção de uma identidade surda. Para dar conta de tal problemática, investiguei posicionamento dos surdos em relação a essa modalidade lingüística, percebendo que existe um discurso que imputa à Libras o traço mais marcante da identidade de surdo. Algumas associações e mesmo os surdos mais engajados politicamente vêem a língua de sinais como o elemento que rompe o isolamento do surdo e inaugura para ele um universo social mais vasto. A língua de sinais, no caso específico desse estudo – a Libras –, foi caracterizada pelo grupo citado acima como o traço distintivo mais importante da identidade do surdo, uma vez que implica em uma modalidade de comunicação baseada em parâmetros absolutamente visuais. Esse discurso defende a

idéia de que o indivíduo surdo só se realiza, se integra e adquire uma cultura e identidade própria através da aquisição da Libras, que é entendida como a língua natural do surdo porque prioriza o campo visual.

Todavia, um ponto relevante a ser destacado é que outras maneiras de romper o isolamento social foram indicadas como possíveis ao surdo. Aqueles que se denominavam oralizados preconizavam uma outra alternativa para a inserção do surdo na sociedade, que negava a Libras como única possibilidade para a identidade surda. Essa vertente identitária priorizava a comunicação através da leitura orofacial, possível por intenso treinamento do aparelho fonoarticulatório com profissionais especializados. Entre os oralizados, a comunicação do surdo, se restrita à língua de sinais, implicaria na formação de guetos em uma sociedade cuja forma predominante de comunicação é oral-auditiva. Logo, a linguagem oral é uma outra perspectiva e também se apresentou como possibilidade para a construção de identidade do surdo. Através da análise dos relatos ficou claro que apesar de se comunicarem de maneira diversa à Libras, os surdos oralizados não negam que são surdos e não aceitam ser considerados como inferiores ou piores por essa razão. Logo, percebi que a constituição da identidade para esses surdos está ligada à necessidade de uma língua para constituir o indivíduo como “falante”, mais do que a exigência de uma língua de sinais.

Enfim, percebeu-se, ainda, que a forma como os surdos constroem, mas também acionam suas identidades, como era de se supor, está vinculada aos ambientes sociais que freqüentam. Aquele surdo que trabalha em determinadas instituições, educacionais ou mesmo desportivas, quando ali se encontra, apresenta um discurso que coaduna com os anseios de um determinado grupo, composto tanto de ouvintes quanto de surdos, que “lideram” aquela instituição, refiro-me àquele discurso do Surdo, com letra maiúscula, que vê sua condição de surdo como diferença e que, portanto, faz parte de uma cultura surda.

Tanto nos tópicos de discussão, como nas descrições das comunidades virtuais do Orkut explicitou-se que a sociabilidade virtual dos indivíduos surdos na internet de certa maneira contribuiu para a construção da sua identidade na medida em que se compreende as relações de pertencimento com as comunidades virtuais investigadas. Na pesquisa em meio virtual encontrei aquele mesmo indivíduo pertencendo a uma comunidade que aciona um tipo de identidade diferente daquela acionada pela instituição na qual ele trabalha.

A partir disso, pode-se pensar o “ser surdo” como algo construído socialmente, ou seja, deriva do ambiente social no qual o indivíduo é interpelado. Nas suas interações cotidianas eles escolhem a maneira pela qual querem ser identificados, escolhas que são influenciadas, seja por outros indivíduos ou instituições, seja pelo ambiente “virtual” ou real no qual ele se situa.

Em outro momento, perguntou-se nesta pesquisa se há um conflito entre surdos e surdos oralizados, ou seja, se a identidade surda se constrói em relação aos oralizados, em relação aos ouvintes ou em relação a ambos. A pesquisa revelou que, no meio virtual, há um confronto discursivo entre surdos e surdos oralizados, explicitado de maneira clara. Entretanto, dentre os surdos entrevistados na cidade, especialmente entre os frequentadores da Praça Sete, não foi constatada oposição tão claramente definida como a encontrada no ambiente virtual. Entre os surdos investigados na praça, percebi que não há uma opinião comum sobre ser surdo, embora, palavras como “triste” e “ruim” tivessem sido constantes.

Contudo, percebi que em determinados momentos, esses dois grupos de surdos se unem em oposição aos ouvintes. Tal pode ser constatado quando avaliamos em que medida o estigma constrangia o surdo em suas interações. Ao se entender o estigma como um fenômeno relacional, ficou claro que nos momentos da interação, ou seja, nas relações entre surdos e ouvintes, é comum que os últimos mudem a maneira como tratam os surdos quando percebem a surdez. A incapacidade de escutar vai de encontro à expectativa normativa de ser ouvinte, ocasionando então o estigma de ser surdo, o afastamento, a evitação.

Isso pôde ser constatado de maneira clara nos depoimentos dos surdos acerca das suas relações com ouvintes. De acordo com o que se percebeu nesta pesquisa, muitos ouvintes imputam aos surdos outras características, também depreciativas, a partir da marca geradora de descrédito. Um exemplo é a crença de que o surdo é também mudo e, por isso, incapaz de elaborar pensamento. Assim o mutismo e o retardamento mental são inferidos ao surdo graças à imperfeição original, que é a surdez. Uma das respostas defensivas do surdo notada nas situações observadas nesta pesquisa é o retraimento. Outra, percebida especialmente nas investigações em campo virtual, é a busca de formas de comunicação alternativas, seja a Libras, seja o oralismo, para que dessa maneira se fuja às concepções que atribuem aos surdos características “inferiores” graças à sua condição intrínseca, que é a surdez.

Como vimos neste trabalho, os processos de sucessivas identificações entre os surdos da cidade se constroem e se articulam durante as trajetórias percorridas por esses indivíduos. A tentativa aqui de se compreender e explicar os conflitos entre surdos e ouvintes, surdos oralizados e surdos sinalizados se deu no sentido de iluminar as relações desiguais entre eles, para assim captar elementos que indicassem a construção da identidade. Minha pretensão é que o conteúdo deste trabalho suscite mais discussões e que também sirva como material para debates acerca das vivências e interações dos surdos de Belo Horizonte. Pois, assim como toda luz produz sombras, que as lacunas que por ventura forem identificadas nesse trabalho sirvam para iluminar outros aspectos relativos aos surdos, dado que o preço pago por eles pelo desconhecimento da sociedade em relação ao seu modo de vida se mostrou deveras muito alto.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Rita. **Antropologia e Internet: Pesquisa e campo no meio virtual**. 2001.

Disponível em: <www.n-a-u.org/Amaral1-a.html>

Acesso em junho de 2006.

ANDRADE, Luciana Teixeira de. **A Belo Horizonte dos modernistas: representações ambivalentes da cidade moderna**. Belo Horizonte: Ed. PUC-Minas, C/Arte, 2004.

ARAÚJO, Wânia Maria de. **População de Rua em Belo Horizonte: a reinvenção de espaços domésticos no improviso da moradia**. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais: gestão das cidades) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

BATISTA, Cristina Abranches Mota. **A inclusão da pessoa portadora de deficiência no mercado formal de trabalho**. 2002. 246f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais: Gestão de Cidades) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

BOTELHO, Paula. **Segredos e silêncios na Educação dos Surdos**. Belo Horizonte: Autentica, 1998.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. **Política Nacional de educação especial**. Brasília: MEC, SEESP, 1994.

BUENO, José Geraldo Silveira. **Surdez, Linguagem e Cultura**. Cad. CEDES vol.19 n.46 Campinas Sept. 1998.

CARMO, Apolônio Abadio do. **Deficiência física: A sociedade brasileira cria, recupera e discrimina**. Brasília: Secretaria dos desportos/ PR, 1991.

CARVALHO, Marco Eliel Santos de. **A construção das identidades no espaço urbano: A Praça Sete como representação da sociabilidade em Belo Horizonte**. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais: Gestão de Cidades) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

CHAGAS, Ana Maria de Rezende. **O portador de deficiência no Brasil**. Brasília: CORDE, 1998.

CORDE. **Programa de ação mundial para as pessoas com deficiência**. Brasília: Ministério da Justiça. Secretaria Nacional dos direitos humanos, 1997.

DAHME, H. J. RAMMSTEDT, O. A modernidade atemporal dos clássicos da sociologia. In.: SOUZA, Jessé. ÖELZE, Berthold (orgs.). **Simmel e a Modernidade**. Brasília: Ed.UNB, 1998.

DORZIAT, Ana. **Deficiente Auditivo e Surdo: uma reflexão sobre as concepções subjacentes ao uso dos termos**. Disponível em:

<http://www.geocities.com/flordepessegueiro/html/surdez/deficiente_auditivo_e_surdo.htm>. Acesso em março de 2006.

DURHAM, Eunice. A Pesquisa Antropológica com Populações Urbanas: Problemas e perspectivas. In.: Cardoso, Ruth C.L. (org.) **A Aventura antropológica: teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

FELIPE, Tanya. **LIBRAS em Contexto - Curso Básico - Livro do Professor**. MEC/SEESP/FNDE. 2001.

FENEIS. **Relatório Anual - 2002**. [S.L.]: [s.n.], 2002.

FENEIS. **Surdez? Que problema é esse no Brasil?** Belo Horizonte: [s.n.], 1995.

FERREIRA – BRITO, Lucinda. **Integração social e surdez**. Rio de Janeiro: Babel Edit, 1993.

FONSCECA, Vera Regina J. R. M. **Deficiência auditiva: A trajetória da infância à idade adulta**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

FORTUNA, Carlos. Espaço público urbano e Cultura em Portugal. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Nº 52/53, novembro de 1988, fevereiro de 1999.

GENTILI, P. **Globalização excludente. Desigualdade, democracia e exclusão na nova ordem mundial**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: RTC Editora S.A., 1989.

GODOY, Andréa. **Cartilha da inclusão dos direitos das pessoas com deficiência**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2001.

GÓES, Maria Cecília Raquel de. **Linguagem, surdez e educação**. Campinas: Editora Autores Associados Ltda, 1996.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

GARCEZ, Regiane Lucas de Oliveira. **Entre o silêncio e a visibilidade: O Orkut como espaço de luta por reconhecimento do movimento social dos surdos**. In: I Congresso Anual da Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação e Política. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2006. Disponível em: <www.poscom.ufba.br/congresso/pdf/scat5/Garcez_2006>. Acesso em jan. 2007.

GUARINELLO, Ana Cristina. **A visão de um grupo surdo a respeito de sua comunicação e sua comunidade**. JBF: Jornal Brasileiro de Fonoaudiologia. Curitiba: Maio. V.2, n.8 . Jul/set 2001. p. 221-223.

GUIMARÃES JUNIOR, J.L. **O Ciberespaço como cenário para as Ciências Sociais**. In: IX Congresso Brasileiro de Sociologia. Porto Alegre, set. 1999. Disponível em: <www.cfh.ufsc.br/~guima/paper/ciber_cenario.html>. Acesso em dez.2006.

GUIMARÃES JUNIOR, Mário J. L. **Etnografia em ambientes de sociabilidade virtual multimídia**. In: X Ciclo de Estudos sobre o Imaginário – Imaginário e Cibercultura, Recife, nov. 1998. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~guima/papers/etn_palace.html>. Acesso em jan. 2007

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias Qualitativas em Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1992.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HALL, Stuart. **A questão da identidade cultural**. Campinas: UNICAMP/ IFCH, 1997.

JAYME, Juliana Gonzaga. **Travestis, transformistas, transexuais, drag-queens: Personagens e máscaras no cotidiano de Belo Horizonte e Lisboa**. Campinas, s.n., 2001. Tese de doutorado.

KLEIN, Madalena. LUNARDI, Márcia Lise. **Surdez, território de fronteira**. Educação Temática Digital. Campinas, v.7, n.2, p.14-23, jun.2006.

LAPLATINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 1998. 260p.

LEMOES, André. **Ciber-socialidade: Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea**. (s/d). Disponível em <<http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/cibersoc.html>>. Acesso em out. 2006.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. RBCS, vol.17, n. 49. Jun 2002.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Bronislaw Malinowski: antropologia**. São Paulo: Ática, 1986. 192p.

MANTOAN, T.E. (org.). **A integração das pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema**. São Paulo: Memnom, SENAC, 1997.

MORAES FILHO, Evaristo. Formalismo sociológico e a teoria do conflito In.: MORAES FILHO, Evaristo (org.). **Georg Simmel: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

MOURA, M. C. **O surdo, caminhos para uma nova identidade**. Rio de Janeiro: REVINTER-FAPESP, 2000.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. A categoria da (des)ordem e a pós-modernidade – uma antropologia. In: CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Pós – modernidade**. Campinas, Editora da UNICAMP, 1998.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira, 1976.

PFEIFER, Paula Veras. **Pensando a integração social dos sujeitos surdos: uma análise sobre a escolha da modalidade lingüística – língua de sinais ou língua oral – pela família.** 2003. 83f. Monografia (conclusão de curso) – Universidade Federal de Santa Maria, Curso de Ciências Sociais, Santa Maria.

PEREIRA DA SILVA, Adelina Maria. **Ciberantropologia: O estudo das comunidades Virtuais.** Universidade Aberta, 2004a. Disponível em : <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-adelina-ciberantropologia.html>>. Acesso em jan. 2007.

PEREIRA DA SILVA, Adelina Maria. **Mundos reais, mundos virtuais. O s jovens nas salas de chat.** Universidade Aberta, 2004b. Disponível em : <www.bocc.ubi.pt>. Acesso em jan. 2007.

PERLIN, Gládis. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos. **A surdez: Um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Mediação, 1998.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de Surdos: A aquisição da Linguagem.** Porto Alegre: Artmed, 1997.

REDONDO, Maria Cristina Fonseca. **Deficiência auditiva.** Brasília: MEC, Secretaria de educação à distancia, 2001.

RODRIGUES, Marly. **A década de 80: Brasil, quando a multidão voltou às praças.** São Paulo: Ática, 1999.

SÁ, Nídia Regina Limeiro de. **Cultura, poder e educação de surdos.** Manaus: EDUA, 2002.

SACKS, Oliver W. **Vendo Vozes: Uma jornada pelo mundo dos surdos.** São Paulo: Cia das Letras, 1998.

SANTANA, Ana Paula. BERGAMO, Alexandre. **Cultura e identidade surdas: Encruzilhadas de lutas sociais e teóricas.** Educação e Sociedade. Campinas, vol.26,n.91, p.565 – 582, Maio/Ago. 2005. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em out. 2006.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos.** Rio de Janeiro: WVA, 1999. 3 ed.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: O.G. Velho. **O fenômeno urbano.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

SIMMEL, Georg. O estrangeiro. In.: MORAES FILHO, Evaristo (org.). **Georg Simmel: Sociologia.** São Paulo: Ática, 1983.

SIMMEL, Georg. O problema da sociologia. In.: MORAES FILHO, Evaristo (org.). **Georg Simmel: Sociologia.** São Paulo: Ática, 1983

SIMMEL, Georg. **Sociologia.** São Paulo: Ática, 1983.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade – Um exemplo de sociologia pura ou formal. In.: MORAES FILHO, Evaristo (org.). **Georg Simmel: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

SKLIAR, Carlos. **A surdez: Um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SOARES, Maria Aparecida Leite. **A educação do surdo no Brasil**. Campinas: Editora Autores Associados Ltda, 1999.

STROBEL, Karin Lilian. DIAS, Silvana Maia Silva (orgs). **Surdez: Abordagem Geral**. FENEIS. APTA Gráfica e Editora, Curitiba, 1995.

VELHO, Gilberto. Memória, Identidade e Projeto. In: **Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro, Zahar, 1994.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In.:NUNES, Edson de Oliveira. **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VIANNA, H. Fragmentos de um Discurso Amoroso (carioca e quase virtual). In: VIANNA, H. (org.). **Galeras cariocas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

WERNER, Claudia. **Sociedade Inclusiva: Quem cabe no seu todos?** Rio de Janeiro: WVA, 1999.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In:SILVA, Tomas Tadeu da (org.) **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista com os surdos freqüentadores da Praça Sete

Nome:.....

Idade:.....

- 1) Você vem à Praça Sete com que freqüência?
- 2) Por que vem à Praça Sete?
- 3) Você mora e estuda/trabalha onde?
- 4) Qual a sua idade?
- 5) Há outro(s) surdo(s) em sua família? Quantos e qual a relação de parentesco?
Como é a comunicação entre você e os membros da sua família?
- 6) Como é sua comunicação com os ouvintes?
- 7) Você tem amigos surdos? E ouvintes? Em geral você anda mais com surdos ou ouvintes?
- 8) Prefere conversar com surdos ou com os ouvintes?
- 9) Há outro lugar, além da Praça Sete, onde você costuma encontrar outros surdos para conversar? Você freqüenta esse(s) lugar(es)? Por quê?
- 10) Você nasceu surdo? Se não, conte como e quando você se tornou surdo.
- 11) Aprendeu a LIBRAS? Quando? Onde aprendeu?
- 12) O que pensa sobre LIBRAS?
- 13) Estudou (e/ou estuda) em escola especial para surdo? Por quê?
- 14) Você conhece alguma associação ou sociedade de surdos? Participa? Por quê?
- 15) O que é ser surdo pra você?
- 16) Você sai de noite ou no fim de semana? Aonde você vai? Bares, cinemas, festas etc.
- 17) Você freqüenta ambientes em que não há surdos? O que sente?
- 18) Você sabe ler lábios?
- 19) Você prefere conversar com surdos que sabem LIBRAS ou com aqueles que lêem lábios? Por quê?
- 20) Você prefere ser chamado de surdo ou Deficiente Auditivo? Por quê?

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista com surdos usuários da internet

Nome:.....

Idade:.....

- 1) Onde você mora (só o bairro)?
- 2) Qual a sua idade?
- 3) Você trabalha? Onde?
- 4) Você estuda? Onde?
- 5) Onde você acessa a internet?
- 6) Há outros surdos na sua família? Quantos são? Qual o parentesco?
- 7) Como você se comunica com a sua família?
- 8) Como é sua comunicação com os ouvintes?
- 9) Você tem amigos surdos? E ouvintes?
- 10) Em geral você anda mais com surdos ou ouvintes? Por quê?
- 11) Você prefere estar com os surdos ou com os ouvintes? Por quê?
- 12) Em que lugares você encontra surdos pra conversar?
- 13) Você nasceu surdo (a)? Se não, conte como ficou surdo (a).
- 14) Você aprendeu a LIBRAS? Quando e por quê?
- 15) O que é ser surdo pra você?
- 16) Você sai à noite ou em fins de semana? Pra onde vai e com quem (surdos ou ouvintes)?
- 17) Você frequenta ambientes em que não há surdos? O que sente?
- 18) Você sabe ler lábios?
- 19) Você prefere conversar com surdos que sabem LIBRAS ou com aqueles que lêem lábios? Por quê?
- 20) Você faz parte da comunidade “Surdos-Oralizados BH” no Orkut? Por quê?